

**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**INSTITUTO DE ESTUDOS POLÍTICOS**

**Mestrado em “Ciência Política, Governação e Relações Internacionais”**  
**(Parceria IEP-UCP/UCM)**

**O FUNDAMENTALISMO ISLÂMICO E O TERRORISMO.**  
**DAS ORIGENS AOS DESAFIOS PARA O SÉCULO XXI**

**Beira**  
**2012**

ROBERTO CARLOS RAMOS

**O FUNDAMENTALISMO ISLÂMICO E O TERRORISMO.  
DAS ORIGENS AOS DESAFIOS PARA O SÉCULO XXI**

Dissertação elaborada no Curso de Mestrado em “Ciência Política, Governação e Relações Internacionais”, para obtenção do título de Mestre, sob orientação do General (Ref.) Manuel Fernando Vizela Cardoso.

**Beira  
2012**

À minha família, aos Irmãos de La Salle e aos amigos especiais,  
pelo apoio e confiança em todos momentos.

## **AGRADECIMENTOS**

À minha família - Paulino, Idene, Ricardo e Rafael - pela presença, apoio e incentivo, mesmo distantes.

Aos professores do curso da Universidade Católica Portuguesa, que me ajudaram a ampliar horizontes com sábias orientações, aumentaram o espírito crítico sobre a sociedade política internacional, impulsionaram a autonomia no estudo e permitiram superar os desafios às minhas capacidades pessoais.

Ao General Manuel Fernando Vizela Cardoso, orientador desta dissertação, que despertou e inseriu nos estudos do fundamentalismo e terrorismo islâmico, o meu agradecimento especial pelo auxílio e pela orientação apesar da distância, com a minha admiração e reconhecimento pela sua amizade.

Aos Irmãos Lassalistas, especialmente os das Comunidades de Moçambique, de Napoli (Itália), e de Porto Alegre (Brasil), pela oportunidade, apoio, confiança e condições oferecidas.

Aos meus amigos, que estimo muito, que dedicaram tempo e esforços e para me ajudar; aos meus colegas de estudo e a todos que, de diversas formas, fazem parte da minha vida.

“Nas semanas seguintes à tragédia do 11 de Setembro, houve um verdadeiro interesse em entender “Por quê”.  
*Por que* “eles” nos odeiam? *Por que* estão preparados para se suicidar?  
*Por que* uma coisa como essa aconteceu.  
Essa curiosidade diminui e está sendo substituída por outras perguntas:  
Como isso aconteceu? *Quantos* “deles” existem?  
*Quantos* “restam” para serem capturados e mortos?  
Qualquer um que tente “explicar” as raízes da ameaça que agora nos defronta, responder aos “porquês”, descobrir quem são “eles”, arrisca-se a ser descartado como incompetente ou covarde.  
Perguntar “por quê” é abrir-se à acusação de falta de coragem moral para enfrentar a “verdadeira” ameaça e à necessidade de fazê-lo por meio da força e da agressão.  
Muitos caracterizam essa ameaça, de modo perigoso e equivocado, como se estivesse enraizada num “choque de civilizações”.  
Essa atitude, não apenas favorece os extremistas, mas, ao reduzir a importância das verdadeiras causas, arrisca-se a estimular o emprego de táticas contraproducentes.  
Com este trabalho, espero equilibrar a balança.  
Ao ver bombas caindo sobre Tora Bora, perguntei-me *por quê*.  
Esta é uma tentativa de encontrar alguma resposta.”  
(BURKE, Jason. 2007:19).

## RESUMO

Este estudo visa conhecer o fundamentalismo islâmico e a sua simbiose com o terrorismo. Procurarei caracterizar o fundamentalismo islâmico idêntico e identificar a tipologia essencial do terrorismo *jihadista*, a mutação ocorrida na forma atual de fazer terrorismo, identificando a natureza, as motivações, os objetivos e as consequências para o mundo global contemporâneo, principalmente com a entrada de novos atores assimétricos, como a Al-Qaeda. O terrorismo tem provocado muita insegurança na sociedade ocidental. A ameaça difusa do terrorismo fundamentalista islâmico é percebida como usurpadora da liberdade e tem comprometido seriamente a segurança coletiva, sendo capaz de colocar em causa as estruturas basilares do estado-nação. Naturalmente, perceberemos que, da parte dos fundamentalistas islâmicos, existe ódio ao ocidente, principalmente aos Estados Unidos da América e a Europa, pois as suas políticas de imposição cultural, o regime político imposto a países do Médio Oriente e, principalmente, os interesses económicos, motivados pelo petróleo, tem provocado uma grande revolta no mundo árabe, acompanhada da consequente expansão do islamismo. Por isso, vemos islamitas radicais, prontos a entregar sua vida em nome de Deus, como mártires, produzindo atos de terror contra o profanador, como forma de proteger e expandir a sua cultura e a sua religião. Aqui residirá um dos grandes desafios deste século: encontrar soluções que permitam aplacar o crescimento dos radicais terroristas islâmicos, através dos sistemas de informações, de segurança, dos militares e, principalmente, da mudança das políticas ocidentais diante do Médio Oriente. Concluirei apresentando diversas hipóteses de solução, estratégias a adotar pelos estados e pela sociedade civil, para combater o terrorismo global, a partir de uma abordagem positiva, construtora da paz nas relações fraternas entre as culturas diversas, que são muito mais eficazes e não violam os valores humanos universalmente conhecidos.

**Palavras-Chave:** Fundamentalismo Islâmico. Terrorismo. Segurança. Ameaça. Estratégia.

## ABSTRACT

The present study research pretends to explain about the Islamic fundamentalism and its symbioses with the terrorism. I'll try to characterize the identic fundamentalism and identify the essential typology of the *jihadist* terrorism, the mutation occurred in the forms of actual terrorism, nature, motivations, objectives and the consequences for the contemporary global words, mostly with the joining of new asymmetric actors like the Al-Qaeda. The terrorism has caused much insecurity at the occidental society. The widespread threat of the Muslim fundamentalist terrorism is perceived as a usurper of liberty and it has also compromised the collective security, being able to cause destruction of the basic structures of the state-nation. Naturally, we understand that from the Muslim fundamentalist part; they hate the occident, especially the United States of America an the Europe, because of their politic of cultural imposition, a political regime imposed of the Middle East countries, and most of all the economic interest, motivated by the petroleum, it has caused a great revolt in the Arabic world, which also has, as a purpose, the expansion of the Muslim. As a reaction, they are seen as radical Muslims, capable of sacrificing their own in God's name, they die as martyr, causing acts of terrorism against the invasive, as a way of protecting and expanding their own culture and religion. That's where the greatest challenge of the century will dwell: that is to find solutions that prevent the development of the Muslim radical terrorists, through the system of information, security, military and, especially the change of the occidental politics before the Middle Orient. And we will achieve closure by presenting many hypotheses solutions and strategies, together with the states and civil societies, fighting the global terrorism, this means positive view, constructor of peace in fraternal relationship between different cultures, which are more efficient and do not violate the universal human values.

**Key words:** Islamic Fundamentalism. Terrorism. Security. Threats. Strategies. Information.

## **Lista de Abreviaturas**

**CIA** – Central Intelligence Agency.

**ETA** – Euskadi ta Askatsuna ou Pátria Basca e Liberdade.

**EUA** – Estados Unidos da América.

**FMI** – Fundo Monetário Internacional.

**FPLP** – Frente Popular para a Libertação da Palestina.

**GRAPO** – Grupos de Resistência Antifascista Primeiro de Outubro.

**IRA** – Exército Republicano Irlandês.

**MB** – Banco Mundial.

**OLP** – Organização para a Libertação da Palestina.

**ONU** – Organização das Nações Unidas.

**OTAN** – Organização do Tratado do Atlântico Norte.

**RFA** – República Federal da Alemanha.

**TWA** – Trans World Airlines.

**URSS** – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

**WTC** – World Trade Center.

## ÍNDICE

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>12</b>
<b>2. O FUNDAMENTALISMO ISLÂMICO</b> .....	<b>15</b>
2.1 Considerações históricas .....	15
2.2 Caracterização do fundamentalismo islâmico .....	21
2.3 Correntes islâmicas atuais .....	22
2.3.1 <i>O neofundamentalismo islâmico</i> .....	24
2.3.2 <i>Movimentos islâmicos antiocidentais</i> .....	28
2.4 Conflitos internacionais do mundo islâmico .....	31
2.5 O conflito no Médio Oriente: Árabes x Judeus .....	36
<b>3. O TERRORISMO</b> .....	<b>42</b>
3.1 As origens do terrorismo .....	42
3.2 Natureza do terrorismo .....	49
3.3 Moderna concepção de terrorismo .....	54
3.4 Segurança e liberdade .....	58
3.5 O terrorismo como ameaça à comunidade internacional .....	62
<b>4. FUNDAMENTALISMO ISLÂMICO E O TERRORISMO</b> .....	<b>69</b>
4.1 O terrorismo islâmico .....	69
4.2 <i>A Jihad</i> e o terrorismo .....	78
4.3 Grupos terroristas islâmicos .....	86
4.4 Movimentos extremistas no ocidente .....	88
<b>5. TERRORISMO FUNDAMENTALISTA ISLÂMICO: DESAFIOS E AMEAÇAS PARA O SÉCULO XXI</b> .....	<b>94</b>
5.1 Nova radicalização do terrorismo .....	94
5.2 Incremento do terrorismo radical .....	98
5.3 Perspectivas do terrorismo fundamentalista islâmico .....	102

<b>6. POLÍTICAS E ESTRATÉGIAS INTEGRADAS DE PREVENÇÃO, DE PROTEÇÃO E DE COMBATE AO TERRORISMO ISLÂMICO.</b> .....	<b>109</b>
6.1 Combater o terrorismo islâmico?.....	109
6.2 Políticas e estratégias integradas contra o terrorismo radical islâmico .....	111
6.2.1 <i>Respostas políticas e diplomáticas</i> .....	112
6.2.2 <i>Os sistemas de informações</i> .....	115
6.2.3 <i>As forças militares e de segurança</i> .....	117
6.2.4 <i>Estratégia de policentralidade</i> .....	120
6.2.5 <i>Estratégia de motivações positivas</i> .....	122
6.2.6 <i>Dispersão da atenção mediática</i> .....	124
6.2.7 <i>Garantia dos Direitos Humanos internacionais</i> .....	126
6.2.8 <i>Construção continuada da paz</i> .....	130
<b>7. CONCLUSÃO</b> .....	<b>134</b>
<b>8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>137</b>

Universidade Católica Portuguesa

Instituto de Estudos Políticos

PARECER

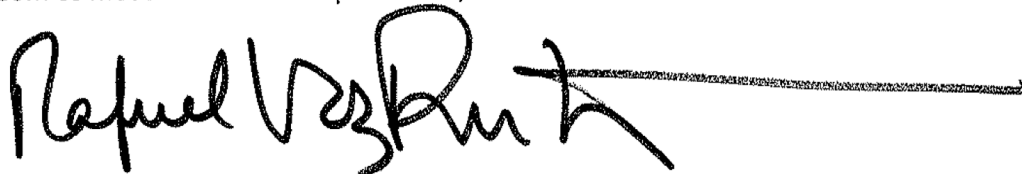
No âmbito do Mestrado em Ciência Política, Governação e Relações Internacionais IEP-UCP/UCM, o aluno Roberto Carlos Ramos apresentou um projecto de tese intitulado «O Terrorismo de Matriz Radical Religiosa: das Origens aos Desafios para o Século XXI». O projecto revela empenho e interesse do aluno e o tema escolhido é de grande pertinência.

No entanto, o projecto apresentado parece-me muito ambicioso. Chamo também a atenção para o facto de que, ao contrário do que o título possa sugerir, a descrição do projecto visa especificamente o terrorismo ligado ao fundamentalismo islâmico e não uma análise do terrorismo de matriz radical religiosa. Nesse sentido, o título poderia ser melhorado de modo a reflectir claramente o trabalho proposto.

O aluno propõe-se trabalhar um tema demasiado vasto - o fundamentalismo islâmico e o terrorismo - para uma tese de mestrado, o que revela coragem, mas pode levantar questões relativas à sua exequibilidade. Estas questões são reforçadas pela calendarização proposta pelo aluno e que me parece claramente insuficiente para um trabalho tão ambicioso. Nesse sentido, parece-me mais adequado circunscrever as balizas temporais bem como os grupos/grupo específicos a analisar.

Pelas razões expostas sou favorável à aprovação deste projecto e congratulo o aluno e o seu supervisor embora chamasse a atenção para as duas reservas mencionadas em epígrafe.

Com os meus melhores cumprimentos,

A handwritten signature in black ink, reading 'Raquel Vaz-Pinto'. The signature is written in a cursive style and is followed by a long horizontal line that ends in an arrowhead pointing to the right.

Lisboa, 1 de Agosto de 2011

Raquel Vaz-Pinto

Instituto de Estudos Políticos

Universidade Católica Portuguesa

## **1. INTRODUÇÃO**

O fundamentalismo islâmico e o terrorismo que se associa, são os fenômenos que, nas últimas décadas, mais visibilidade ganharam na sociedade e nos seus meios de comunicação, para além de provocarem amplas discussões e suscitarem preocupações políticas e de segurança no mundo inteiro. Trata-se, pois, de uma matéria de extrema importância e atualidade, cuja análise constitui um desafio e justifica a preferência na escolha deste tema.

O objetivo da presente dissertação é abordar as origens e a problemática que envolve o fundamentalismo islâmico e a sua expressão de violência, manifestada através do terrorismo que tem vindo a ser desencadeado, especialmente contra o chamado “mundo ocidental”, articulando essa abordagem com a busca de soluções para a crise civilizacional que provoca, traduzidas em formas de prevenção, de proteção e de combate a este tipo específico de ameaça.

A questão central à volta da qual se desenvolverá a dissertação e que exprime o objetivo que se pretende analisar, é o fundamentalismo islâmico e a sua manifestação de violência - o terrorismo - procurando-se conhecer, nomeadamente, as suas origens, as suas ligações, a atual situação e quais as possíveis modalidades para prevenir e enfrentar as ameaças que provocam à segurança dos cidadãos, das sociedades e dos estados.

Com base na pesquisa bibliográfica, serão abordados e desenvolvidos os conceitos fundamentais, que permitam entender os fenômenos inerentes ao tema proposto, numa compreensão crítica e analítica da religião e da ideologia islâmica, da simbiose entre o fundamentalismo islâmico e o terrorismo, das políticas ocidentais para o Médio Oriente, que

terão originado ódio e motivado ameaças e das perspectivas para o século XXI. Por fim, serão apontadas algumas possíveis medidas de prevenção, de proteção e de combate ao terrorismo de origem fundamentalista islâmica.

O estudo das origens do fundamentalismo islâmico, irá também abordar o surgimento do terrorismo que lhe está associado, cometido por aqueles cujas motivações estão enraizadas na interpretação radical do livro sagrado do islamismo - o Corão.

O ódio ao ocidente, que se observa em grande parte do mundo islâmico, poderá resultar da imposição da sua cultura e da sua “liberdade”, com que, por vezes, tem ofendido os costumes locais, jogado interesses políticos e económicos e, inclusivamente, levado ao uso da força militar contra países islâmicos, para atingir os seus objetivos.

Alguns grupos radicais islâmicos, como a Al-Qaeda, incorporaram uma estratégia de realizar violentas ações de terrorismo, que têm como objetivo a libertação da influência ocidental no Médio Oriente, com especial incidência para a resolução do conflito Israelo-Árabe.

Serão analisadas as características, as formas e as especificidades do terrorismo de origem fundamentalista islâmica, cujo alvo principal são as sociedades ocidentais, consideradas como causadoras daquele radicalismo.

Passada a primeira década do século XXI, permanece este novo tipo de terrorismo, de carácter transnacional, que a globalização facilita e que constitui um grande desafio para o mundo atual.

O ocidente tem recorrido a soluções militares para combater este flagelo; mas os seus efeitos têm-se revelado contrários, aumentando a hostilidade dos terroristas, pois a violência praticada pelos ocidentais torna-os iguais aos que combatem. Por isso, a insegurança mundial em relação ao terrorismo, apresenta um crescimento preocupante que deverá ser contido.

Serão igualmente apresentadas algumas modalidades de políticas e de estratégias integradas, de prevenção, de proteção e de combate ao terrorismo islâmico. Visam contribuir para solucionar ou eliminar o problema em questão, nomeadamente através de iniciativas políticas e diplomáticas, do recurso ao uso de forças militares e de segurança, a sistemas de informações, a estratégia de motivação positiva, à dispersão da atenção mediática, à garantia dos direitos humanos e à construção continuada da paz.

O grande desafio para o século XXI parece passar por superar as concepções fundamentalistas e abrir espaço para o diálogo intercultural e para a criação de um ambiente de harmonia nas relações entre os dois blocos.

Por fim, as conclusões procurarão identificar as principais alternativas para responder à questão central, inicialmente colocada e que foram enunciadas como possíveis soluções para prevenir, proteger e fazer face às ameaças provenientes do terrorismo de matriz religiosa radical.

E porque não deveremos nos esforçar para apresentar, como projeto para a sociedade civil, as políticas e estratégias com base numa abordagem positiva, construtora da paz, nas relações fraternas entre as culturas diversas, que são soluções muito mais eficazes e que não violam os valores humanos universalmente aceites?

No desenvolvimento do presente trabalho, houve necessidade de reajustar o projeto de dissertação submetido à aprovação da coordenação do curso, por forma a prevenir a repetição de assuntos em capítulos diferentes e reduzir a extensão do texto ao limite determinado (35.000 palavras). Foram tidas em consideração as reservas mencionadas no parecer de 01 de agosto de 2011, que aprovou o projeto de dissertação.

## **2. O FUNDAMENTALISMO ISLÂMICO**

### **2.1 Considerações históricas**

O islamismo é uma religião monoteísta, surgida no século VII e fundada pelo profeta Maomé, que viveu entre 570 e 632 da nossa era.

“Maomé foi um guerreiro, mercador, filósofo, juiz e um radical reformador social. A comunidade de Meca, cidade onde cresceu, era repleta de desigualdades sociais, ambição, violência, tribalismo e partidarismo.”<sup>1</sup>

Para ele, essa situação era simbolizada pelo politeísmo praticado na região. As guerras e disputas entre as tribos árabes eram constantes, o que as tornava vulneráveis à ameaça das “potências” da época: os persas e os romanos bizantinos.<sup>2</sup>

Após a sua criação, o islamismo estendeu-se, ao longo dos séculos, de Marrocos até à Indonésia, incluindo a Turquia e regiões da África Negra, da Rússia e da China e, presentemente, continua a ser religião que mais cresce no mundo, tendo hoje cerca de 1,8 mil milhões de fiéis; pensa-se que, dentro de alguns anos, seja a religião mais numerosa da humanidade.

Posterior ao cristianismo e ao judaísmo, entende-se ser o islamismo a síntese superior de ambos e o seu necessário aperfeiçoamento.

O termo “islão” significa fundamento, submissão total a Deus; porém o seguidor do islamismo “não é um guerreiro nem um fundamentalista.”<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> BURKE (2007:45).

<sup>2</sup> Id. (2007:45).

<sup>3</sup> BOFF (2009: 24).

Trata-se de uma religião extremamente simples - o que explica em parte a sua divulgação e crescimento - sustentada por cinco pilares:

1. A oração ritual, cinco vezes ao dia, feita na direção de Meca;
2. A peregrinação a Meca, feita uma vez na vida;
3. O jejuar do nascer ao pôr do sol, durante o ramadão, o nono mês lunar;
4. O dar esmola como forma de partilha e de agradecimento a Deus, doador de todos os bens;
5. O professar que Alá é o único Deus e Maomé o seu profeta.<sup>4</sup>

O islamismo, por si, já “nasceu fundamentalista e expansionista.”<sup>5</sup> As suas crenças têm origem e baseiam-se apenas na revelação de um livro - o Corão - que o próprio Maomé diz ter escrito com a inspiração divina.

Nele se pode ler, em várias passagens, “que são obrigações do crente islâmico subjugar os infiéis, persegui-los, fazer-lhes a guerra santa – *Jihad*.”<sup>6</sup> Ou seja, o islamismo surgiu voltado para a sua expansão a qualquer custo. A conquista faz parte de sua identidade.

Os “muçulmanos fundamentalistas, por sua vez, são aqueles que concordam em matar os chamados infiéis, através da *jihad* e em nome da defesa dos princípios do islão.”<sup>7</sup>

Para Sutti; Ricardo<sup>8</sup>, a história do fundamentalismo islâmico nos séculos passados, revela-nos que sempre esteve em conflito com outras religiões.

De fato, dos séculos VII ao XII, deu-se a expansão do islão, pela conquista e ocupação dos lugares sagrados para os cristãos, como a Terra Santa, os territórios evangelizados por São Paulo, a Ásia Menor e as igrejas pastoreadas por Santo Agostinho e São Cipriano no Norte da África. Em 711 inicia-se a invasão e a ocupação de quase toda a Península Ibérica, que irá manter-se até meados do século XV.

---

<sup>4</sup> BOFF (2009: 25).

<sup>5</sup> CARMO (2010).

<sup>6</sup> Id. (2010).

<sup>7</sup> SUTTI; RICARDO (2003: 105).

<sup>8</sup> BOFF (2009: 29-30).

Dos séculos XII ao XIV, decorreu a reconquista cristã, quer através das cruzadas, quer por ação dos próprios povos ibéricos subjogados, culminando com a expulsão dos muçulmanos de Espanha, em 1492.

Entre os séculos XV e XVI, a resposta muçulmana a esta grande ofensiva cristã, resultou na conquista de Constantinopla (1453), na ocupação dos Bálcãs e no avanço sobre a Europa oriental, contida na Itália com intervenção do império espanhol, em Lepanto, em 07 de outubro de 1571, representando esta batalha o fim da expansão do islamismo no mediterrâneo oriental.

Porém, nos séculos XIX e XX, as principais potências ocidentais passaram a dominar e a colonizar vastos territórios islâmicos em África, no Médio Oriente e no Extremo Oriente, usando a sua maior capacidade militar, a exploração económica e a imposição cultural e religiosa.

Já no século XX, após a segunda guerra mundial, as mesmas potências ocidentais deixaram de controlar e orientar a evolução dos povos islâmicos. “Os muçulmanos sacodem o jugo que faz pesar sobre eles a tutela europeia e reivindicam o direito de disporem de si mesmos. A era do equilíbrio entre o bloco Atlântico e a Eurásia, abre-lhes boas perspectivas.”<sup>9</sup>

Nessa época e diante deste contexto, os muçulmanos “julgaram estar-lhes reservado um lugar no mundo e decidem-se pela luta para o conquistar.”<sup>10</sup> Porém, para serem poder no sistema político internacional, teriam de ter a capacidade para impor, a sua vontade como um todo.

A ideia contida na doutrina do islão, era a da unidade global e multifacetada de todos os muçulmanos, numa estrutura de sociedade cujos princípios foram enunciados pelo Maomé: O humanismo, o igualitarismo, a justiça social, a justiça económica, a integridade e a

---

<sup>9</sup> BACELAR (1987: 06).

<sup>10</sup> Id. (1987: 06).

solidariedade conferem ao islamismo a sua tríplice característica de ser religião, civilização e humanidade. Os califas, como reconhecidos sucessores do Profeta, detinham ao mesmo tempo os poderes políticos, militares e religiosos, sendo o vértice humano convergente com o islão.<sup>11</sup>

Bacelar<sup>12</sup>, afirmar que “as iniciativas coordenadas, que vêm a ser tomadas sob a égide da Arábia Saudita, para unificar o mundo islâmico através da Liga Islâmica Mundial, da Organização da Conferência Islâmica, do Banco Islâmico do Desenvolvimento e de outros organismo subsidiários deste, visam ressuscitar o califado e, através dele, perspectivar o poder do islamismo.”

Esse interesse de unidade religiosa, social, política e económica, iria trazer, de certa forma, um lugar ímpar ao mundo islâmico no cenário internacional, permitindo situá-lo entre as maiores potências.

Entretanto, o “mundo islâmico apresenta-se multipolar”<sup>13</sup>, pois os descendentes dos “nômades de antanho” eram de extrema mobilidade, ciosos das suas fronteiras e do seu espaço territorial e digladiavam-se mortalmente; ao invés de constituírem espaços político-económicos de convivência, optaram pela via do fracionamento e da desunião.

Nesse clima de desentendimento, as potências ocidentais acirravam os ânimos, intervieram, diretamente ou indiretamente, agravando os problemas, fornecendo armas e fomentando ideias contrárias à coesão.<sup>14</sup>

Sem unidade, não haverá poder. De fato, a unidade idealizada pelo Profeta Maomé, não tem sido conseguida no mundo islâmico. “O princípio teológico da unicidade e da unidade, conhecido como *tauhid*, é um conceito fundamental e profundamente político. Muitos muçulmanos acreditam que ele deve ganhar expressão política mediante a erradicação das divisões, nacionais ou outras, entre os islâmicos e a unificação da *umma*, a comunidade

---

<sup>11</sup> BACELAR (1987: 06).

<sup>12</sup> Id. (1987: 07).

<sup>13</sup> Ibid. (1987: 07).

<sup>14</sup> Ibid. (1987: 07).

muçulmana.”<sup>15</sup>

Multifacetados e arreigados no nacionalismo, alguns estados muçulmanos defendem o fundamentalismo islâmico que, “partindo de posições religiosas extremistas e violentas, visa a unidade dos crentes pela destruição do estado.”<sup>16</sup> Nasce, assim, no mundo islâmico, uma clivagem preocupante e que se evidencia nos nossos dias, com tendência para aumentar o fundamentalismo.

Este fundamentalismo islâmico tem as suas origens, de uma forma geral, nos confrontos de movimentos de base político-religiosa, assentes no islamismo e que visam transformar a ordem política internacional, conforme as normas do Corão.

Ainda segundo Bacelar<sup>17</sup>, estes movimentos eram “diversificados em tendências várias como consequência, não só do carácter nacional e da base social de apoio, mas também da sua “práxis” e encontram na origem histórica do islamismo, um catalisador significativo dos seus objetivos. A sua prática diversifica-se entre o radicalismo terrorista e uma oposição de atitudes políticas clássicas, manifestando, porém, no ativismo, o denominador comum dos seus comportamentos.”

As suas ações variam assim, desde as praticadas por grupos de carácter predominantemente internacional, desenvolvidos no exterior, em especial nos países ocidentais e em que a “guerra santa” motivou a sua origem, aos grupos internacionais, de origem noutros países islâmicos ou no interior do próprio país, que de forma violenta ou não, desenvolvem uma luta, por vezes brutal, pelos seus objetivos.

“O fundamentalismo apresenta facetas marcadamente antiocidentais, não por razões inerentes à própria ideologia, mas, principalmente, por ser este o modelo que se materializa em atrações ou em repulsa, por parte dos líderes dos estados islâmicos.”<sup>18</sup>

---

<sup>15</sup> BURKE (2007: 41).

<sup>16</sup> BACELAR (1987: 07).

<sup>17</sup> Id. (1987: 08).

<sup>18</sup> BACELAR (1987: 09).

As crises entre religião e eventuais reformas, entre política e religião, entre a tradição e o futuro, colocam o islamismo e o fundamentalismo numa posição associada na cena internacional, que se tem manifestado pela relevância do carácter violento de alguns acontecimentos, levados a cabo por determinados grupos ligados ao fundamentalismo islâmico.

Os fundamentalistas procuram alcançar o poder político e o estabelecimento de um estado de modelo islâmico, mas, nos países islâmicos mais pobres ou marcados por uma organização social tribal ou patriarcal, esse fundamentalismo e o inerente fanatismo são, sem dúvida, a tónica, visto que, para essas sociedades, representam um veículo útil para o domínio e controlo de massas.<sup>19</sup>

Um fundamentalista islâmico não vê o não islâmico ou os seus povos, como seres humanos, mas como “infieis”, ou, simplesmente, como inimigos. Nessa perspectiva, não há ética ou moral, mas apenas a lógica do destruir e de matar.

Afinal, para o fundamentalista islâmico, não é um pecado matar um infiel. Tal constatação é terrível, pois dela brota a violência, principalmente sobre as sociedades ocidentais, deixando os seus estados em conflito permanente.

Em diversos momentos da história islâmica, os fiéis seguiam literalmente o que os líderes religiosos pregavam, mas o fundamentalismo religioso islâmico ressurgiu com grande força política, no mundo árabe, no século XX, manifestando-se de forma violenta contra o ocidente.

Ressaltamos que, “para os muçulmanos, a submissão perante o seu Deus - Alá - é o que une os indivíduos, muito mais do que qualquer sentimento de nacionalidade ou de estado-nação.”<sup>20</sup> O fundamentalismo islâmico “é uma forte identidade que deseja que todos sigam à

---

<sup>19</sup> CARMO (2010).

<sup>20</sup> SUTTI; RICARDO (2003: 105).

risca a vontade que Alá expressa no Corão.”<sup>21</sup>

O islamismo é muito crítico relativamente a três realidades: a modernidade, o estado e o ocidente. A sua ideologia é bastante heterogênea, incorporando um conjunto diverso de pontos de vista, de tendências de pensamento, de atores e de organizações, por vezes opostas umas às outras.<sup>22</sup>

A relevância dada a estas ideias, varia de acordo com os atores em questão, tal como, não existe consenso sobre as modalidades de ação a seguir para a sua concretização.

Contudo, quase todos os islamitas partilham as seguintes ideias comuns: o desejo de purificar e renovar a vida islâmica, de modo a dar respostas aos problemas da sociedade; a intensão de restaurar as riquezas materiais do islão; a convicção de que ambos os objectivos podem ser atingidos através da adoção do original modo de vida islâmico, conforme o exemplo do Profeta Maomé e seus companheiros e do regresso aos textos sagrados.<sup>23</sup>

## **2.2 Caracterização do fundamentalismo islâmico**

O desejo de morrer em nome Deus remonta à primeira característica e motivação que os fundamentalistas islâmicos apresentam. Poder-se-á afirmar, com alguma certeza, que no tempo do Profeta, o Corão seria um guia orientador da prática religiosa, a avaliar pelas múltiplas interpretações de que tem sido alvo ao longo dos séculos.

O islão impôs-se pelo conflito permanente a que o exigente caminho para Deus obriga. Por acreditar na sacralização da história, Sourdel<sup>24</sup> afirma, que o Corão é a palavra de Deus e que Alá, ao dirigir-se ao Profeta, interveio na história da humanidade. Desde épocas remotas, que os muçulmanos partem do princípio de que todo o lugar na terra deverá fazer parte da comunidade “*umma*” - e possuir uma forma islâmica de governo - Califado - como uma espécie de luz de um farol e que os restantes povos devem obedecer e viver segundo as regras

---

<sup>21</sup> SUTTI; RICARDO (2003: 105).

<sup>22</sup> BOFF (2009: 29).

<sup>23</sup> Id. (2009: 29).

<sup>24</sup> SOURDEL apud ALVES (1983:1).

do Corão. Esta intenção, que se mantém até ao presente, pretende impor-se através de ações violentas, revelando que o islão é, como já se disse, uma religião de conquista.

É nessa perspectiva que se pode observar o surgimento da Revolução Islâmica no Irão, em 1979 e é nesse contexto que, a partir dos atentados ao WTC, em 11 de setembro de 2001, os cidadãos se consciencializaram para as ameaças provenientes da ideologia islâmica radical, que teve naquela revolução o ponto de partida, amadureceu com o conflito no Afeganistão e teve a Al-Qaeda como otimização de todo um manancial de recursos e experiências.

Recordemos que foi na Arábia, no século VII, que o islão viu o seu berço com o Profeta Maomé,<sup>25</sup> numa época em que chacinar tribos era frequente na vida quotidiana no mundo árabe e onde o conceito de *jihad* surgiu com maior expressão.

Os fiéis islamitas, reclamantes de uma relação direta com Deus, cuja teoria ou ideologia muitas vezes não tem uma vinculação a outras religiões consagradas, procuram “a destruição total do inimigo ou a sua exclusão, fazendo-o em nome de Deus.”<sup>26</sup> Como afiliados dessa crença, julgam-se possuir a “autoridade” para eliminar os que consideram pecadores ou o direito exclusivo de habitar o mundo.

### **2.3 Correntes islâmicas atuais**

Para melhor entendermos a tipologia e a questão ideológica das raízes do fundamentalismo islâmico, precisamos de mencionar as duas tradições que vêm do período imediatamente posterior à morte do profeta Maomé, em 632: a dos *xiitas* e a dos *sunitas*.

Os *xiitas* sustentam a posição de que aquele que representa o Profeta, deve ser alguém da sua família. “No caso, seria Ali, primo de Maomé, que se havia casado com a filha do Profeta, Fátima. Ali e seu filho Husayn seriam martirizados.”<sup>27</sup> Três eixos básicos sustentam a teologia dos *xiitas* e são exaltados por eles: o martírio de seus líderes; a memória autêntica do

---

<sup>25</sup> SILVA (2005:192).

<sup>26</sup> VEGAR (2008: 15).

<sup>27</sup> BOFF (2009: 26).

Profeta e o papel espiritual do líder da comunidade - *imam* - pois segundo o seu entendimento, são portadores de um saber superior e, por isso, considerados guias do povo.<sup>28</sup>

“Os *xiitas* representam a corrente aberta que é fiel ao Corão, mas que o completa pelas contribuições dos sábios, pelo princípio da analogia e pelas adaptações exigidas pela mudança dos tempos. A revelação entregue ao Profeta, continua através dos líderes religiosos - os *imãs* - que gozam de grande prestígio, pois se crê que possuem uma iluminação divina especial para interpretar, sem erro, o Corão e apontar os caminhos seguros para os fiéis. Embora radicais são a minoria islâmica e concentram-se especialmente no Afeganistão e no Irão.”<sup>29</sup>

Os *sunitas* afirmam que “a liderança do Islamismo não é de carácter hereditário e, por isso, é independente dos familiares de Maomé. Consideram-na eletiva e o seu exercício caberá aos que assegurem a fidelidade à memória do Profeta e tenham a capacidade de representar os interesses das tribos dominantes.”<sup>30</sup>

Os *sunitas* correspondem a 90% dos muçulmanos e representam a ortodoxia islâmica. Seguem rigorosamente o Corão e, para eles, “a revelação concluiu-se com o “livro”. Atualizam o Corão através da *suna*, de onde provem a designação sunita, que significa a “gesta e a mensagem”<sup>31</sup> do Profeta. Inspirando-se nela, fazem as adaptações necessárias, desde que sigam os caminhos de Maomé, ou seja, deixar-se conduzir pela sua mensagem e pô-la em prática.

É oportuno recordar um conflito, ocorrido em 1090 entre *sunitas* e *xiitas* ismaelitas, conhecido por *Assassinos*, em que Hassan ibn al-Sabbah promoveu assassinatos seletivos, que se traduziram em puros atos de terrorismo.<sup>32</sup> Nessa época praticava-se uma doutrinação que tinha um papel preponderante na preparação das ações violentas contra os adversários da facção religiosa, que não anda longe da ideologia radical do século XXI. “Os almorávidas

---

<sup>28</sup> BOFF (2009:26).

<sup>29</sup> Id. (2009:26).

<sup>30</sup> Ibid. (2009: 27).

<sup>31</sup> Ibid. (2009: 27).

<sup>32</sup> SILVA (2005:205).

provaram que, através da doutrinação e de atos de terror, fazem renascer movimentos radicais”<sup>33</sup> e os atuais líderes religiosos tentam seguir aqueles exemplos.

### ***2.3.1 O neofundamentalismo islâmico***

Alves<sup>34</sup>, afirma que há um “novo” fundamentalismo islâmico que não será incentivado pela Al-Qaeda. Não significa isto que esteja a perder força; bem pelo contrário e a prova é a sua reestruturação, novos palcos de atuação como o virtual e “novas” armas como as nucleares, biológicas, radiológicas e químicas. Essa simbiose, associada à Al-Qaeda, entre outros grupos, também se estenderá a estados falhados com ramificações globais. O Hamas, por exemplo, sonha com a reconquista da Espanha e com o alargar do poder islâmico na europa.

Com a morte de Saddam Hussein, em 2006, o Irão tornou-se a maior potência regional no Médio Oriente, controlando diversas organizações terroristas, passando a ser um país que apresenta uma grande capacidade de ingerência nas comunidades do ocidente.

“O crescente poder iraniano pode ser visto quando lhe foram impostas sanções pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas por causa do seu programa nuclear, ao influenciar difusão dos protestos por vários países devido aos *cartoons* dinamarqueses, que difamavam Alá, o que revelou o poder exercido no seio das comunidades de imigrantes na europa. Estas comunidades podem funcionar (...) como um “exército” avançado de que dispõe o Irão no ocidente,”<sup>35</sup> o que reforça a ideia de que os serviços de segurança ocidentais deveriam ter mais atenção a estes fatos.

Isto faz do Irão o epicentro de uma nova política fundamentalista islâmica, apoiada na circunstância de ser um grande produtor de petróleo e, dentro em breve, poder produzir armas nucleares.

---

<sup>33</sup> ALVES (2010: 57).

<sup>34</sup> Id. (2010: 66).

<sup>35</sup> Ibid. (2010: 66).

Essa política violenta, fermentada num ódio visceral e agravada pela negação do holocausto, é concentradamente dirigida contra Israel, procurando a sua extinção como país e também contra o ocidente, submetendo-o ao islamismo. Em tese, nesta óptica, o fundamentalismo islâmico promove o extermínio étnico-religioso.

No atual momento internacional, o Irão é a maior potência do mundo islâmico, em termos geográfico e políticos. A Al-Qaeda não possui uma configuração física, politicamente organizada, apenas assentado numa leitura messiânica do Islão.

O fundamentalismo islâmico atual não atinge só a europa. Também penetrou nas fronteiras dos Estados Unidos da América, sob inúmeros rostos que a *internet* difunde, como por exemplo uma organização de caridade financiada pelo tráfico de narcóticos, conforme explica Paul Sutherland<sup>36</sup>, “(...) the domestic and international ties of radical Islamic fundamentalism, where they are funded, and how narco-terrorism might play a part their existence.”

Como argumentou Marc Sagaman<sup>37</sup>, “(...) the absence of action against the United States, will prompt radicals within the United States who would not have normally committed acts of terrorism, to commit them. The thereat will come from within (...) these groups (...) will be centered around the internet (...).”

Através desse espaço, adotarão um código de conduta que funciona da mesma maneira em qualquer parte do mundo. Os atentados de Madrid, em 2004, foram orquestrados segundo essa nova metodologia. Um exemplo perfeito de que a globalização chegou a todo o lado.

Materializado através de um denunciado ataque direto ao ocidente, que é visto como um subjugador do Islão ao longo dos séculos, causador de ódios e sentimentos de vingança que se espalharam pelo mundo na forma de células radicais, prontas a infligir uma carnificina como forma de os extinguir, o fundamentalismo islâmico aspira ao domínio do Estado, com base na

---

<sup>36</sup> SUTHERLAND (Assignment #5: 02).

<sup>37</sup> SAGAMAN apud SUTHERLAND (Assignment #5: 02).

religião, numa clara intenção de voltar ao tempo do profeta de modo reacionário e progressista.<sup>38</sup> A juntar à ira islâmica, há as consequências de utilização perigosa que o ocidente fez de grupos radicais fundamentalistas no combate aos comunistas, em países muçulmanos, o que se traduziu em outros gravíssimos erros cometidos pelas democracias ocidentais.

No século XXI, “o fundamentalismo ressurgiu, não para combater movimentos de esquerda, mas para combater quem outrora os manipulou, como os Estados Unidos e a Europa.”<sup>39</sup>

Os fundamentalistas islâmicos, através do neofundamentalismo desprovido de território, são como uma metamorfose, sem faces, utilizando a *internet* criada pelos ocidentais, na tentativa de criar uma “*umma*” virtual.

Segundo Roy<sup>40</sup>, “neofundamentalists by definition rejects the idea that there can be different schools of thought and consider themselves the only true Muslims, refusing to be labeled as one specific group among the others.”

Os fundamentalistas advogam que, embora os muçulmanos devam viver num Estado Islâmico, não devem perder o objectivo da violência e da (re)islamização da *umma* através da desterritorialização. O inimigo continua a ser o ocidente, porém, e por agora, a violência política não dever ser opção, muito embora alguns neofundamentalistas admitam uma mensagem política de revolta e ação.<sup>41</sup>

O neofundamentalismo é, pois, um processo de desculturação que vê na globalização uma oportunidade de reestruturar a religião, não pondo o Islão a ser conotado com uma única e específica cultura, como explica Oliver Roy<sup>42</sup>.

Existe uma tentativa de purificar os “maus” muçulmanos, caracterizados por viverem

---

<sup>38</sup> ALVES (2010: 67).

<sup>39</sup> Id. (2010: 67).

<sup>40</sup> ROY (2004: 232).

<sup>41</sup> ALVES (2010: 68).

<sup>42</sup> ROY (2004: 259).

um Islão de uma só cultura, quando, para os neofundamentalistas, o Islão deve ser descontextualizado por uma *jihad* levada a cabo por uma *umma* reestruturada através do *cyber* espaço. “Isso não é sinónimo de que os neofundamentalistas desrespeitem o Corão e os seus ensinamentos, ou coloquem em causa séculos de história islâmica.”<sup>43</sup> Até porque, com a utilização da *internet*, os fundamentalistas muçulmanos podem “aceder ao fórum da religião no *CompuServe Information Service* e, ao mesmo tempo (...) podem encontrar o documento *Cybermuslin, de Mos’ood Cajee*. Não se trata de um erro do computador: “*Cybermuslim*” é o título.”<sup>44</sup>

Ensinamentos que, através da *internet* e de vídeos, fazem chegar à comunidade, principalmente à camada mais jovem, tal como disse Roy<sup>45</sup>, “because it addresses individuals in search of the self, neofundamentalism has a strong appeal for disfranchised youths (...)” Também atraem as gerações mais novas que não se encontram integradas nas sociedades de países ocidentais, principalmente da Europa, permitindo o seu recrutamento para a sua causa.

Embora não pareça, o neofundamentalismo cultiva uma disciplina de grupo baseada em regras padronizadas que fomentam a sua aplicação, “onde a religião continua a ter um papel muito importante, só que com outra face, que se adapta a qualquer sociedade que permita a liberdade a todos os credos.”<sup>46</sup>

Tal como explicou Roy, “neofundamentalism refers to an imaginary *ummah*, beyond ethnicity, race, language and culture, on that is no longer embedded in a specific territory.”<sup>47</sup>

“(...) neofundamentalists considerer that true Muslims are living as a minority everywhere, in Muslim or in non-Muslims countries (...). Living in the west is a way to extend the *ummah* beyond a strict geographical definition.”<sup>48</sup>

---

<sup>43</sup> ALVES (2010: 69).

<sup>44</sup> BARBER (2003: 193).

<sup>45</sup> ROY (2004: 265).

<sup>46</sup> ALVES (2010: 69).

<sup>47</sup> ROY (2004: 272).

<sup>48</sup> Id. (2004: 273).

A *umma* deixou de estar territorializada, podendo a religião ser difundida pelo *cyber* espaço, criando uma *umma* imaginária. Esta, por sua vez, sendo utilizada pelos radicais terroristas desde os fins do século XX, passa a ser não só o espaço da comunidade de crentes, como também o local mais provável para a realização de novos atentados, uma espécie de *jihad* cibernáutica.<sup>49</sup>

O neofundamentalismo apenas altera o conceito de território. Segundo Abdel-wahab Medded: “O ocidente, após ter semeado a injustiça, a escravidão e a tirania, está perplexo e esperneia nas suas contradições; basta que uma poderosa mão oriental se estenda, à sombra da bandeira de Deus sobre a qual ondulará o estandarte do Alcorão, um pendão dirigido pela armada da fé, poderosa e sólida, e o mundo sob a bandeira do Islão reencontrará a calma e a paz.”<sup>50</sup>

Portanto, a matriz do antiocidentalismo mantém-se. Tal como continua o sentimento de inferioridade que o Islão afirma que o ocidente sempre lhe infligiu.

O neofundamentalismo é, assim, mais uma forma de se poderem desencadear novos ataques terroristas letais, como o 11 de setembro de 2001, engendrados em *websites*, que materializarão novos palcos, onde se prepararão ingredientes novos, como as armas de destruição maciça (nucleares, químicas, biológicas e radiológicas). Estas poderão utilizadas por uma rede de estados falhados, com o apoio da Al-Qaeda e sob a tutela nuclear do Irão, apoiante de grupos fundamentalistas.

### ***2.3.2 Movimentos islâmicos antiocidentais***

Não se vislumbrando a unidade no seio do movimento fundamentalista islâmico e como não existe qualquer “ordem hierárquica que subordine os interesses que a sua génese lhe conferiu, é possível encontrar-se uma base comum no seu posicionamento em relação à

---

<sup>49</sup> ALVES (2010: 69).

<sup>50</sup> MEDDED (2002: 106).

cultura islâmica ocidental.”<sup>51</sup>

Os fundamentalistas consideram que as superpotências dividiram o mundo entre si, tendo apenas divergências acerca de algumas regiões que ambas disputam. Por outro lado, mantendo-se integralmente o conceito de que o islão, mais do que uma religião, é um sistema de valores, normas e convicções que regulam todos os aspetos da vida social, política e cultural, o mesmo está em oposição aos comportamentos exteriores dos povos que não praticam esse tipo de religião.<sup>52</sup>

Culturalmente, os blocos em confronto seriam semelhantes. Ambos derivavam das civilizações clássicas (grega e romana), com as evoluções introduzidas pelo cristianismo, humanismo, iluminismo e racionalismo. Porém, tinham “similares esperanças de expansão, como continuadores dos antigos colonizadores de há um século.”<sup>53</sup> Por isso, os fundamentalistas supunham-se objecto da sua hostilidade e entendiam que ambos conspiravam para pôr fim às independências muçulmanas e à cultura islâmica.<sup>54</sup>

Genericamente, as culturas são idênticas, mas contestam-se, porque o ocidente tem um impacto cultural muito grande nos países árabes. Porém os Estados Unidos da América apresenta-se, de momento, como uma ameaça mais visível e permanente, porque tem maior impacto na cultura muçulmana, especialmente através dos alimentos, vestuários, equipamentos eletrônicos e eletrodomésticos, automóveis, cinema, música, língua, etc. Tudo isto se constitui num desafio muito grande à cultura muçulmana.<sup>55</sup>

“A influência ocidental no mundo árabe tem o ponto mais crítico na religiosidade, uma vez que o ocidente exporta o cristianismo, tradicional rival do islão, bem como o secularismo moderno.”<sup>56</sup>

---

<sup>51</sup> BACELAR (1987: 33).

<sup>52</sup> Id. (1987: 3).

<sup>53</sup> Ibid. (1987: 33).

<sup>54</sup> Ibid. (1987: 33).

<sup>55</sup> Ibid. (1987: 34).

<sup>56</sup> Ibid. (1987: 34).

O fundamentalismo islâmico, manifestado na expressão *jihad*, “está associado ao esforço moral e às vezes violento de fiéis contra a falta de fé e contra os infiéis.”<sup>57</sup> Neste caso, os fundamentalistas são contra a modernidade, contra a religião ocidental e a sua influência no mundo islâmico.

Muitos países islâmicos pobres ou em desenvolvimento, identificam também o ocidente como a sua maior ameaça, através das “multinacionais, das companhias petrolíferas, dos grandes bancos, (FMI e BM) e até a moeda internacional que suporta o mundo económico, é o dólar.”<sup>58</sup>

Diante da superpotência ocidental, os países islâmicos revelam “uma atitude de não aceitação das formas atuais de influenciar o mundo. (...) Enquanto os países ocidentais exercerem uma ação sobre a cultura muçulmana, (...) aqueles tendem a resistir ao ocidente.”<sup>59</sup>

Portanto, as razões pelas quais os fundamentalistas islâmicos são muito mais antiocidentais, parecem ser porque a influência cultural, o dinamismo económico e a divergência ideológica e religiosa são enormes, para além das atitudes do mundo ocidental, revelarem perigos, no que diz respeito ao seu poder militar.

Atualmente a ação opositora dos fundamentalistas contra o ocidente é, justamente, a reação contra o presente em nome do passado, pelo “que lutam pela sua concepção religiosa do mundo, contra o secularismo e o relativismo; lutam com todos os tipos de armas para defender as suas identidades; lutam contra os agentes da corrupção e lutam, em nome de Deus, por uma causa que, por ser sagrada, não pode ser perdida, nem mesmo quando ainda não está ganha.”<sup>60</sup>

Os fundamentalistas não aceitam mais a subordinação ao ocidente e ameaçam-no, com força desestabilizadora, manifestada através de ações do chamado terrorismo transnacional.

---

<sup>57</sup> BARBER (2003: 245).

<sup>58</sup> BACELAR (1987: 34).

<sup>59</sup> Id. (1987: 35).

<sup>60</sup> BARBER (2003: 245).

## 2.4 Conflitos internacionais do mundo islâmico

Jamal al-Din al-Afghani<sup>61</sup>, defendia, no século XIX, a reestruturação política do mundo islâmico com recurso às fontes primárias - o Corão e a Suna - de modo a lutar contra o ocidente e restabelecer o poder dos muçulmanos, dado que a única “receita para a doença do Islão”<sup>62</sup> era o regresso àquelas fontes.

Como solução para restabelecer o Califado, foram fundados, em 1928, os “Irmãos Muçulmanos”, por Hassan al-Banna,<sup>63</sup> e este “depressa deu azo a que fossem criadas células em muitas localidades para esse efeito. “A “irmandade” prestou grande apoio logístico à Palestina quando, em 1947, a mesma foi dividida, com a independência de Israel, tendo enviando voluntários para a guerra que se seguiu.”<sup>64</sup>

Estes acontecimentos deram tanto relevo à “irmandade”, que os Estados Unidos da América, a França e a Inglaterra fizeram pressão para que fosse dissolvida, pela ameaça que representava para os seus objetivos e interesses estratégicos na região.

Nos anos 70 do século XX, após influências e legado da “irmandade”, as gerações muçulmanas mais jovens resolveram engrossar as bases do radicalismo por todo o mundo e, com o pensamento *jihadista*, Sayyid Qutb<sup>65</sup> tornou-se um dos seus principais pensadores, tendo apoiado a guerrilha local na questão do Canal de Suez<sup>66</sup>, causando tal repercussão que a sua atividade chegou até o final do século.

A partir dos anos de 80 do mesmo século, surgiu o neofundamentalismo islâmico, com

---

<sup>61</sup> Jamal al-Din al-Afghani (1838 - 1897), político ativista e ideológico islâmico durante o século XIX, sendo um dos fundadores do modernismo islâmico e defensor do pan-islâmico, organização que buscava dar resposta à pressão ocidental.

<sup>62</sup> ALVES (2010: 57).

<sup>63</sup> Sheikh Hasan Ahmed Abdel Rahman Muhammed al-Banna, conhecido como Hasan al-Banna, (1904 - 1949), professor, fundador da Irmandade Muçulmana e um dos maiores e mais influentes revivalista do mundo muçulmano no século XX.

<sup>64</sup> ALVES (2010: 59).

<sup>65</sup> Sayyid Qutb (1906 - 1966), autor egípcio, educador, teórico islâmico, poeta e um dos principais membros da Irmandade Muçulmana Egípcia no período de 1950 a 1960.

<sup>66</sup> A questão do “Canal de Suez”, foi a guerra contra o Egito, levada a efeito pela Grã-Bretanha, França e Israel, por causa da nacionalização do canal em 1956, cujo controlo pertencia a Grã-Bretanha, que utilizavam para ter acesso ao comércio oriental e ao petróleo. Em consequência, o porto israelense de Eilat ficaria bloqueado, assim como o acesso de Israel ao mar Vermelho, através do estreito de Tiram, no golfo de Aqaba.

uma elaboração teórica mais consistente. “Este movimento tornou-se poderoso, e em nossos dias está por detrás de muitos grupos radicais espalhados pelo mundo, patrocinados pelo dinheiro do petróleo saudita, num complexo jogo político-religioso que ultrapassa a compreensão do ocidente.”<sup>67</sup>

Em contrapartida, para Alves<sup>68</sup>, o “ocidente tem muita culpa do que atualmente se passa, dado que, países colonizadores como a Inglaterra, ou com outros interesses, como por exemplo mineiros, como a Alemanha, encerram jogos políticos perigosos para alterar as estruturas sociais do mundo árabe ou modificar fronteiras em prol de objetivos políticos ocasionais, não acautelando as consequências futuras.” E continua: “um dos exemplos ilustrativos foi o que se passou em Marrocos, aquando da resistência contra os espanhóis, em que os radicais receberam dinheiro de britânicos e germânicos por causa dos interesses mineiros. Algo parecido ocorreu com o apoio norte americano aos Talibãs, no Afeganistão, durante a ocupação soviética”<sup>69</sup>, que durou de 1978 a 1992.

O ponto de partida para explicar o surgimento do neofundamentalismo islâmico, é a constatação de que a entrada dos valores ocidentais e a pressão imperialista das grandes potências ocidentais sobre os estados árabes, principalmente por causa do petróleo, desestruturaram a cultura muçulmana e a afastaram-na dos ideais corânicos.

Outro elemento explicativo foi a percepção de que a forma ocidental de fazer política é competitiva, conflitiva e destrutiva do bem comum em prol dos interesses particulares. Este modelo não permite que o campo político seja o lugar da “Soberania de Deus” e, por isso, não pode ser seguido pelos muçulmanos.<sup>70</sup>

Neste contexto a Arábia Saudita é uma complexa teia de equilíbrios entre o poder religioso e o poder político representado pela família real. Por este meio intricado

---

<sup>67</sup> ALVES (2010: 58).

<sup>68</sup> Id. (2010: 58).

<sup>69</sup> Ibid. (2010: 58).

<sup>70</sup> BOFF (2009: 28).

relacionamento passam os Estados Unidos da América, que lhe dão proteção militar, permitindo-lhes criar um anel de segurança contra o Irão.

A presença militar americana em solo saudita despertou os maiores ódios por parte da Frente Islâmica Internacional - a Al-Qaeda - cujos atos violentos têm espalhado um terror ímpio à escala planetária.<sup>71</sup>

Essa presença militar americana despertou igualmente “fortes críticas nos Estados islâmicos, que tomaram o ocidente como paradigma por ter gerado discórdia e divisões no seio da grande comunidade islâmica.”<sup>72</sup> Isso fez com que os estados islâmicos obrigassem a proclamação pública de Deus e da irmandade de todos os seres humanos, entrando em oposição às ideias modernas do ocidente, mas que, na verdade, são os derradeiros fundamentos da vida pessoal e social.

Para Boff<sup>73</sup>, a permanente tensão entre muçulmanos e ocidentais, tem estas questões de fundo como causa. Assim, a *jihad*, originalmente fervor e empenho pela causa de Deus, transforma-se em “guerra santa”, dando origem a uma sucessão de violências, traduzidas em atos de terror.

Presentemente, a influência ocidental, acompanhada do liberalismo e do secularismo, desenvolveu-se com o controlo por países ocidentais das ricas bacias petrolíferas situadas nos territórios muçulmanos do Médio Oriente, causando grande desconforto aos radicais islâmicos e levando-os a reagir de forma violenta contra aqueles países e seus aliados.

Os muçulmanos tendem a ver os ocidentais como ateus práticos, materialistas, dominadores da sua cultura e secularistas. Os interesses ocidentais começam a fazer germinar o fundamentalismo islâmico; diante dessa nova cruzada, praticada pelos ocidentais, em ações como a ocupação militar do Iraque e a dominação imposta a outros países árabes do Médio Oriente por interesses económicos ligados ao petróleo, fazem surgir o fanatismo religioso,

---

<sup>71</sup> ALVES (2010: 58).

<sup>72</sup> BOFF (2009: 29).

<sup>73</sup> Id. (2009: 29).

provocando a sua resposta através de um terrorismo transnacional contra o ocidente.<sup>74</sup>

Principalmente “os Estados Unidos tornaram-se os maiores ícones do ódio dos fundamentalistas contra a civilização ocidental, dado que, para eles, eram os responsáveis por todo o mal e desvirtuamento da ética e do comportamento humano. Além disso, a posição norte-americana pró-Israel, a sua política intervencionista internacional, o seu incontestável poderio económico e suas posições imperialistas, ajudaram a construir a imagem do terrível Satã”<sup>75</sup> que importa destruir.

Segundo os fundamentalistas radicais islâmicos, “eles devem engajar-se numa luta contra a ignorância e a falta de obediência das sociedades aos ensinamentos de Alá, sendo esta uma missão divina, organizada pelo profeta Maomé.”<sup>76</sup> Acreditam que, se necessário, devem “usar a *jihad* para alcançar os seus objetivos.”<sup>77</sup>

O que chama a atenção, particularmente dentro dessa lógica, são os “homens-bomba” e os “pilotos suicidas” da rede Al-Qaeda que é, justamente, a disposição individual para o suicídio, sendo a ação suicida e o martírio, uma poderosa arma do terrorismo contemporâneo, pois os terroristas entregam as suas vidas em prol do radicalismo islâmico.

A violência é a forma encontrada pelos grupos radicais islâmicos para combater a ameaça cultural e religiosa que o ocidente representa. Segundo Anes<sup>78</sup>, “nos países muçulmanos, a religião e as formas fundamentalistas e radicais contemporâneas, fornecem uma “efervescente” vivência identitária que lhes dá, às massas e aos militantes, um intenso sentido à vida, e ao mesmo tempo lhes dá uma grelha absoluta de leitura e de interpretação do mundo.” Ora, essa vivência identitária de afirmação e de defesa de valores, faz com que eles se sintam parte de uma vasta “nação islâmica” e leva-os a sentirem-se solidários com todos os que sofrem injustiças nesse enorme universo cultural e religioso. E daí a “*jihad*”, em geral, e o

---

<sup>74</sup> BOFF (2009: 29).

<sup>75</sup> HOFFMAN (2006: 89).

<sup>76</sup> Id. (2006: 89).

<sup>77</sup> Ibid. (2006: 89).

<sup>78</sup> ANES (2006:104).

martírio do terrorismo suicida, em particular.

Esse martírio é uma forma encontrada para tornar “legítima” a missão religiosa. “O encontro com Deus é melhor e mais importante que a vida terrena. Juro por Deus que algures se encontra o paraíso, maior do que os céus e a terra (...). Esta vida dos nossos dias não é mais do que um divertimento, uma distração e a procura de dinheiro (...). Uma operação *Jihad* conduzida por um combatente - *Mujahid* - de coração repleto de fé e amor (...), assusta os arrogantes.”<sup>79</sup> Ou seja, “os muçulmanos radicais criticam os ocidentais dizendo que estes, contrariamente aos “*jihadistas*”, têm medo de morrer.”<sup>80</sup>

A formação do Islão parece ser um percurso em permanente “estado de guerra”, o que deixa subjacente a propensão para o fundamentalismo ocorrer com certa facilidade.

O estado teocrático iraniano propaga o conceito de estados fundamentalistas, como também a formação de grupos armados, de grupos terroristas e de suicidas para apoiar tais ideias.

O aumento da radicalismo e a soberania de Alá é uma resposta dada às democracias ocidentais. “No seguimento do radicalismo, a luta armada foi incluída como opção aos objetivos políticos de grupos como *Jamaat al-Islamiyya*, Grupo Islâmico, *al-Jihad-al-Islami*, e *Jihad* Islâmica do Egito.”<sup>81</sup>

Todas essas organizações insistem em que o poder deverá ser alcançado através do terrorismo sendo, no século XXI, a Al-Qaeda o expoente máximo dessas intenções e objetivos.

O fundamentalismo de raiz religiosa baseia-se na força da tradição islâmica e não se limita exclusivamente à religião; é uma reação à globalização que recusa o diálogo e se opõe diametralmente ao modelo cosmopolita.

As raízes sociais do fundamentalismo no mundo islâmico, parecem resultar do processo

---

<sup>79</sup> Comunicado de 11/11/2001, distribuído em Gaza, e assinado pelo mártir, o jovem Hicham Ismail, da “*Jihad*” Islâmica. ANES (2006:107).

<sup>80</sup> ANES (2006:108).

<sup>81</sup> ALVES (2010: 59).

de modernização das décadas de 50 e 60 conduzida pelos estados e do fracasso da modernização económica na maioria dos países muçulmanos, das décadas de 70 e 80 do século XX.<sup>82</sup>

Poderíamos pensar que o fundamentalismo sempre existiu. Tal não é verdade pois surgiu em resposta às influências globalizantes que vemos à nossa volta. O próprio termo data da viragem do século, quando foi usado para designar as crenças de certas seitas protestantes nos EUA, particularmente aquelas que rejeitavam Darwin<sup>83</sup>. Fundamentalismo não é o mesmo que fanatismo ou que autoritarismo. Os fundamentalistas reclamam um retorno aos textos e às escrituras básicas, a serem interpretados de forma literal e propõem que as doutrinas derivadas de tal leitura, sejam aplicadas à vida social, económica e política. O fundamentalismo confere, assim, nova importância aos guardiões da tradição.<sup>84</sup>

## **2.5 O conflito no Médio Oriente: Árabes x Judeus**

O confronto entre árabes e judeus no Médio Oriente é um fenómeno relativamente recente, que resultou da criação do estado de Israel, em 1948, por decisão da ONU. O conflito, que se tem revelado de difícil solução, parece ter suas origens no imperialismo europeu do século XIX, prosseguindo e agravando-se durante a guerra fria.

Não sendo fácil estabelecer as causas que justificam o conflito, podem apontar-se as seguintes razões que o influenciam:

1. Ao contrário do que se costuma afirmar, não há um ódio histórico que contraponha árabes e judeus;
2. Há setores, dos dois lados, que não têm interesse num acordo de paz, mas há outros que a buscam com afinco;

---

<sup>82</sup> CASTELLS (2002:1).

<sup>83</sup> Charles Robert Darwin (1809 -1882) Cientista e naturalista britânico, propôs a Teoria da Evolução, para explicar como ela se dá por meio da seleção natural e sexual. Esta teoria se desenvolveu no que agora é considerado o paradigma central pra explicação de diversos fenómenos na Biologia e evolução das espécies.

<sup>84</sup> GIDDENS (2005:58).

3. Nações da região – como Síria, Iraque e Irão – assim como algumas potências estrangeiras – a Inglaterra, os EUA e a antiga URSS – na defesa de seus interesses imediatos, foram responsáveis por uma complexa situação que hoje é de difícil solução.”<sup>85</sup>

Quando as Nações Unidas, em 1948, optaram por uma partilha territorial que se mostrou pouco viável e atribuíram autonomia política a judeus e palestinos, os primeiros rapidamente organizaram o estado de Israel, pois já dispunham de uma organização política e administrativa como partidos políticos, sistema de saúde, ensino e forças de segurança.<sup>86</sup>

Entretanto os palestinianos, em grande parte oprimidos pelos latifundiários, ainda não estavam em condições de estruturar o seu aparelho estatal, o que não significa, que não tivessem uma identidade nacional, que, de resto, se tornaria mais forte nestes últimos sessenta anos. Por isso, recorreram a outros povos árabes do Médio Oriente para combater e destruir Israel.<sup>87</sup>

Já nos fins da década de 1930, se tinha iniciado um processo de autonomia dos dois povos, “que num passado próximo mantinham uma relação amistosa.”<sup>88</sup> Para consolidar os seus objetivos de autonomia e construção de um estado nacional, passaram a usar a violência como arma e a questão nacionalista tornou-se primordial para ambos.

O final da segunda guerra mundial trouxe uma nova correlação de forças no cenário mundial. A Grã-Bretanha, embora vencedora, saiu muito fragilizada do conflito e despontaram, como líderes mundiais, duas novas potências ideologicamente antagônicas: EUA e URSS. Sem o antigo poderio económico e político, a Grã-Bretanha retirou-se da

---

<sup>85</sup> VISACRO (2009: 155).

<sup>86</sup> Id. (2009: 155).

<sup>87</sup> Ibid. (2009: 155).

<sup>88</sup> SUTTI; RICARDO (2003: 81).

Palestina, não se preocupando em articular a sua saída com as lideranças locais e evitar o vácuo no poder.<sup>89</sup>

Em 1947, os ingleses deixaram todo o seu arsenal militar nas mãos dos palestinos. A partir de então, judeus e palestinos defrontaram-se pela criação dos seus estados sem a intermediação de qualquer poder moderador estrangeiro.

O holocausto de seis milhões de judeus durante a segunda guerra mundial, fez com que, “após o término do conflito, crescesse o apoio internacional à causa sionista para a criação de um estado judeu-Israel.”<sup>90</sup>

Com o abandono da Palestina pela Grã-Bretanha, precipitado pelas ações de terrorismo de que foram alvo por parte dos israelitas, a questão passou a ser tratada no âmbito da ONU, surgindo um plano de partilha daquele território num estado judeu e noutra palestino, sem, no entanto, se consultar a população local sobre esta delicada questão.

Por outro lado, nesse período, as disputas hegemónicas das super potências acirravam-se rapidamente. Iniciou-se a guerra fria entre EUA e URSS, que se tornou extremamente perigosa, pois a ameaça de enfrentamento militar fugia dos modelos tradicionais. Os dois blocos poderiam usar armas nucleares de destruição em massa, com consequências imprevisíveis. Por isso buscaram aliados que permitissem absorver as tensões em conflitos de menos intensidade que se tratavam nos respectivos países e áreas de influência. O envolvimento da Palestina por parte dos dois blocos pode inscrever-se, também, neste perspectiva.<sup>91</sup>

Pelo poder da sua comunidade judaica, os EUA apoiavam abertamente Israel e a URSS, em contraponto, posicionou-se a favor do Egito, Síria e Jordânia, naturalmente inimigos de Israel. Nas sucessivas guerras travadas com os países árabes vizinhos (1948, 1967 e 1973) Israel alargou os seu espaço, principalmente a custa do território palestino.

---

<sup>89</sup> SUTTI; RICARDO (2003: 82).

<sup>90</sup> Id. (2003: 83).

<sup>91</sup> Ibid. (2003: 83).

O apoio dado pelos EUA a Israel instigou ainda mais o ódio de muitos árabes contra os norte-americanos.

Embora derrotados, os países árabes descobriram uma forma de pressionar o ocidente pró-Israel. “Através dos aumentos sucessivos de preços e do controlo de produção da mais vital das fontes de energia, o que atuou como uma nova arma de guerra.”<sup>92</sup> Essa nova postura do mundo árabe desestabilizou a economia mundial, em particular a da Europa, falha de tais recursos.

As organizações de libertação da Palestina começaram a insurgir-se contra a incompreensão da maioria dos países ocidentais pelas suas causas e, a partir dos finais da década de 60, o mundo é sacudido por uma intensa onda de violência, apoiada por uma religião que os anima e encoraja a combater pela sua fé.

Sutti; Ricardo<sup>93</sup>, afirmam que essa época foi marcada por sequestros de aviões, atentados à bomba em aeroportos, pelo massacre em Munique, contra a delegação de Israel durante as olimpíadas de 1972, levada a efeito por ativistas palestinos da organização “Setembro Negro”. Na década de 1980, surgiram movimentos integristas islâmicos influenciados pela Revolução Iraniana de 1979, em que líderes religiosos islâmicos derrubaram a ditadura pró-ocidental e implantaram uma República Islâmica, com um regime teocrático em que estado e religião se confundem.

A partir dos anos 1990 ganhou força a via política e diplomática, “levando a negociações entre as partes em litígio, substituindo a confrontação militar constante.”<sup>94</sup> Esta via foi possível, em grande parte, devido ao fim da guerra fria, à neutralização do Iraque - grande financiador das organizações de libertação da palestina - após a guerra do golfo - e à pressão norte-americana contra o radicalismo israelita.

---

<sup>92</sup> SUTTI; RICARDO (2003: 86).

<sup>93</sup> Id. (2003: 90).

<sup>94</sup> Ibid. (2003: 95).

Incentivados pelo então presidente norte americano Bill Clinton, os acordos diplomáticos proporcionaram o entendimento mútuo entre israelitas e palestinos, que permitiram em 1993, a assinatura do acordo de paz.<sup>95</sup>

Nesse acordo, Israel comprometia-se a entregar parte dos territórios ocupados e os palestinos retiraram da sua carta o fim da existência do estado de judaico, o que desagradou às alas radicais de ambos os lados. Entre os pontos de discórdia estariam a questão dos “colonatos” judaicos nas áreas ocupadas, o regresso dos refugiados palestinos aos seus antigos territórios e a delimitação exata das fronteiras, para além dos ressentimentos de dezenas de anos de ódios mútuos. Apesar das dificuldades, parte dos acordos estava a ser cumprida. Porém, em 1995, um israelita fanático de extrema direita assassinou Yitzhak Rabin<sup>96</sup>, por discordar da aproximação com os palestinos causando um duro golpe normalização e pacificação da região.<sup>97</sup>

Em 2002, os conflitos entre palestinos e israelitas voltariam a intensificar-se. Os vários atentados suicidas cometidos em Israel deram a Sharon<sup>98</sup> a oportunidade para tentar acabar de vez com a autoridade palestina - Yasser Arafat - ou, no mínimo, expulsá-lo, daquele território que não controlava.

Apoiado pelo governo de George W. Bush, Sharon voltou à velha solução bélica, colocando milhares de militares nas ruas das faixas ocupadas por Israel, para prender e aniquilar os terroristas e apoiantes. Pela violência de que se revestiu, esta “atitude chocou o

---

<sup>95</sup> Acordo de Oslo foram uma série de acordos na cidade de Oslo - Noruega entre Israel e o presidente Yasser Arafat mediados pelo então presidente dos Estados Unidos da América, Bill Clinton. Assinaram acordos que se comprometiam a unir esforços para realização da paz entre os dois povos. Estes acordos previam o término dos conflitos, a abertura das negociações sobre os territórios ocupados, a retirada de Israel do sul do Líbano e a questão do *status* de Jerusalém. Em 13 de setembro de 1993.

<sup>96</sup> Yitzhak Rabin (1922 -1995), quinto primeiro-ministro de Israel, no cargo entre 1974 -1977, regressou ao cargo em 1992, exercendo funções até 1995, ano em que foi assassinado. Foi o primeiro chefe de governo a ter nascido no território que se tornaria Israel e o segundo a morrer durante o exercício do cargo.

<sup>97</sup> SUTTI; RICARDO (2003: 96).

<sup>98</sup> Ariel Scheinermann, mais conhecido como Ariel Sharon, nasceu em 1928, é um estadista e militar de Israel, com ação polémica na Guerra do Líbano na década de 1980. Foi primeiro-ministro de Israel entre 2001 e 2006. Em pleno exercício desse cargo em 2006, sofreu um AVC e encontra-se em estado vegetativo permanente. Foi substituído por Ehud Olmert na chefia do governo.

mundo e provocou intensa reação da comunidade internacional, inclusive a condenação da ONU, (...) mas os atentados suicidas ainda continuaram.”<sup>99</sup>

No entanto, o conflito entre Israel e a Palestina terá terminado desde o momento em que aquele país aceitou o estabelecimento de um estado palestino; o que existe agora parecer ser um conflito entre o terrorismo e o antiterrorismo.<sup>100</sup>

Na visão de Visacro<sup>101</sup>, essa questão, infelizmente, não é tão simples, pois a violência entre os dois povos resulta da interação de um conjunto de fatores de diferentes ordens. Além das justas reivindicações territoriais de ambos os lados, as motivações do conflito, que se arrasta por décadas, incluem, hoje: a pressão demográfica árabe; a assimetria do desenvolvimento socioeconômico intrarregional; a disputa pelos escassos recursos hídricos disponíveis; o ódio, o ressentimento e a intolerância cultivados ao longo do século XX e, é claro, a incompatibilidade entre duas culturas tão distintas, obrigadas a compartilhar o mesmo “espaço vital”.

As perspectivas de paz não passam de curtos períodos de contenção ou interrupção temporária da violência, muitas vezes resultantes da exaustão de ambos os lados que se mostram sempre predispostos a retornar às hostilidades, de forma ostensiva ou não, quando julgam que suas forças já estão recompostas. O cerne da discórdia e do ódio parecem continuar.

O frágil equilíbrio político no Médio Oriente ou as divergências entre o Islão e o ocidente, por exemplo, são intrínsecos à questão da Palestina e incentivam a prática da violência que o fundamentalismo religioso vem adotando contra um ocidente que tem revelado uma forte coesão na luta com um contra tal flagelo, já que a “brasa mal apagada da Al-Qaeda faria as chamas renascer com mais intensidade.”<sup>102</sup>

---

<sup>99</sup> SUTTI; RICARDO (2003: 99).

<sup>100</sup> VISACRO (2009: 156).

<sup>101</sup> Id. (2009: 156-157).

<sup>102</sup> CIA (2006: 51).

### **3. O TERRORISMO**

#### **3.1 As origens do terrorismo**

Na história da humanidade, a violência física e psicológica foi sempre utilizada, em grande parte, em nome de uma ideologia, de uma religião, da conquista e manutenção do poder, para calar vozes contrárias ou como forma de dominação do personalismo, para além outros tantos motivos injustificáveis. Dessa maneira, “recorreu-se incontáveis vezes ao uso de torturas, assassinatos, coerção e ameaças, impondo o medo para se evitarem rupturas ou opositores, reais ou imaginários.”<sup>103</sup>

Por outro lado, “grupos organizados também se utilizaram e utilizam até os nossos dias, como mecanismos e ações para impor medo e terror às populações e aos governos. Tais grupos organizados, agem em nome de uma causa, de uma ideologia, de uma religião ou para desestabilizar regimes que são contrários à sua maneira de pensar.”<sup>104</sup>

No último século, o terror tem sido cada vez mais utilizado como modalidade da ação estratégica e política; mas “o terrorismo não é um fenómeno recente”;<sup>105</sup> tem uma longa história.

Durante as épocas dos impérios grego e romano, “atos terroristas eram normalmente executados por indivíduos contra um governante.”<sup>106</sup> Durante a Idade Média, “grupos

---

<sup>103</sup> SUTTI; RICARDO (2003: 1).

<sup>104</sup> Id. (2003: 1).

<sup>105</sup> VISACRO (2009: 279).

<sup>106</sup> MINGST (2009: 212).

perpetravam a violência contra outros grupos”<sup>107</sup>, enquanto durante a Revolução Francesa no século XVIII, os “atos de terrorismo eram patrocinados pelo próprio estado.”<sup>108</sup>

A Revolução Francesa constitui, de fato, um marco histórico com direta influência na gênese do fenômeno do terrorismo, sendo que, por seu intermédio “o poder revolucionário derrubou as estruturas do antigo regime, estruturado nos privilégios da nobreza, do clero e de uma monarquia absolutista.”<sup>109</sup>

A nova classe que subiu ao poder, precisava de estabelecer os limites para esse processo de mudança: “decidir o que deveria ser demolido, reformado ou preservado nas antigas instituições e acertar o ponto onde deveriam ser contidas as pretensões das massas populares que apoiaram a revolução, aliciados por promessas muito generosas, baseadas na *igualdade*, na *liberdade* e na *fraternidade*.”<sup>110</sup>

Em todo período revolucionário de grandes proporções, o assentamento das diversas correntes e facções que formaram o movimento, a consolidação do poder e a efetiva direção política que ele tomou, originaram momentos de turbulência, não raro marcados por extrema violência, perseguições e eliminação de opositores políticos. A revolução francesa não fugiu a esse modelo.<sup>111</sup>

“Na França do início da década de 1790, acirrou-se a disputa entre os grupos políticos revolucionários, principalmente entre os *girondinos*, que representavam a grande burguesia e os *jacobinos*, partido que ligava os membros radicais da assembleia e o movimento popular, que ganhavam cada vez mais poder nas ruas. Nesse período, os radicais jacobinos criaram o Tribunal Revolucionário, que julgava os opositores da revolução e muitas vezes os condenava à morte na guilhotina.”<sup>112</sup>

---

<sup>107</sup> MINGST (2009: 213).

<sup>108</sup> Id. (2009: 213).

<sup>109</sup> SUTTI; RICARDO (2003: 1).

<sup>110</sup> Id. (2003: 2).

<sup>111</sup> Ibid. (2003: 3).

<sup>112</sup> Ibid. (2003: 3).

Essa prática de implacável crueldade exaltou ainda mais os ânimos e deu início a uma fase da revolução, extremamente violenta, caracterizada por milhares de execuções e que deu origem ao termo “terror”, usado para definir o extermínio em massa de opositores ao regime, promovido pela autoridade revolucionária instituída.”<sup>113</sup> Nesse sentido e nessa altura, o estado foi o principal agente do terror.

A partir do século XIX, o terrorismo adquiriu uma importância crescente. “Mikhail Bakunin, fundador do anarquismo russo, preconizava o uso do terror como ferramenta revolucionária.”<sup>114</sup>

Em fevereiro de 1880, “um atentado à bomba, perpetrado pela organização “Vontade do Povo”, vitimou o Czar Alexandre II, Lenin e os bolcheviques, incorporaram naturalmente, o terrorismo no seu repertório sedicioso e, anos mais tarde, exportaram-no para todo o mundo, por intermédio dos agentes do Kominter.”<sup>115</sup>

Outro atentado precipitou o início da Primeira Guerra Mundial, “quando a “Mão Negra” (organização nacionalista bósnia patrocinada pela Sérvia), assassinou o arquiduque Ferdinando da Áustria, durante uma visita a Sarajevo, em 1914.”<sup>116</sup>

Em pleno século XX, o terrorismo perdeu muito do cariz revolucionário do período anterior, passando a assumir-se como atividade repressiva interna, exercida por alguns estados autoritários. Podem apontar-se como exemplos os terrorismos de estado estalinista na URSS e na Alemanha nazi de Hitler.

No início dos anos 20 desse século, “Michael Collins não hesitou em empregar métodos semelhantes em prol da causa nacionalista irlandesa e militantes dos grupos israelitas “Irgun”

---

<sup>113</sup> SUTTI; RICARDO (2003: 3).

<sup>114</sup> VISACRO (2009: 279).

<sup>115</sup> Id. (2009: 280).

<sup>116</sup> Ibid. (2009: 280).

e “Lehi” fizeram o mesmo durante o mandato britânico na Palestina”<sup>117</sup>, com vista a pressionar o seu termo.

Entretanto, tal como as demais formas de guerras irregulares, o terrorismo sofreu uma notável expansão após o final da segunda guerra mundial, com enorme incidência nos países do chamado terceiro mundo, manifestando-se sob a forma de guerras de libertação nacional, de revoluções marxistas ou simples práticas de grupos revolucionários extremistas.

Em algumas guerras de independência colonial, como a do Quênia e da Argélia, o terrorismo desempenhou papel preponderante. Também “nesse período, os militantes do IRA e os membros da OLP e da FPLP, redefiniram os métodos de atuação terrorista. Os irlandeses tornaram-se especialistas em atentados à bomba, que vitimaram um número considerável de civis inocentes”.<sup>118</sup>

No final dos anos 60 do século XX, o fenómeno do terrorismo voltou a ganhar nova forma e entrou-se na era do chamado terrorismo internacional, principalmente orientado contra os estados ocidentais, designadamente os mais industrializados e desenvolvidos.

Novas correntes ideológicas, de que os acontecimentos de maio de 1968, em Paris, foram, por ventura, a expressão mais visível, constituíram a motivação básica e fundamental dessa metamorfose.

Os aumentos demográficos devido à melhoria das condições de vida do “pós-guerra”, os progressos tecnológicos, o aumento do urbanismo, com o conseqüente isolamento das pessoas no interior das modernas e grandes cidades, onde se dissimulam no seio das multidões anónimas, permitiram garantir a segurança, o segredo e a impunidade ao desenvolvimento de atividades de “novos” grupos terroristas.

São exemplo:

---

<sup>117</sup> VISACRO (2009: 280).

<sup>118</sup> Id. (2009: 280).

1. “Baader – Meinhof” e a “Facção do Exército Vermelho”, na antiga República Federal da Alemanha (RFA);
2. “Grupos de Resistência Antifascista Primeiro de Outubro” (GRAPO), em Espanha;
3. “Exército Vermelho”, no Japão.

Não é possível dissociar o terrorismo internacional do contexto da “guerra fria” com que coexistiu. De fato, durante esse período, os movimentos terroristas não poderiam sobreviver sem a ajuda de um conjunto de países, frequentemente acusados de os apoiarem: Líbia, Síria, Iraque, Irão e Cuba, entre outros.

Os países referidos como apoiantes, agiam frequentemente como intermediários, canalizando apoios provenientes sobretudo da ex-URSS, com o intuito de proporcionar os recursos necessários para o desencadeamento de atividades terroristas, com que visavam desestabilizar determinadas regiões do globo.

No âmbito deste tipo de terrorismo, a que se convencionou chamar de internacional, deve fazer-se menção especial ao que viria a encontrar apoio em razões de ordem religiosa islâmica, de cariz fundamentalista, podendo referir-se dois marcos históricos, a considerar no seu desenvolvimento:

1. A proclamação do estado de Israel, em 1948, que fez eclodir um longo conflito com os países árabes vizinhos, frequentemente utilizado para justificar o lançamento de ações terroristas contra aquele estado.
2. A implantação da República Islâmica do Irão, com a subida ao poder em 1979, do Ayatollah Khomeini, que proclamou a guerra santa - “*Jihad*” – luta armada para defender a fé islâmica.

Os terroristas começaram a usar o sequestro de aviões na década de 1970, procurando a espetacularidade e a publicidade para transmitir a sua mensagem. Por exemplo: em 1976, um avião de uma companhia francesa, no qual a maioria dos passageiros era israelita, foi

sequestrado por uma organização do Médio Oriente e obrigado a voar até Uganda, onde os sequestradores ameaçaram matar os reféns.”<sup>119</sup>

No final da década de 1970, a Revolução Iraniana marcou o “surgimento” do terrorismo religioso. Desde então, organizações como o Hezbollah, o Hamas e a *Jihad* Islâmica Palestina têm alcançado notável projeção e obtido resultados significativos, recorrendo a ações de martírio em larga escala.

“Grande parte da atividade terrorista recente tem as suas origens no Médio Oriente, na luta dos palestinos pela autodeterminação e nos seus próprio conflitos internos sobre estratégias, na hostilidade entre vários grupos islâmicos em relação às forças de poder e no renascimento do fundamentalismo islâmico.”<sup>120</sup>

Com o desmembramento do bloco leste, após a queda do muro de Berlim (1989) e da implosão da URSS que se lhe seguiu, a Federação Russa viu-se a braços com gravíssimos problemas internos de origem étnica e nacionalista, criminalidade organizada e terrorismo.

Os apoios até então concedidos a movimentos terroristas espalhados por todo o mundo, sobretudo durante a fase internacionalista da política externa soviética, patrocinada por Brezhnev, extinguiram-se ou reduziram-se drasticamente. A faceta ideológica que caracterizava o terrorismo, apoiada por algumas estados, desapareceu e, para sobreviverem, os grupos passaram a “trabalhar” para quem pagasse melhor. Surgem, assim, atividades terroristas “encomendadas” no âmbito do crime organizado, ligadas ao narcotráfico ou ao tráfico ilegal de pessoas.

A tudo isto veio juntar-se o comércio ilegal de materiais radioativos e a disponibilidade de mão de obra altamente qualificada nestas especialidades, que ficara desempregada e abandonada à sua sorte, após o desmembramento da ex-União Soviética.

---

<sup>119</sup> MINGST (2009: 213).

<sup>120</sup> Id. (2009: 213).

Esta circunstância veio facilitar o aliciamento e o recrutamento de técnicos por parte de grupos e organizações criminosas, permitindo potenciar as capacidades e a criatividade para produzirem efeitos aterradores sobre as populações e sobre estados, ameaçando a sua segurança.

A associação entre o terrorismo e o crime organizado é, assim, uma das principais características da transformação do terrorismo internacional em terrorismo transnacional. De fato, as ligações entre atividades terroristas e criminosas são cada vez mais frequentes, com os terroristas e apoiaram-se no crime organizado, garantindo por seu intermédio, e aquisição de armamento e equipamento, bem como a execução de movimentos ilegais de pessoas e de recursos financeiros, de que necessitam para desencadear as suas ações.

As raízes do terrorismo penetraram no século XXI, sobretudo pela rede islâmica Al-Qaeda, que realizou atentados em Washington, Nova Iorque, Madrid e Londres, com resultados de tal violência que, pela primeira vez, foram considerados atos de guerra, levando, necessariamente, a que o seu combate também o passasse a ser.

“Essa rede obscura de fundamentalistas islâmicos de vários países, incluindo alguns não situados no Médio Oriente (...) é motivada pelo desejo de instalar regimes islâmicos naquela região, apoiar insurreições islâmicas no sudoeste da Ásia e punir os Estados Unidos da América pelo apoio a Israel e pelas fortes ligações a regimes corruptos.”<sup>121</sup>

Iniciando uma nova guerra global, a “sua incidência dobrou nos últimos anos (...). Jamais houve tão amplo interesse no terrorismo (...). O terrorismo transformou-se num dos mais prementes problemas desse século.”<sup>122</sup> E apresenta hoje, cada vez mais, importantes desafios nos níveis político, psicológico, económico e militar.

Na sequência destes casos de grande visibilidade, “a comunidade internacional reagiu assinando uma série de acordos destinados a reforçar a segurança em aeroportos, punir

---

<sup>121</sup> VISACRO (2009: 213).

<sup>122</sup> Id. (2009: 281).

estados que acolhessem sequestradores e apoiassem o terrorismo. A convenção internacional de 1979, contra a tomada de reféns é exemplo proeminente desse acordo.”<sup>123</sup>

### **3.2 Natureza do terrorismo**

Segundo Mingst<sup>124</sup>, a natureza do terrorismo é a prerrogativa de os ataques ocorrerem basicamente, nos centro urbanos, pois oferecem maior audiência, facilidade dos “media” e segurança aos agentes perpetradores, que se podem dissimular com facilidade na multidão anónima; os grandes aglomerados populacionais proporcionam melhores condições para a execução dos atentados. As zonas rurais, ao contrário, são particularmente adequadas para o treino preparatório das células clandestinas encarregadas de executar ataques.

Desde o século XX que a natureza do terrorismo foi evoluindo no aumento da sua violência e das suas consequências.

Seria tentador dizer que a violência social generalizada e a violência política não tem nada a ver uma com a outra, dado que, mesmo estados sem tradição de violência política e social, como o Sri Lanka e o Uruguai, todavia não podem manter-se fora desta ameaça. Na realidade surtos de violência, não só política, como de outras formas, podem ocorrer em qualquer local em função desse crescimento da violência generalizada e global.

O aumento da violência, manifestada pelo terrorismo, “faz parte do processo de “barbarização” que tomou força no mundo desde a primeira guerra mundial.”<sup>125</sup> Esse processo teve a sua ascensão e ficou “notável nos países com estados fortes e estáveis e sociedades políticas liberais, em que o discurso público e as instituições políticas distinguem apenas dois valores absolutos e mutuamente excludentes – a violência e a não-violência.”<sup>126</sup>

---

<sup>123</sup> MINGST (2009: 213).

<sup>124</sup> Id. (2009: 213).

<sup>125</sup> HOBSBAWM (2007: 124).

<sup>126</sup> Id. (2007: 125).

Hobsbawm<sup>127</sup>, afirma que essa foi uma outra forma de estabelecer a legitimidade do monopólio da força por parte do estado nacional que, no século XIX, acompanhou o desarmamento da população civil nos países desenvolvidos, com exceção dos Estados Unidos da América, que, na prática, toleraram um grau maior de violência. Desde o final da década de 1980, os estados perderam, em parte, esse monopólio de poder e de recursos e também algo mais do sentido da legitimidade que faz com que os cidadãos respeitem a lei.

Isso explica, em grande medida, a natureza, do aumento da violência ligada ao terrorismo.

O discurso neoliberal nunca foi capaz de reconhecer que nenhuma sociedade está livre de qualquer tipo de violência; mesmo em “piquetes de greve”, comícios ou manifestações públicas em que existem as regras para conter comportamentos excessivos, a violência surge sob a forma de provocação às autoridades.

A explicação teológica da Al-Qaeda para justificar a sua violência, fundamenta-se no fato das regras tradicionais do Corão terem sido sistematicamente quebradas pelo mundo ocidental, através de um comportamento considerado humilhante, o que exige a sua remissão.<sup>128</sup>

Esta degeneração da violência ligada ao terrorismo é um fenómeno insurgente na sociedade e resulta das anomalias crescentes dos centros urbanos, especialmente entre os jovens, quanto ao consumo de drogas, de bebidas alcoólicas, da posse de armas, do uso da *internet* para fins ilegais, da apologia da violência através das imagens da televisão e do cinema, sendo que os mais enfraquecidos e marginalizados da sociedade são os mais vulneráveis.<sup>129</sup>

Em contrapartida, as reformas profundas que as instituições militares sofreram em quase todos os países, adotando sistemas de recrutamento voluntário em vez do serviço

---

<sup>127</sup> HOBBSAWM (2007: 125).

<sup>128</sup> Id. (2007: 126).

<sup>129</sup> Ibid. (2007: 127).

profissional, fez surgir, em determinados sectores da população jovem, um espírito de disponibilidade para o uso da força.<sup>130</sup>

As forças armadas dos estados não democráticos, treinavam os seus militares para a prática de técnicas de tortura dos prisioneiros políticos e permitiram que algumas continuassem a ser sádicos e embrutecidos na sua vida privada.<sup>131</sup>

Hoje o terrorismo, principalmente o islâmico, treina recrutas, em nome da religião e de Deus, para espalharem o terror contra essas mesmas sociedades e estados que o praticavam anteriormente.

Presentemente, o terrorismo compreende um vasto reportório de atividades que transcende o senso comum, associando-se, frequentemente, “a um proselitismo demagógico com o intuito de atingir determinados objetivos psicológicos.”<sup>132</sup>

A natureza do terrorismo pode caracterizá-lo como um tipo de “guerra assimétrica que está se tornando cada vez mais numa grande ameaça à segurança internacional”<sup>133</sup> e, segundo Mingst<sup>134</sup>, envolve quatro elementos principais:

1. Premeditação da decisão de um perpetrador para cometer um ato destinado a instalar terror noutros;
2. Motivação ou causa, seja política, religiosa ou económica;
3. Alvos, normalmente não-combatentes, como figuras políticas ou personalidades civis influentes;
4. Segredo, destinado a proteger os executantes e os grupos clandestinos a que pertencem;

Acrescentam-se mais alguns conceitos que ajudam a compreender a *natureza* do terrorismo<sup>135</sup>:

---

<sup>130</sup> HOBBSAWM (2007: 128).

<sup>131</sup> Id. (2007: 129).

<sup>132</sup> VISACRO (2009: 283).

<sup>133</sup> MINGST (2009: 212).

<sup>134</sup> Id. (2009: 212).

*Agente perpetrador:* São organizações militantes ou criminosas ou, no caso do “terrorismo do estado”, compreende algumas agências governamentais ou grupos a elas associados, pelo uso ilegítimo da força e do poder, como sejam, polícias, grupos de extermínio ou esquadrões da morte.

*Clandestinidade:* é a ilegalidade ou “caráter sub-reptício”. É importante para distinguir um ataque terrorista de muitas das operações militares convencionais, como as campanhas de bombardeio estratégico praticadas durante a segunda guerra mundial ou a intimidação nuclear, por exemplo. Organizações terroristas e criminosas podem, ainda, valer-se do manto protetor de uma pseudolegalidade, a fim de levar a cabo atos de terror.

*Alvos:* constituem o objectivo da ação e podem ser pessoas ou grupos de pessoas, selecionadas ou não, dando origem ao terrorismo seletivo ou indiscriminado.

*Público-alvo:* são as pessoas ou grupos de pessoas, opinião pública interna ou internacional, categoria profissional ou agentes do estado, a quem, em geral se destina a mensagem que os terroristas pretendem passar ou fazer aterrorizar com vista a aderir à sua causa.

*Vítimas:* são as resultantes dos danos colaterais dos atentados.

*Publicidade:* o terrorista age premeditadamente em busca de publicidade, pois é ela que fornece a ligação entre o efeito do ataque ao alvo e o público a quem pretende aterrorizar. Sem a divulgação do ato de violência e dos seus resultados, um atentado terrorista pode ser inócuo. A comunicação social opera como agente catalisador, sem o qual os danos da ação se tornariam ineficazes. Para o terrorista, a câmara de televisão tornou-se uma ferramenta tão importante quanto os explosivos utilizados.

Contudo, convém notar, que a publicidade precisa, apenas, de ser proporcional ao efeito desejado. O terror internacional necessita de projeção mundial e, portanto, depende da

---

<sup>135</sup> VISACRO (2009: 285).

magnitude de suas ações, da natureza e importância de seus alvos, da amplitude de seus danos e da oportunidade em que é perpetrado.

*Meta psicológica* dos terroristas, consiste na pretensa aceitação pública da ideia da força implícita ao ato de violência. Trata-se da forma como se espera afetar psicologicamente o público-alvo pela ação terrorista; como suas atitudes ou posturas poderão ser alteradas ou como suas tendências comportamentais poderão ser reforçadas, diante dos resultados imediatos e dos danos decorrentes do ataque.

Quanto à definição de uma *tipologia*, ela baseia-se fundamentalmente no objectivo das ações. Alguns autores citam os tipos de terrorismo anárquico, nacionalista e ideológico, os quais, no entender de Hobsbawn<sup>136</sup>, já sofreram transformações face à nova geopolítica mundial e apresentam cinco tipos distintos:

O *Terrorismo de Guerra* corresponde a ações de sabotagem, assassinatos de líderes e sequestro de comandantes militares, com o objectivo de desgastar o inimigo, forçá-lo a fragmentar as suas forças e a criar abalo psicológico.

O *Terrorismo Político*, cujas ações têm o objectivo de derrubar ou depor um regime político, minar as suas instituições e causar descontentamento na população em relação às políticas de um governo. Outra vertente deste tipo de terrorismo são os grupos que lutam pela libertação de um estado ou pela sua emancipação política.

O *Terrorismo Cultural* é caracterizado pela perseguição a culturas e etnias fragilizadas, como na questão dos curdos no Iraque, a guerra na Bósnia, palestinos e árabes, latinos e africanos nos EUA, entre outros.

O *Terrorismo Religioso* é caracterizado pela intolerância e por atos de violência contra grupos e seitas religiosas, como ocorre na Irlanda do Norte entre católicos e protestantes.

O *Ciberterrorismo* tem como objectivo entrar nas redes, danificar arquivos e programas

---

<sup>136</sup> HOBSBAWM (2007: 130-131).

de “*sites*” estratégicos, adquirir algumas vantagens sobre o sistema de informações de governos, universidades, empresas privadas e estatais, centros de pesquisa e órgãos da imprensa. Utiliza como principal instrumento de ataque a *internet*, e os seus alvos podem ser as comunicações, sistemas de energia elétrica, o sistema bancário e financeiro e outro cuja afetação possa prejudicar gravemente, o funcionamento das instituições sociais.

O *Bioterrorismo* é a utilização de armas biológicas, gases infetantes e paralisantes, transmissão de bactérias ou vírus à agricultura e à pecuária, com objetivos político-económicos. Pode, como no caso do “antrax”, ser disseminado através do envio de correspondências dirigida as vítimas ou libertado em ambientes fechados. Uma das particularidades do bioterrorismo é o reduzido custo, o pânico pela não identificação imediata das causas e o forte impacto simbólico dos feridos e mortos.<sup>137</sup>

Em suma, para Hobsbawm<sup>138</sup>, o terrorismo pretende induzir pessoas e grupos de pessoas a adotar um certo tipo de comportamento, para além de pretender demonstrar influência num certo grau de intensidade. O terror, visto desta maneira, é uma demonstração de poder de uma minoria ativa e resoluta, determinada a fazer o que for necessário, para atingir os seus objetivos.

### **3.3 Moderna concepção de terrorismo**

O desafio resultante da determinação de quais os tipos de violência que constituem um crime internacional de terrorismo é uma tarefa delicada. As definições são sempre suscetíveis de subjetividade e isto é particularmente verdadeiro em relação a todas as tentativas de clarificar a natureza política, religiosa e jurídica do terrorismo.

Objetivamente, “não existe uma formulação geralmente reconhecida daquilo que se pode considerar, em termos genéricos, como um ato terrorista.”<sup>139</sup>

---

<sup>137</sup> HOBBSAWM (2009: 286).

<sup>138</sup> Id. (2009: 286).

<sup>139</sup> LUECHINGGER; FREY (2006: 218).

Há décadas que a comunidade internacional “não consegue encontrar um consenso sobre este problema e teve de se limitar a uma convenção fragmentada sobre formas específicas de terrorismo.”<sup>140</sup> Com as ameaças provocadas pelo terrorismo, nos últimos anos tem-se realizado um esforço no sentido da sua definição, tendo-se chegado a acordo quanto a algumas linhas-mestras sobre o conceito das características gerais deste fenómeno. Porém, é difícil conseguir uma definição suficientemente ampla e consensual, pois ela envolve conceitos políticos, ideológicos, militares e religiosos, que variam de acordo com a natureza o interlocutor.

No início do século XX, por exemplo, o termo terrorismo era definido, em dicionários, com uma conotação bem diferente da que tem hoje: “pessoa que espalha boatos assustadores; que prediz catástrofes ou acontecimentos; pessimista.”<sup>141</sup>

Qual é o conceito atual de terrorismo? Por que parece ser tão difícil defini-lo? Como é que um mesmo ato de violência, suscita interpretações tão divergentes quanto à sua legitimidade?

Para Visacro<sup>142</sup>, o cerne dessas questões reside na dicotomia existente entre o que é, de fato, terrorismo e aquilo a que decidimos chamar de terrorismo, pois tratam-se de dois conceitos distintos. O primeiro diz, sobretudo, respeito ao pragmatismo das organizações militares, que se valem desse recurso operacional, importando-se apenas com os resultados a obter. O segundo, é inerente às circunstâncias do estado e da sociedade civil, visto que se enquadra numa pretensa utilidade política, juridicamente tipificada como crime de terrorismo.

Assim sendo, conceitos formais buscam necessariamente contemplar aspectos políticos, jurídicos e, eventualmente, princípios éticos e morais.

Mencionam-se, a seguir, algumas das definições atualmente em uso sobre o terrorismo:

---

<sup>140</sup> LUECHINGGER; FREY (2006: 218).

<sup>141</sup> SUTTI; RICARDO (2003: 5).

<sup>142</sup> VISACRO (2009: 281 - 282).

Para o Departamento de Estado dos Estados Unidos da América, o terrorismo é a “violência premeditada e politicamente motivada, perpetrada contra alvos não combatentes, por grupos subnacionais ou agentes clandestinos, normalmente com a intenção de influenciar uma audiência,”<sup>143</sup> enquanto o Departamento de Defesa, considera ser o “calculado uso da violência ou da ameaça de sua utilização, para inculcar medo, com a intenção de coagir ou intimidar governos ou sociedades, a fim de conseguir objetivos geralmente políticos, religiosos ou ideológicos.”<sup>144</sup>

O governo do Reino Unido afirma ser o “uso da força ou a sua ameaça, com o objetivo de fazer avançar uma causa ou ação política, religiosa ou ideológica, que envolva violência séria contra qualquer pessoa ou propriedade, coloque em risco a vida de qualquer pessoa ou crie um risco sério para a saúde e para a segurança da população ou de uma parcela da população.”<sup>145</sup>

Segundo a Agência Brasileira de Inteligência, “o terrorismo é um ato premeditado, ou a sua ameaça, por motivo político e/ou ideológico, visando atingir, influenciar ou coagir o estado e/ou a sociedade, com emprego de violência.”<sup>146</sup> Entende-se, especialmente, por atos terroristas, aqueles definidos nos instrumentos internacionais sobre a matéria, que sejam ratificados pelo estado brasileiro.

Para a União Europeia, “o terrorismo é todo o ato cometido por pessoas ou grupos de pessoas, que utilizam a violência contra um país, as instituições, a sua população em geral ou contra pessoas concretas e que, por aspirações separatistas, concepções ideológicas extremistas ou fanatismo religioso, ou inspiradas por objetivos de lucro, procuram impor um clima de

---

<sup>143</sup> DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA apud VISACRO (2009: 282).

<sup>144</sup> DEPARTAMENTO DE DEFESA DOS ESTADOS UNIDOS apud VISACRO (2009: 282).

<sup>145</sup> GOVERNO DO REINO UNIDO apud VISACRO (2009: 282).

<sup>146</sup> AGÊNCIA BRASILEIRA DE INTELIGÊNCIA apud VISACRO (2009: 282).

terror aos poderes públicos, a determinadas pessoas ou grupos sociais ou à população em geral.”<sup>147</sup>

O Estado Português também sentiu a necessidade de estabelecer um conceito de terrorismo e enquadrar as suas ações criminosas no seu sistema jurídico e penal, para o que atualizou a definição que constava nos regulamentos militares e que o definia como um “conjunto de ações violentas, levadas a cabo por elementos subversivos, com a finalidade de criar na população um clima de medo, entravar certas atividades e serviços essenciais e/ou suprimir determinados indivíduos.”<sup>148</sup> Através da “lei do combate ao terrorismo” são mencionadas as condições em que um grupo, organização ou associação, deve ser considerado como terrorista e enunciadas as molduras penais para semelhantes atividades criminais.

O terrorismo caracteriza-se, antes de mais, pela indiscriminação das vítimas a atingir, pela generalização da violência, visando, em última análise, a liquidação, desativação ou retração da vontade de combater do inimigo predeterminado, ao mesmo tempo que procura paralisar também a capacidade de reação da população.<sup>149</sup>

Em termos práticos, o terrorismo constitui “qualquer forma velada de intimidação psicológica”<sup>150</sup>, tratando-se de uma “estratégia de violência, concebida para promover resultados desejados através da instilação do medo no público em geral.”<sup>151</sup>

Todas estas definições de terrorismo, de conveniência política e utilidade jurídica duvidosas, ampliam largamente o âmbito das ações e dos atores, passíveis de serem considerados como terroristas.

Ao questionar-se a “legitimação” e a “compreensão” do terrorismo, somos levados a admitir a diversidade teórica de conceitos e as várias conotações políticas que o pretendem

---

<sup>147</sup> RIBEIRO (2010: 4).

<sup>148</sup> DIÁRIO DA REPÚBLICA. Lei nº 52/2003 de 21 de agosto.

<sup>149</sup> ENCICLOPÉDIA. Verbo do Direito e do Estado (1997).

<sup>150</sup> VISACRO (2009: 282).

<sup>151</sup> Id. (2009: 282).

aceitar. Mas, como pontos comuns, verificamos tratar-se, sempre, de violações cometidas contra os direitos humanos, violência contra pessoas inocentes e estados, utilizando métodos que a todos pretendem aterrorizar ou destruir, pelo que o terrorismo continuará a ser ilegítimo em todos os sentidos.

### **3.4 Segurança e liberdade**

Hobbes<sup>152</sup> afirma que, “durante o tempo em que os homens vivem sem um poder comum capaz de os manter, a todos, em respeito, eles se encontram naquela condição a que se chama guerra. Em tal situação, não há lugar para a indústria, pois o seu fruto é incerto. Seguramente não há cultivo da terra, nem navegação, nem uso das mercadorias que podem ser importadas pelo mar. Não há construções confortáveis, nem instrumentos para mover e remover as coisas que precisam de grande força. Não há conhecimento da face da terra, nem cômputo do tempo, nem artes, nem letras. Não há sociedade. E, o que é pior do que tudo, há um constante temor do perigo de morte violenta. A vida do homem é solitária, pobre, sórdida, embrutecida e curta.”

O terrorismo altera a percepção de globalização da sociedade moderna, pois está transformando gradualmente a violência local em ameaça, global e substitui o que se imaginava ser a “ameaça do comunismo” por uma nova ameaça, denominada genericamente de “terrorismo transnacional”. Se o terrorismo foi um dia um microcomponente inerente à guerra fria, depois dos atentados de 11 de setembro de 2001, transformou-se na principal justificção para a doutrina da “guerra preventiva” promovida pelos *neoconservadores* nos EUA, que partilham uma visão pautada pela tradição militar. Propensos à guerra, são políticos ortodoxos acostumados a lidar com as ameaças de um mundo bipolar, mas incapazes de compreender a força da interdependência gerada pela integração do mundo multipolar.

A estratégia da guerra preventiva é um princípio da doutrina de segurança norte-

---

<sup>152</sup> HOBBS (2004: 98).

americana que busca legitimidade para um ataque militar, antecipando um ataque inimigo tido como iminente. A base jurídica da guerra preventiva, consiste no direito de autodefesa dos estados - previsto na Carta das Nações Unidas - contra uma agressão externa e no dever do estado garantir a manutenção da segurança coletiva e individual de seus cidadãos.<sup>153</sup>

A subjetividade da ameaça do ataque “iminente” é uma característica da doutrina *neoconservadora* de segurança dos EUA, onde as incertezas do dia-a-dia escapam ao controle dos indivíduos e a insegurança se transforma numa constante para a sociedade. Funcionando fora da lei, tornando a insegurança omnipresente e fazendo da liberdade um sinônimo de risco, o terror constitui a apoteose da anarquia internacional, a qual, por sua vez, intensifica a sedução da repressão brutal.<sup>154</sup>

É no contexto do medo e da insegurança, que aquela doutrina explora a falsa questão do detrimento das liberdades, em proveito da segurança.

Os *realistas* consideram que a segurança militar ou as questões estratégicas ligadas à defesa da nação, devem ser tratadas como “*high politics*” - políticas de alta prioridade -, enquanto questões econômicas e sociais devem ser tidas como assuntos de menor importância ou “*low politics*.”<sup>155</sup>

Tal como os *neoconservadores*, os *realistas* concebem o estado como o único ator das relações internacionais. Em geral, a questão da segurança nacional assume um papel preponderante na agenda da sua política externa.

O que diferencia os *neoconservadores* da escola “*realista*”, especialmente após os atentados de 11 de setembro de 2001, é “a visão de uma ordem política mundial americana, que se solta dos trilhos reformistas da política de direitos humanos da ONU.”<sup>156</sup>

---

<sup>153</sup> SUGAHARA (2008: 40).

<sup>154</sup> BARBER (2005: 95).

<sup>155</sup> VIOTTI; KAUPPI (1993:06).

<sup>156</sup> HABERMAS (2006:33).

Segundo Pereira<sup>157</sup>, “estamos a assistir a um grupo ultraconservador e nacionalista que controla a “Casa Branca”, que revela arrogância (*hubris*<sup>158</sup>) contra o povo norte-americano, que se viu elevado a uma situação de poder aparentemente incontestável para adotar políticas radicais.”

Após os atentados de 11 de setembro, Beck<sup>159</sup> referiu que bastariam três meses para a concretização do medo como o maior risco contra os dois principais elementos da modernidade: a democracia e a sensação de segurança. O que importa não é a efetiva capacidade de infringir danos através de atentados violentos, mas a projeção que o terror alcança na disseminação da insegurança.

“Politicamente crucial, em última análise, não é o risco em si, mas a sua percepção. O que os homens sentem que é real, é real nas suas consequências.”<sup>160</sup>

A modernidade está fundamentada na liberdade e na democracia, mas os homens tendem a abdicar de alguns valores em prol da segurança.

A sociedade que sucumbe ao terrorismo é incapaz de agir contra o cerceamento dos direitos individuais a que o próprio colectivo se impõe. “Se nos confrontarmos com a escolha entre liberdade e sobrevivência já será tarde demais, pois a maioria dos homens coloca como prescindirá da liberdade.”<sup>161</sup>

Para Sugahara<sup>162</sup>, o objetivo do terror é justamente quebrar o equilíbrio do poder constituído pelo estado, em vista da segurança de seus habitantes. A partir do momento em que os indivíduos se sentem desamparados pelo estado, diante da simples hipótese da morte violenta, a teia social que sustenta todo o desenvolvimento cultural e político, começa a ruir.

---

<sup>157</sup> PEREIRA (2003:55).

<sup>158</sup> Extrema arrogância, orgulho. *Hubris* frequentemente indica uma perda de contato com a realidade e uma superestimação da nossa própria competência ou capacidade, especialmente quando a pessoa está se exibindo em uma posição de poder.

<sup>159</sup> BECK (2002).

<sup>160</sup> Id. (2002).

<sup>161</sup> Ibid. (2002).

<sup>162</sup> SUGAHARA (2008: 42).

Barber<sup>163</sup>, considera o medo como a maior arma do terrorismo moderno para disseminar a insegurança e reverter uma das principais conquistas da sociedade moderna - a liberdade cívica. Os terroristas descobriram o sinistro segredo do estado de natureza “hobbesiano”: num mundo de medo e incerteza, mesmo o mais fraco pode matar o mais forte; o medo da morte pode ser mais paralisante do que a própria morte; e para superar a insegurança, os homens podem ser tentados a renunciar à liberdade - a menos que consigam descobrir uma fórmula pela qual possam abandonar a anarquia natural, sem deixar de lado a liberdade. Essa fórmula existe no modelo de contrato social.

Estamos habituados a perceber a liberdade como imagens que a história reteve. São cenas que nos remetem à imagem de uma nova bandeira hasteada após uma vitória no campo de batalha, ou o derrube de uma estátua que simbolizava o regime deposto.

Nada disso descreve, no entanto, “a verdadeira sensação de liberdade que decorre de mútuo sentimento de segurança. Na sociedade contemporânea, a imprevisibilidade e a insegurança são uma constante na vida dos indivíduos, mas os riscos são compatíveis com a liberdade.”<sup>164</sup>

Nas últimas décadas, assistiu-se aos terroristas a operarem em mercados e cenários internacionais anárquicos, fazendo reverter as flechas da liberdade. Atuando fora da lei, tornando a insegurança omnipresente e fazendo da liberdade um sinônimo de risco, o terror constitui a apoteose da anarquia internacional, a qual, por sua vez, intensifica a sedução pela repressão brutal.<sup>165</sup>

A insegurança pode, pois, levar as nações a comprar a segurança com o sacrifício da liberdade. A repulsa aos atos criminosos e mal-intencionados de Osama Bin Laden, pode criar tolerância aos atos bem-intencionados, mas igualmente criminosos, de John Ashcroft. Um secretário de Justiça como ele, inclinado a desrespeitar rudemente as sutilezas das liberdades

---

<sup>163</sup> BARBER (2005: 93).

<sup>164</sup> SUGAHARA (2008: 43).

<sup>165</sup> BARBER (2005: 93).

civis de cidadãos, é menos o produto de um governo obcecado com a segurança, do que de um povo em pânico.<sup>166</sup>

Assim também, hoje em dia, o inimigo das liberdades civis nos Estados Unidos da América não é Ashcroft, mas o medo. Ao soltar a liberdade do seu ancoradouro, o terrorismo logra êxito em sua missão de semear medo. Devido ao nosso receio da anarquia, acabamos por voltar ao estado de natureza anárquico que foi, realmente o primeiro império do medo.<sup>167</sup>

As experiências recentes na guerra contra o terrorismo revelaram que devemos manter-nos sempre vigilantes para com aqueles que prometem a segurança em troca da liberdade.

“Os esplendores da liberdade estão em seu ponto mais brilhante quando ela é sacrificada no altar da segurança. Quando é a vez de a segurança ser sacrificada no templo da liberdade individual, ela furta muito do brilho da antiga vítima.”<sup>168</sup>

### **3.5 O terrorismo como ameaça à comunidade internacional.**

Esta é sem dúvida a maior de todas as ameaças.

A falta de parâmetros para os ocidentais decretarem a “guerra justa” contra o terrorismo e a ausência de uma agenda política de segurança coletiva, mantêm abertas as portas para a ação do fundamentalismo religioso, em oposição à globalização.

“Não que sejam suas causas ou consequências, mas a guerra cria um estado de não-direito, regulariza a morte, banaliza a barbárie, alimenta o medo e as fantasmagorias, reaviva os velhos demônios, abala a moral e o humanismo.”<sup>169</sup>

A globalização do terrorismo é apenas um dos reflexos da violência no mundo contemporâneo. Os atentados do 11 de setembro revelaram as vulnerabilidades do estado moderno, no atual contexto das relações internacionais, diante da ameaça do terrorismo fundamentalista, difusa e imprevisível.

---

<sup>166</sup> BARBER (2005: 93).

<sup>167</sup> Id. (2005: 94).

<sup>168</sup> BAUMAN (1998:10).

<sup>169</sup> HATZFELD apud SUGAHARA (2008: 33).

“Durante quase todo o século XX o terrorismo foi uma manifestação local, limitada pela lógica do conflito bipolar. Porém, com o fim da guerra fria, surgem novas linhas de fratura no plano étnico; a etnia passa a ser a base para a construção das trincheiras defensivas, territorializada em comunidades locais.”<sup>170</sup>

A modernidade não é apenas a globalização dos meios de produção e a revolução dos meios de comunicação; também representa um aprofundamento e uma especificação das tensões entre o local e o global.

Segundo Giddens<sup>171</sup>, “nas civilizações pré-modernas, as atividades do centro político nunca penetravam inteiramente na vida quotidiana da comunidade local. Somente com a consolidação do estado-nação e a generalização da democracia nos séculos XX, a comunidades locais começaram efetivamente a se fragmentar.”

Ainda segundo Giddens<sup>172</sup>, na relação entre modernidade e tradição, a evolução do *risco* representa o elemento central para a construção daquilo a que chama de “sociedade pós-tradicional”.

O risco ajuda a configurar o mundo como um ambiente “em descontrolo”, que vê o poder tradicional local entrar em colapso, mas não sem antes resistir de forma muitas vezes violenta e imprevisível.

Não é que, presentemente, as nossas circunstâncias de vida se tenham tornado menos previsíveis do que costumavam ser; o que parece ter mudado as origens da imprevisibilidade.

No atual contexto de indeterminação dos verdadeiros inimigos, a difusão do terrorismo internacional deve ser analisada sob a óptica da transição da modernidade “simples” para a modernidade reflexiva, “estágio em que o progresso pode transformar-se em autodestruição, em que um tipo de modernização destrói outro e o modifica.”<sup>173</sup>

---

<sup>170</sup> SUGAHARA (2008: 33).

<sup>171</sup> GIDDENS (2005: 114).

<sup>172</sup> Id. (2005: 115 - 116).

<sup>173</sup> BECK (2002).

Para Sugahara<sup>174</sup>, a globalização colocou em xeque as bases históricas da legitimação do poder local, baseado na força da tradição secular. A perda de significado dos dogmas para algumas culturas e a expansão do capital transnacional criaram um limbo de identidade nas sociedades de estrutura tradicional. Enquanto uma pequena parcela do mundo incorporou o modelo de vida cosmopolita, baseado nas novas relações horizontais de produção e exploração capitalista, a maioria das pessoas encontram-se no patamar da miséria, sobrevivendo com menos de um dólar por dia, em regiões onde a fragilidade das instituições alimenta a violência e a intolerância étnica.

A globalização ocidental abre o caminho aos terroristas radicais, permitindo-lhes penetrar nas suas comunidades e expressar o ódio que lhes nutrem. A liberdade dos terroristas entrarem nos países ocidentais é muito grande, facilitando a sua distribuição local em células independentes, com planos de ação muito claros e coordenação dos seus atos, mesmo em pequenas operações que impressionam pela eficácia revelada.

Para os terroristas, “o seu primeiro objetivo é destruir o atual projeto conservador dos EUA, porque o consideram responsável por todos os males, políticos e morais, que atingem o mundo islâmico (...), tendo já realizado diversos atentados que conseguiram abalar a confiança dos americanos na sua segurança.”<sup>175</sup>

A flexibilidade do mundo ocidental e a globalização, associadas ao ódio, são os instrumentos da ideologia terrorista. Usando o mecanismo da globalidade, associado ao ódio àquele sistema, os terroristas usam mecanismos de disseminação dos grupos, “não precisando mais de obter instruções diretas do líder da organização para levarem por diante operações que almejam abrir brechas nos sistemas de segurança ou chamar a atenção dos “media”. A consulta do líder tem lugar em relação às ações mais importantes, as quais requerem a sua

---

<sup>174</sup> SUGAHARA (2008: 34).

<sup>175</sup> ATWAN (2008: 278).

permissão.”<sup>176</sup>

Para Burke<sup>177</sup>, os modernos terroristas são feitos, não nascem; são criados em vários estágios. A rota que leva ao terrorismo começa com o sentimento de que há alguma coisa errada que se deve corrigir; pode ser um problema real, uma injustiça percebida, ou ambos. Depois, no segundo estágio, vem o sentimento de que o problema, seja ele universal ou puramente pessoal, não poderá ser resolvido sem o recurso a um modo de ação que ultrapassa a capacidade do poder político ou jurídico de uma dada sociedade.

No estágio seguinte, o indivíduo transforma-se de ativista ou militante, em verdadeiro terrorista.

Importa ter presente que, no momento em que se envolvem numa ideologia que consideram aliciante, baseada numa visão de mundo, que parece permitir a superação das barreiras sociais, se sentirão impelidos a cometer atos de violência e terror, para conseguir esse objetivo.<sup>178</sup>

Para Burke<sup>179</sup>, esse é o momento em que o indivíduo começa a admitir a possibilidade de fazer algo mais do que gritar “*slogans*” ou “agitar bandeiras”. É também o momento em que um indivíduo, frustrado e desesperado, se transforma num revoltado e violento, ou seja, num potencial terrorista. E esse é o maior perigo. É nesse ponto crítico que, ideologias que parecem trazer-lhe a solução para a sua visão do mundo, pela qual importa lutar, surgem como campo de ação para desenvolver aquelas frustrações e revoltas. É o momento da Al-Qaeda.

Para contrariar as normas morais que inibem a humanidade de cometer atos de violência entre si, que não seja para defesa dos direitos universalmente consignados, é necessário

---

<sup>176</sup> ATWAN (2008: 278 - 279).

<sup>177</sup> BURKE (2007: 292).

<sup>178</sup> Id. (2007: 292).

<sup>179</sup> Ibid. (2007: 293).

produzir um discurso aparentemente legitimador<sup>180</sup> que reforce a predisposição do potencial terrorista a praticar tais atos. O discurso mais eficaz é aquele em que seus futuros líderes, a partir das suas experiências pessoais, servindo-se de uma teoria convincente e revelando, por vezes, grande capacidade de influência, lhe exaltam as injustiças e lhe fornecem um programa de ação para as combater.<sup>181</sup>

O ódio contra o ocidente faz com que surjam sempre novos militantes, atraídos por semelhante ideologia e por aquela visão do mundo, que facilmente se difunde cada vez mais por um maior número de aderentes, constituindo-se numa das principais ameaças contra o mundo global - o terrorismo.

A globalização e a liberdade de circulação de pessoas, abrem caminhos que facilitam a aplicação de modernas tecnologias para a execução daquelas ações.

Para dar respostas concretas à atual situação que o terrorismo criou, precisamos de olhar o futuro e analisar as possíveis ameaças internacionais; nesse sentido, julga-se pertinente avaliar se o terrorismo deve ser considerado como uma grande ameaça à comunidade internacional.

Sobre esta questão, Mingst<sup>182</sup> apresenta argumentos com duas versões distintas, quanto à possibilidade de o terrorismo ser, no futuro próximo, considerado uma grande ameaça internacional.

A primeira versão é a de que, “SIM”, o terrorismo será uma ameaça internacional, porque os seus protagonistas se têm mostrado capazes de promover, coordenar e levar a efeito programas de atividades violentas contra o ocidente e contra o secularismo, em várias regiões do mundo, provocando a maior instabilidade e terror.

Os argumentos invocados pela autora, para justificar esta versão, são os seguintes:

- O fundamentalismo é uma força que se opõe ao poder e à influência ocidental no

---

<sup>180</sup> BURKE (2007: 293).

<sup>181</sup> Id. (2007: 293).

<sup>182</sup> MINGST (2009: 215).

mundo e, em consequência, é uma ameaça à segurança internacional;

- Os fundamentalistas são capazes de executar ações violentas, de grande impacto, realizadas de forma coordenada, por redes de células organizada em malha, sem líderes, o que dificulta a prevenção dos ataques, representando, dessa forma, uma grave ameaça à segurança;
- Os fundamentalistas conseguem atrair para as suas causas, outras organizações terroristas, estados não-alinhados, como o Irão e o Iraque e grupos ou organizações de fanáticos religiosos, constituindo redes de apoio difíceis de detectar e de conter, sendo, por isso, uma forte ameaça à estabilidade internacional.

A segunda versão é de que, “NÃO”, o terrorismo não é uma ameaça internacional porque o combate que lhe é movido pela comunidade internacional, está sendo cada vez mais bem sucedido, tendo sido destruídas redes de apoio e negado o acesso ao financiamento e a outros recursos. Pelo que, em consequência, a ameaça estará sob controlo.<sup>183</sup>

Os grupos terroristas são cada vez mais abrangentes, incluindo nacionalistas radicais, neonazis, fanáticos religiosos e extremistas políticos de esquerda e de direita. O patrocínio de grupos terroristas por estados apoiantes, também é cada vez mais comum.<sup>184</sup>

Desta forma, o terrorismo apresenta-se como um dos grandes problemas que a comunidade internacional tem de enfrentar neste princípio do século. No entanto, os caminhos para a solução não se encontram no desrespeito pelo ser humano e pela sua dignidade, nem tampouco na violação das leis e dos tratados internacionais, pois seria uma irracionalidade combater o terrorismo empregando os mesmos métodos condenáveis do terror.

Essas práticas de violência, a serem cometidas pelos estados e pelas sociedades alvos do terrorismo, não contribuiriam para que o mundo fosse um lugar mais seguro e mais justo; apenas fariam recrudescer, em espiral, aquela violência.

---

<sup>183</sup> MINGST (2009: 215).

<sup>184</sup> Id. (2009: 215).

O que está em causa parece ser a convivência pacífica entre as nações, a tolerância às diferentes culturas e a resolução de conflitos dentro de um marco democrático e legal. Por isso, é fundamental consolidar a ideia de que ao homem devem ser universalmente garantidos os seus direitos e fortalecendo os seus direitos, fortalecendo a responsabilização pelas violações cometidas contra a dignidade humana.

## **4. FUNDAMENTALISMO ISLÂMICO E O TERRORISMO**

### **4.1 O terrorismo islâmico**

Um novo palco foi montado à revelia da comunidade internacional, no qual novos atores agem a coberto de mil e uma máscaras e encenados por “coreógrafos” que fogem a qualquer tentativa de enquadramento, levada a cabo por estados-nação saídos da guerra-fria.

“Estes novos atores têm vindo a ser constituídos desde a Revolução Iraniana de 1979, em que Khomeini já idealizava o seu alargamento a todo o ocidente e ao restante mundo árabe, em moldes idênticos ao da Al-Qaeda.”<sup>185</sup>

É por isso que, ingleses e americanos, apoiaram Saddam Hussein numa guerra contra o Irão, por forma a enfraquecer os seus intentos revolucionários. Estes tinham de ser aplacados, dada a dependência petrolífera das sociedades ocidentais em expansão.

As ondas sísmicas da globalização, surgidas após a queda do muro de Berlim, desencadearam diversos fatores, como a dependência das economias mais fracas em relação às mais fortes, o que fez aumentar, para além de muitos outros erros resultantes da descolonização, os sentimentos de revolta nas sociedades muçulmanas em que os Estados Unidos são vistos como uma máquina diabólica de destruição do Islão, subjugando-o ao sionismo.<sup>186</sup>

O fim dos “blocos” deu azo a que um elevado número de bandos criminosos, antes controlados, se disseminasse pelos quatro cantos do mundo de forma aleatória, o que

---

<sup>185</sup> ALVES (2010: 96).

<sup>186</sup> Id. (2010: 96).

possibilitou o aparecimento de um terrorismo transnacional, de base Islâmica e inspiração religiosa.

“O desconhecimento do “outro” e a análise a partir de uma perspectiva da civilização ocidental, a que podemos juntar uma certa sobrançeria, levaram a que aumentasse o mal-estar, abrindo, assim, o campo à proliferação de reações violentas.”<sup>187</sup>

Estas depressa ganharam forma, com os ataques às Torres Gêmeas e os atentados em Madrid e em Londres.

O terrorismo fundamentalista islâmico terá tido a sua gênese na Irmandade Muçulmana, mas foi em 1989, com a retirada soviética do Afeganistão, que os Taliban tornaram possível que o fundamentalismo radical ganhasse um espaço que Bin Laden aproveitou para estruturar a Al-Qaeda, de modo a criar uma rede de grupos islâmicos fundamentalistas radicais. Tais grupos aproveitaram as “facilidades” da globalização para se manterem incógnitos e assim atuarem de forma imprevista, para desencadear a “(...) reconquista de todas as terras do Islão ocupadas por infiéis, desde a Indonésia às então Repúblicas Soviéticas da Ásia Central, passando pela Andaluzia.”<sup>188</sup>

Na prossecução dessa reconquista, os grupos extremistas “espalham-se por vários pontos do globo, como a Caxemira ou a Bósnia, onde reacendem anteriores conflitos através da ação *jihadista*, inicialmente regional. Posteriormente voltam-se contra o ocidente, como bem patenteiam os atentados contra os “marines” estacionados em Daharan (1996), contra as Embaixadas dos Estados Unidos na Tanzânia e no Quênia (1998) e contra o USS “Cole” em Aden (2000).”<sup>189</sup>

Estes ataques dão forma ao terrorismo islâmico de “novo tipo”, caracterizado por ligações em “rede” na forma de “células”, sobretudo da Al-Qaeda, espalhadas por mais de 60 países, entre os quais podemos destacar a Grã-Bretanha, a França, a Alemanha e a Espanha e

---

<sup>187</sup> BARBOSA (2006: 31).

<sup>188</sup> RAMOS (2009: 30).

<sup>189</sup> ALVES (2010: 97).

continentes como o americano e o asiático.

Em toda rede há um desejo comum: a destruição, por meio do emprego de ações violentas e de forma aleatória, para que todos saibam que são alvos potenciais a abater em qualquer momento. Fica bem patente que os Estados deixaram de ter capacidade para defender os seus cidadãos e instituições, havendo ainda subjacente a questão religiosa de eliminação pura do infiel e o ódio alimentado face ao Estado israelita e seus apoiantes, como os americanos e ingleses.

Segundo Alves<sup>190</sup>, “para alimentar este ódio ao infiel, criaram-se as “madrassas” que ensinam assuntos islâmicos e fazem a divulgação da literatura religiosa e as mesquitas, onde doutrinam as comunidades muçulmanas espalhadas por vários países, no sentido de que a luta armada é a única forma de exterminação dos não crentes. Representando a influência do ocidente na humilhação do mundo islâmico, o regresso ao califado afigura-se como a única maneira de obstar a crise de valores que rasga o Islão.

Esta situação, para a qual não há uma solução à vista, propõe uma equação em que os únicos fatores conhecidos são dois mundos, em que o Islão impera como único sistema global; “(...) Esta “guerra” é uma obrigação de todo o muçulmano e deve durar até que o mundo inteiro tenha perfilhado a fé islâmica e esteja subordinado à autoridade do Estado islâmico.”<sup>191</sup>

O terrorismo islâmico é como um cancro, cujas células crescem e se dividem sem respeitar fronteiras, invadindo e destruindo Estados, podendo espalhar-se para lugares distantes do globo através do processo *jihadista*, “(...) adota uma estrutura de natureza celular difusa, que propicia a certas células, a aquisição de um elevado grau de autonomia, que as leva a assumir identidade própria (...).”<sup>192</sup>

A dificuldade para identificar e detectar estas “células”, deve-se ao seu secretismo no

---

<sup>190</sup> ALVES (2010: 98).

<sup>191</sup> SANCHES (2009: 93).

<sup>192</sup> Id. (2009: 93).

disfarce do fundamentalismo dos seus membros, o que lhes proporciona a liberdade necessária à realização dos seus desígnios: “A construção de uma rede planetária é decisiva para este tipo de organização e os radicais islâmicos revelam uma enorme capacidade de mobilização de apoios em qualquer parte do mundo, recrutando prosélitos junto da comunidade imigrante originária de países muçulmanos e de apátridas ou refugiados.”<sup>193</sup>

O terrorismo integrista assenta numa das vertentes que são os 15 a 20 milhões de muçulmanos existentes na Europa, o que lhe possibilita um vasto apoio logístico e financeiro. Como afirma Sanches<sup>194</sup>, “(...) o Islão politizado dos fundamentalistas, procura o confronto violento com a civilização ocidental e aspira a um mundo governado pela lei islâmica, defendendo mesmo a ideia de um Estado islâmico não-territorial, segundo a qual as comunidades muçulmanas do ocidente deveriam ser encaradas como um Estado islâmico, territorialmente descontínuo, mas em que devia vigorar a lei islâmica.”

É por entre as comunidades muçulmanas que os radicais proliferam, “(...) e constituem a base de apoio ideológico e operacional deste terrorismo de novo tipo, (...) que constitui a maior ameaça ao mundo ocidental (...).”<sup>195</sup>

Verifica-se que esta nova estirpe (Brigadas dos Mártires de *Al Aqsa*, a *Al Fatah*, o Hamas, o Hezbollah, *Jihad* Islâmica, a Gama a *al Islamiyya* e a Al-Qaeda) não pode ter como resposta uma vacina sazonal, mas uma reação atípica, dadas as assimetrias que pautam a atuação do terrorismo transnacional, para o qual ainda não há equivalência no campo diplomático, pois a sua atuação é irracional, o que tem deixado os países ocidentais em sérias dificuldades face ao novo inimigo.<sup>196</sup>

Para além disso, este novo terrorismo alimenta-se de “*failed states*” e não deve ser conotado com nenhuma nacionalidade em concreto, dado o seu bilhete de identidade ser de

---

<sup>193</sup> SANCHES (2009: 95).

<sup>194</sup> Id. (2009: 95).

<sup>195</sup> Ibid. (2009: 95).

<sup>196</sup> ALVES (2010: 99).

apátrida. Mas pode ser associado à inteligente utilização de meios tecnológicos e recursos financeiros vastos, com o qual tem muitos pontos em comum, como a lavagem de dinheiro e o tráfico de armas, práticas utilizadas pelo “polvo” pan-islâmico que é a Al-Qaeda, uma espécie de máfia sunita composta por terroristas com representações em vários países.

O palco dos combates é planetário; os seculares dizem que “o Islão é a religião do amor” mas é também a religião da Guerra. Da paz, mas também do terrorismo. Maomé disse: “eu sou o profeta da misericórdia”. Mas também disse: “eu sou o profeta do massacre”. A palavra terrorismo não é nova entre os muçulmanos. Maomé disse ainda: “Eu sou o profeta que ri quando mata o seu inimigo.”<sup>197</sup>

A questão não é, portanto, “apenas” o matar. É rir quando se está a matar. Tal é o ódio aos ocidentais que constituem a natureza do terrorismo fundamentalista islâmico.

“O terrorismo islâmico passa por ser uma expressão ambígua que ajuda a compreendê-lo e a abordá-lo como uma ameaça contra os ocidentais que o confrontam.”<sup>198</sup> É o surgimento do novo terrorismo mundial.

O fenômeno do terrorismo, também chamado de novo terrorismo ou terrorismo transnacional, praticado pelos fundamentalistas islâmicos, é uma preocupação que diz respeito ao mundo inteiro, principalmente aos países ocidentais.

Estamos perante um tipo de terrorismo que tem um carácter internacional e que não é mais restrito a fronteiras de um estado.

Para Carmo<sup>199</sup>, o terrorismo internacional surge em grupos que emergiram após a guerra-fria. Esses grupos ideológicos manifestavam-se revoltados com as políticas ocidentais no Médio Oriente. Não queriam mais as intervenções de outros estados nas suas nações. Há a ideia de que existe algo profundamente violento no que concerne ao Islão ou algo místico no que respeita às relações entre o Islão e a política absoluta.

---

<sup>197</sup> MOHAMMED apud ALVES (2010: 99).

<sup>198</sup> BURKE (2007: 41).

<sup>199</sup> CARMO (2010).

A maioria das pessoas do mundo muçulmano quer o que toda a gente quer, ou seja, viver as suas vidas dum modo simples, sem constrangimentos, sem serem incomodadas pelas ideias doutras pessoas como devem fazer e sobre aquilo que devem fazer.

O que existe, não é um confronto entre civilizações, mas antes uma competição entre as ideias sobre o que significa liberdade para o Médio Oriente. Enquanto para os ocidentais, liberdade para o Médio Oriente é poderem influenciar e manipular os governos dos países árabes, para os muçulmanos a liberdade do Médio Oriente é a libertação da influência dos americanos e dos ocidentais nos seus governos e países.

Atualmente o novo terrorismo é algo pertinente em toda a sociedade global. Por isso, o tenente-general José Lopes Alves<sup>200</sup>, afirma que o fenómeno da globalização está associado aos sofisticados meios de ação hoje disponíveis a todas as iniciativas e a viabilidade de recrutamento de gentes e grupos capazes de se entregarem física e moralmente, individual e coletivamente, a extremos de vontade e fanatismo, até ao sacrifício da própria vida, passaram a constituir no “novo” sistema de ação irregular, os seus atributos mais relevantes. Junta-se a este conjunto de factores favoráveis a existência de inúmeras áreas e centros geopolíticos em que é possível a esses terroristas da nova geração, encontrar abrigo e apoio para se fixarem e, a partir daí, se empenharem, como sejam o Afeganistão e o Paquistão e, modernamente, alguns países do Magrebe.

Grande parte da atividade terrorista recente tem suas raízes no Médio Oriente, onde se trava luta dos palestinos pela sua autodeterminação e pelos seus próprios conflitos internos.<sup>201</sup>

O terrorismo contemporâneo transnacional inaugurou o século XXI, através da prática de inúmeros atentados, em diversas partes do globo, demarcando, nitidamente, sua nova caracterização e seus novos propósitos.

Um exemplo concreto foi em 11 de setembro de 2001, quando a humanidade presenciou,

---

<sup>200</sup> ALVES (2010).

<sup>201</sup> MINGST (2009: 213).

estupefata, a queda das Torres Gêmeas em Nova York, atingidas por dois aviões civis que foram lançados contra aquele símbolo do inabalável império norte americano, alvo de ataques suicidas da organização Al-Qaeda, liderada por Osama Bin Laden. Quase simultaneamente, um terceiro avião mergulhava sobre o Pentágono em Washington, símbolo do sistema de defesa, supostamente infalível, da nação mais poderosa do globo.

A partir daquela data, a Al-Qaeda, formada por uma rede obscura de fundamentalistas islâmicos de vários países, incluindo alguns não situados no Médio Oriente, comandada por Osama Bin Laden é motivada por seu desejo de instalar regimes islâmicos no Médio Oriente, apoiar insurreições islâmicas no sudoeste da Ásia e punir os Estados Unidos da América por seu apoio a Israel e por suas fortes ligações com regimes corruptos do Médio Oriente.<sup>202</sup>

O movimento islamita radical transnacional -Al-Qaeda - planeia aumentar as redes por diversos países, provando que o terrorismo islâmico se espalha por todo o mundo e que nenhum país poderá afirmar que lhe está imune.<sup>203</sup>

A Al-Qaeda, “otimizou o terrorismo islâmico, moldando-o com tecnologias de ponta através da utilização da *internet* e comunicações por satélite, o que transnacionalizou de forma a expulsar, numa primeira fase, (...) os infiéis dos lugares santos do Islão e, numa segunda fase, restabelecer o Califado, mas não sem antes reconfigurar a *Umma*.”<sup>204</sup>

O relatório *Pattens of Global Terrorism*, de 1995, do Departamento de Estados dos EUA, referiu que “(...) os terrorismos transnacionais dispunham de meios de comunicação e de transporte modernos, eram financiados a nível global, tinham conhecimentos sobre armamento e explosivos modernos e eram mais difíceis de descobrir e de capturar (...)”<sup>205</sup>

Ou seja, Bin Laden deu uma nova autonomia ao terrorismo islâmico, com consequências ainda não percebidas pela comunidade internacional. Aliás, a única diferença

---

<sup>202</sup> MINGST (2009: 213).

<sup>203</sup> VEGAR (2010: 62).

<sup>204</sup> Id. (2010: 62).

<sup>205</sup> SILVA (2005: 298-299).

entre os Estados Unidos no século XXI no Afeganistão e os soviéticos no século XX é que os soviéticos invadiram o Afeganistão convictos de que ganhariam a guerra, ao passo que os americanos invadiram o Afeganistão sabedores de que nunca ganharão o que quer que seja. Por isso, nenhum dos interesses ocidentais está a salvo e livre dos atentados da Al-Qaeda.

Todavia, os objetivos do terrorismo estão dentro de uma ideologia particular, alimentada pelo fundamentalismo islâmico, cuja expansão está no âmbito religioso. Com suas ações de terror e como forma de reimplantar a influência islâmica no Mundo, tem provocado o controlo local de áreas críticas e fontes de matérias-primas, geopolítica e geoestrategicamente dominantes.

Para realizar esse grande objetivo, as suas atitudes conhecidas de propaganda e de ação cumprem e conduzem às seguintes finalidades, como afirma Alves<sup>206</sup>:

1. Domínio efetivo ou, pelo menos, controlo do espaço geopolítico, geoestratégico, ideológico e histórico que os países da Europa, desde sempre e os Estados Unidos da América, em épocas recentes, retiraram ao Islão;
2. Expansão e defesa da doutrina islâmica nesse espaço;
3. Aposição de barreiras físicas, religiosas e psicológicas a todo tipo de tentativas de interferência nos assuntos internos dos países e comunidades que efetivamente sentem, seguem e praticam o Islamismo;
4. Permanente e devotado respeito dos islamitas pelas orientações do Corão como fonte eterna de ensinamentos e de espírito de união e coesão entre todos os muçulmanos.

A realização dos pressupostos da Al-Qaeda, nos tempos atuais, é considerada completa. Os efeitos das ações, violentas ou não, que visam a desencadear o terror, expandem-se nos demais países, através dos órgãos de comunicação social que publicitam as suas ações.

---

<sup>206</sup> ALVES (2010).

Transformam-se como os ávidos de violência e os governos são obrigados a tomar medidas de segurança e de defesa nacional, que muitas vezes se tornam impopulares por irritarem a opinião pública.<sup>207</sup>

O problema do terrorismo religioso internacional, reside numa gênese mais ideológica e religiosa que qualquer outra. Reside mais uma vez no fundamentalismo nacionalista, racista, histórico, ideológico ou religioso, sendo o último a marca de nosso tempo. Deus (Alá) transformou-se no argumento perfeito para os fundamentalistas islâmicos. Usando do fundamentalismo religioso, Bin Laden e outros formaram um exército em todo o mundo.

É impressionante ver homens e mulheres dispostos a morrer e matar em nome de um Deus que elegeu apenas a eles, fundamentalistas radicais muçulmanos, como o povo eleito e designado a dominar o mundo. Deus é a desculpa; porém é também a real motivação e razão de tanta violência dos terroristas internacionais.

O Corão transformou-se no guia do valente guerreiro e Bin Laden, transformou-se num herói do mundo islâmico, mudando a sua organização, a Al-Qaeda, numa ideia, num formato de luta que tem obtido enorme êxito e influenciado grupos terroristas em todo o mundo. Nenhum interesse ocidental estará a salvo dos atentados perpetrados pelos vários grupos radicais. Existe uma clara incitação à *jihad* global.

Silva afirmou<sup>208</sup> que depois de 11 de setembro, Bin Laden e outros grupos terroristas, disseram que os EUA têm sido atacados por Alá nos seus órgãos vitais e que a sua guerra continuaria até à libertação dos lugares santos por parte dos americanos e Judeus, desde a Palestina até o resto do mundo árabe.

Essas operações foram planeadas e executadas por radicais árabes de várias nacionalidades (maioritariamente sauditas), o que demonstrou a existência de uma vasta rede

---

<sup>207</sup> ALVES (2010).

<sup>208</sup> SILVA (2005: 302).

multinacional, ligando diversas células de radicais islâmicos espalhado pelo mundo.<sup>209</sup>

“Os serviços de informações tiveram dificuldade em entrar nas redes clandestinas da Al-Qaeda, porque se verificou uma aparente inércia da estrutura de segurança dos EUA para se adaptar às novas ameaças do pós-guerra fria.”<sup>210</sup>

Foi o desenvolvimento e consolidação das várias raízes fundamentalistas do terrorismo islâmico global, que permitiu aos seus atores produzirem ataques nos Estados Unidos e outros países. Ao movimentar-se com relativa facilidade em várias regiões do mundo, permitiu-se-lhes atacar os interesses israelitas, ingleses e americanos a qualquer momento e em qualquer local.

Para Alves<sup>211</sup>, as raízes do terrorismo islâmico encontram-se espalhadas pela Europa onde existem radicais pertencentes a redes islâmicas transnacionais que, no Reino Unido, exploram o sistema legal, de forma a alcançarem os seus objetivos a coberto de organizações islâmicas de caridade que financiam atividades ilegais, chegando-se ao extremo de, no seio da Inglaterra, se apelar nas mesquitas, ao combate contra “infiéis” e judeus.

Bin Laden afirmou em 2002, que “esta guerra está no princípio. Portanto, se formos mortos ou capturados, ou se os inimigos de Alá conseguirem obter uma vitória, (...) não devemos esquecer que o caminho é longo e que os muçulmanos têm de o percorrer até ao dia do juízo final.”<sup>212</sup>

Os movimentos radicais consideram que só a violência possibilitará ao Islão libertar-se dos infiéis e recuperar o califado. Portanto, o terrorismo internacional não terá fim e estender-se-á pelo século XXI.

#### **4.2 A *Jihad* e o terrorismo**

Movimento que usa a religião como argumento de posições políticas, o

---

<sup>209</sup> SILVA (2005: 302).

<sup>210</sup> Id. (2005: 302).

<sup>211</sup> ALVES (2010: 64).

<sup>212</sup> BURKE (2007: 262).

fundamentalismo é também uma tentativa de conservar tradições, opondo-se a qualquer tipo de modernização. “Embora todos os fundamentalistas sejam fervorosos adeptos de sua religião, nem todos os religiosos ortodoxos são fundamentalistas.”<sup>213</sup>

O movimento *jihadista* é composto por três variantes, as quais dependem dos contextos, dos objetivos e das estratégias seguidas:

O *jihadismo* irredentista, traduz a luta pela recuperação da terra do Islão a governos não muçulmanos ou a ocupantes externos. É o caso das lutas levadas a cabo no Afeganistão, na Chechênia ou na Palestina.

O *jihadismo* interno, implica a luta contra os regimes muçulmanos considerados ímpios e, como tal, são vistos como alvos legítimos. É o caso do Grupo Islâmico Armado na Argélia ou da *Al-Jihad* e do Grupo Islâmico no Egito.

O *jihadismo* global envolve a *jihad* contra o Ocidente, entendido como inimigo do Islão, responsável pela existência de Israel e apoiante de regimes muçulmanos corruptos.

A globalização do *jihadismo* deu-se a partir de meados da década de 90 do século XX, com o aparecimento da organização conhecida por Al-Qaeda e grupos a ela associados, apesar das sementes terem sido plantadas durante os anos 1980, com a ida para o Afeganistão de muitos jovens do Médio Oriente e do sul da Ásia para lutar contra o ocupante soviético.

“Os muçulmanos fundamentalistas, por sua vez, são aqueles que concordam em matar os que consideravam infiéis, usando o *jihad* – guerra santa – em nome da defesa dos princípios do Islão.”<sup>214</sup>

Esses são os muçulmanos que “lutam para viver a sua vida pelo livro – literalmente. É para o livro, ou para os livros, que devemos nos voltar ao tentar compreender o conceito de *jihad*, ou a luta religiosamente inspirada.”<sup>215</sup>

---

<sup>213</sup> SUTTI; RICARDO (2003: 105).

<sup>214</sup> Id. (2003: 105).

<sup>215</sup> ATWAN (2008: 77).

Para Atwan,<sup>216</sup> existem dois tipos de *jihad*: a pessoal, na qual o crente luta espiritualmente e a *jihad* no sentido de combate, que é responsável pelo terrorismo contemporâneo.

Há duas fontes principais no Islão: o Corão - *Qur'an* - aceite como o Mundo de Alá, eternamente verdadeiro e de confiança, como revelado por Maomé e o *Hadith*<sup>217</sup>, que são textos que relatam tanto ditados verdadeiros do profeta, quanto descrições de suas ações relatadas por seus companheiros. Eles foram escritos principalmente após a morte do profeta, uma vez que ele não queria que as pessoas confundissem as palavras reveladas por Alá com as suas próprias palavras. Para os muçulmanos, os textos de *Hadith* são indispensáveis, uma vez que explicam e complementam o Corão.<sup>218</sup>

No mundo muçulmano, as interpretações e aplicações do *Qur'an* e do *Hadith* são tarefas cruciais exercidas pelos especialistas e crentes, surgindo assim o *Shri'ah*, que é o conjunto de normas tanto do *Qur'an* como do *Hadith*.<sup>219</sup>

Segundo Atwan<sup>220</sup>, “o Estado islâmico estabelecido pelos Talibãs, de 1996 a 2001, foi governado pelas leis do *Shri'ah*. (...) e este foi originado pelos grupos como Talibã e Al-Qaeda.”

Infelizmente, houve uma tendência entre grupos políticos, ideologicamente pouco escrupulosos, de fabricar *hadiths* para seus próprios fins. A Al-Qaeda usa esse termo, aplicado à *jihad*, “formando um conceito absoluto e completamente estranho para muitas pessoas do ocidente, que uma religião não apenas aprove a morte violenta, mas procure fazer com que seus seguidores se reúnam para matar como um dever religioso”<sup>221</sup>. Nessa situação, é isso que o Islão faz exatamente.

---

<sup>216</sup> ATWAN (2008: 77).

<sup>217</sup> São textos que relatam tanto ditados verdadeiros do profeta quanto descrições de suas ações como relatadas por seus companheiros. Eles foram escritos primordialmente após a morte do profeta.

<sup>218</sup> ATWAN (2008: 77).

<sup>219</sup> Id. (2008: 78).

<sup>220</sup> Ibid. (2008: 78).

<sup>221</sup> Ibid. (2008: 78).

“De acordo com *Qur'un*, Alá deu aos muçulmanos permissão para a *jihad*, (...) para que se defendessem e impedissem que seus inimigos os atacassem”<sup>222</sup> No *Qur'un* diz claramente: “combatei pela causa de Deus aqueles que vos combatem, porém não apliqueis agressão, por que Deus não estima os agressores.”<sup>223</sup>

Entretanto, a paz deve ser feita com aqueles que não são hostis: “Combatei-os até terminar a perseguição e prevalecer a religião de Deus. Porém, se desistirem, não haverá mais hostilidades, senão contra os iníquos.”<sup>224</sup>

O *Qur'un* antecipa que haverá relutância para empreender a *jihad*: “Está-vos prescrita a luta pela causa de Deus; embora o repudieis, é possível que repudieis algo que seja um bem para vós e, quiçá, gosteis de algo que seja prejudicial; todavia, Deus sabe de todo o bem que fizerdes; Deus dele tomará consciência.”<sup>225</sup>

Talvez estas citações possam ajudar-nos a compreender como o “discreto” e calmo Osama Bin Laden se tornou o terror do ocidente. Porque a *jihad* apresenta duas expressões: a defensiva e ofensiva. “O objetivo da defensiva é o dever religioso de todo muçulmano sadio, cumprir as obrigações na hora e no lugar estabelecido. Enquanto que o objetivo da *jihad* ofensiva é ir em socorro dos oprimidos e deter os tiranos que possam querer atacar os muçulmanos. Essa forma de *jihad* significa que, se algum muçulmano é capaz de se empenhar na realização da missão, outros são dispensados da tarefa.”<sup>226</sup>

Certamente que, para Bin Laden e para outros fundamentalistas, significa o cumprimento de uma obrigação, como para qualquer muçulmano; lutar contra um regime opressor, através da *jihad* ofensiva, tornando-se um guerreiro, como garantia do lugar assegurado no Paraíso em caso de morte, além do apoio financeiro e moral, ao acreditar fervorosamente na causa, é um dever incontestável.

---

<sup>222</sup> ATWAN (2008: 78).

<sup>223</sup> ALCORÃO (2:190).

<sup>224</sup> Id. (2:193).

<sup>225</sup> Ibid. (2: 216).

<sup>226</sup> ATWAN (2008: 78).

Para Alves<sup>227</sup>, toda essa inspiração ideológica e religiosa *jihadista* islâmica, busca uma “re-islamização” das sociedades onde habita o inimigo próximo e longínquo - caso dos Estados Unidos e aliados europeus - apoiada numa interpretação do Corão em que recupera o conceito de *jihad* e adaptando-o às suas necessidades e objetivo primordial, que é a *umma*.

Globalmente, segundo Vigar<sup>228</sup>, Bin Laden fixou para o seu grupo um preceito estratégico sedutor, ancorado na sua leitura da lei islâmica: o do retorno à grandeza desaparecida do Islão, concretizado através de uma *jihad* global contra os estados ocidentais poderosos, não na defensiva, isto é, que os levasse a terminar a sua influência no mundo islâmico, mas ofensiva, atacando-o no seu território, diminuindo o seu poder, e a atração universal pelos valores que defende. Por motivos de raiz religiosa e também instrumentais, potencializou o conceito radical de *jihad* a um ponto nunca antes atingido, personificando-o como uma vontade de destruição apocalíptica. E, nesse sentido, trata-se de uma “luta contra o ocidente e contra o universalismo ocidental (...)”<sup>229</sup>

A capacidade global demonstrada pelos movimentos *jihadistas* de atuarem em qualquer parte do mundo é extraordinária. Têm feito um uso da *internet* muito eficaz, possibilitando um vasto “teatro de operações”; difundir perigosamente a sua mensagem de forma global e associando-se a outros meios de destruição, obtidos através de falsas instituições caridade e de sutis esquemas bancários.<sup>230</sup>

O mundo ocidental não pode esquecer que na Europa residem entre 15 a 20 milhões de muçulmanos e que nos Estados Unidos vivem 6 milhões. Estes números poderão indiciar que a amplitude de recrutamento das organizações *jihadistas* é muito abrangente, principalmente quando associado com o uso da *internet*, que permite realizar inúmeras operações à escala

---

<sup>227</sup> ALVES (2010: 71).

<sup>228</sup> VEGAR (2008: 18).

<sup>229</sup> BARBER (2003: 247).

<sup>230</sup> ALVES (2010: 71).

global e difundir-lhes a sua mensagem.<sup>231</sup>

Há uma espécie de cultura *jihadista* resultante de vivermos num mundo global, podendo esse fato ser observado no espaço europeu, o que demonstra que o epicentro da atividade islâmica se transferiu para o velho continente. Pinto<sup>232</sup>, refere que “(...) a onda islâmica atual definiu como prioridade a luta contra os Estados Unidos, Israel e a própria Europa. O movimento da *Jihad* Global deve-se também aos crescentes laços transnacionais que ligam as diferentes partes do mundo muçulmano e estas à Europa (...)”

“Abu Qatada, (...) detido pelas autoridades inglesas, em outubro de 2002, na sua *fatwa*<sup>233</sup>, veio revelar que a percepção legal islâmica do 11 de Setembro justifica aqueles ataques como parte de uma guerra religiosa entre muçulmanos e o ocidente (...),<sup>234</sup> numa (...) concepção do mundo como uma guerra cósmica entre o bem e o mal.<sup>235</sup>

Do complexo de inferioridade que os muçulmanos parecem nutrir face ao ocidente, associado à hermenêutica dos textos sagrados, emerge assim, um pensamento latente no coletivo sociológico, manifestado em atos de violência contra o ocidente.<sup>236</sup>

Embora haja algumas interpretações em contrário, a *jihad* é um estado de guerra declarado ao ocidente, cuja materialização têm sido os vários atentados terroristas nas capitais europeias e nos Estados Unidos.

O ocidente terá a sua quota-parte de culpa quando “os fundamentalistas radicais acreditam que o ocidente está apostado em minar a credibilidade do Islão como sistema civilizacional e de governo.”<sup>237</sup>

Dada a parcialidade das sucessivas administrações americanas, quanto à questão palestina, o fato de apoiarem claramente Israel nas suas políticas agressivas nos territórios

---

<sup>231</sup> ALVES (2010: 71).

<sup>232</sup> PINTO (2004: 493).

<sup>233</sup> Pronunciamento legal no Islão emitido por um especialista em lei religiosa, sobre um assunto específico.

<sup>234</sup> PINTO (2004: 493).

<sup>235</sup> BURKE (2007: 196).

<sup>236</sup> ALVES (2010: 72).

<sup>237</sup> PINTO (2004: 494).

ocupados, o terem noticiado a forma como Saddam Hussein foi morto e o que se passou em Abu Ghraib, para além dos muitos erros militares que têm vitimado muitos inocentes em bombardeamentos mal calculados, quer no Iraque, quer no Afeganistão e ainda a carnificina cometida pelos mercenários da “Blackwater”<sup>238</sup> que tanta polémica tem gerado. Internacionalmente, são muitas das más práticas políticas que têm contribuído para a fogueira em que arde o pensamento radical islamita.<sup>239</sup>

A Al-Qaeda faz uma utilização das comunidades muçulmanas na Europa, nomeadamente norte-africanos e argelinos, onde “(...) Bin Laden começou a coordenar e a ligar as células já existentes, tornando o fenómeno muito mais radicalizado e potente.”<sup>240</sup>

Através da estruturação de complexas redes ativistas, escapam à compreensão dos serviços de segurança ocidentais, que só têm conseguido penetrar por intermédio da interpretação empírica.

Além da estratégia aplicada às comunidades de imigrantes, a Al-Qaeda fez também um uso sábio das políticas europeias de asilo político, o que permitiu introduzir em vários países numerosos radicais e terroristas. Londres é um exemplo, onde se formaram células que hoje se encontram espalhadas por todo o velho continente.<sup>241</sup>

As políticas permissivas próprias das democracias deram azo a que os extremistas cultivassem “raízes do ódio, vociferassem ameaças contra a Europa e arquitetassem ataques contra alvos no velho Continente”<sup>242</sup>.

Na sequência do 11 de Setembro (...) foi revelado o papel que importantes metrópoles europeias, como Londres, desempenham enquanto centro de operações dos extremistas. Em França, nos meios dos serviços de segurança, Londres era há muito ironicamente apelidada de “Londistão”, devido à sua fama de santuário de terroristas islâmicos (de Estados como o

---

<sup>238</sup> Empresa de mercenários com sede em Moyock, na Carolina do Norte, Estados Unidos.

<sup>239</sup> ALVES (2010: 73).

<sup>240</sup> PINTO (2004: 496).

<sup>241</sup> ALVES (2010: 74).

<sup>242</sup> PINTO (2004: 497).

Paquistão, Afeganistão e, em geral, do mundo muçulmano).<sup>243</sup>

Segundo Keipel<sup>244</sup>, “juntaram-se em Londres, onde muitos obtiveram asilo político e onde puderam organizar as suas atividades. Provavelmente, a condição que lhes foi imposta, o que nunca ficou claro (...), foi a de que não poderiam desenvolver atividades contra os interesses ingleses em solo inglês.”

Os radicais islamitas objetivam, através da *jihad*, implantar uma ordem política islâmica (Califado) através da luta violenta, “several movements emphasizing violent resistance in the name of Islam—namely the Afghan mujahideen, Hamas in Palestine, and Hizbullah in Lebanon.”<sup>245</sup>

Para Alves<sup>246</sup>, a luta violenta levada a cabo pelos movimentos *jihadistas* nasceu na geopolítica da guerra-fria, passou a sua infância e adolescência no Afeganistão Soviético e atingiu a idade adulta nos finais do século XX, onde a Al-Qaeda soube otimizar as mais-valias deste *Curriculum* extremista, a fim de alcançar tão maquiavélica experiência.

As forças internacionais que ocuparam o Afeganistão após 2001, conseguiram dismantelar as infraestruturas principais da rede Al-Qaeda, capturar muitos dos seus líderes e arrasar o seu santuário.

Tal façanha possibilitou uma alteração importante: o surgimento de uma segunda geração de *jihadistas*, inspirados pela ideologia que promove o confronto à escala global, mas não controlados diretamente pela rede Al-Qaeda, a qual, segundo muitos autores, desapareceu como estrutura hierárquica, tendo-se tornado uma ideia e fonte de motivação para outros grupos.

A ideologia *jihadista* atual tem uma natureza descentralizada e multipolar: é partilhada por várias células e pequenos grupos, os quais têm uma existência autónoma. Podendo surgir,

---

<sup>243</sup> PINTO (2004: 498).

<sup>244</sup> KEPEL apud ALVES (2010: 74).

<sup>245</sup> MAUDUDI (2006: 6).

<sup>246</sup> ALVES (2010: 74).

espontaneamente, em qualquer parte do mundo, sem qualquer ligação entre si.

Qualquer indivíduo que simpatize com o ideário *jihadista* pode tomar a iniciativa de formar a sua própria célula, planejar e executar ataques, fazer alianças e desmembrar o grupo. O terrorismo tem alcançado grande força e crescimento internacional, tornando-se cada vez mais difícil combatê-lo.

Neste sentido, os atuais meios de comunicação e informação, como a *internet*, desempenham um papel fundamental ao possibilitar os contactos, discussões ideológicas e a doutrinação e recrutamento de novos elementos.

### **4.3 Grupos terroristas islâmicos**

Surgem novos grupos fundamentalistas islâmicos, com raízes terroristas no Médio Oriente, para “além da Al-Qaeda, que ficou muito conhecido depois dos atentados de 11 de setembro, nos Estados Unidos da América. Entre os grupos principais, com raízes no Médio Oriente, estão o Hamas, o Hezbollah e a *Jihad* Islâmica Palestina.”<sup>247</sup>

Com o surgimento de vários grupos religiosos nos finais da década de 70, percebe-se atualmente que algumas organizações têm alcançado uma notável projeção e obtidos êxitos significativos, recorrendo às operações de martírios.<sup>248</sup>

Entre os principais grupos terroristas de matriz religiosa, destacam-se, segundo Mingst<sup>249</sup>:

---

<sup>247</sup> MINGST (2009: 213).

<sup>248</sup> VISACRO (2009: 280).

<sup>249</sup> MINGST (2009: 214).

<b>ORGANIZAÇÕES TERRORISTAS</b>		
<b>Grupos</b>	<b>Localização</b>	<b>Características e ataques</b>
<b>AL QAEDA</b> (Frente Islâmica Internacional)	Anteriormente no Afeganistão; agora dispersa pelo Afeganistão, Paquistão, Irã e Indonésia	Formada por Osama Bin Laden no final da década de 1980 entre árabes que lutavam contra os soviéticos no Afeganistão, principal grupo terrorista atual; responsável pelos bombardeios na África (1998), Iémen (2000), Estados Unidos (2001), Espanha (2004), Grã-Bretanha (2005) e Índia (2006).
<b>HAMAS</b> (Movimento de Resistência Islâmica)	Israel, Margem Ocidental, Faixa de Gaza	Seu líder assinou a <i>fatwa</i> de Bin Laden em 1988, que conclamou ataques contra os interesses dos Estados Unidos; eleito em 2006 como autoridade governante de Gaza.
<b>HEZBOLLAH</b> (Partido de Deus)	Líbano	Também conhecido como <i>Jihad</i> Islâmica; muitas vezes dirigido pelo Irã e suspeito do ataque a bomba à embaixada dos Estados Unidos e ao quartel da marinha americana em Beirute em 1983; domina o cenário político do Líbano; luta contra Israel.
<b>Jihad Islâmica da Palestina</b>	Israel, Margem Ocidental, Faixa de Gaza, Jordânia, Líbano e Síria	Dedicada à criação de um Estado palestino islâmico; realiza ataques suicidas a bomba contra Israel e opõe-se a governos árabes considerados contaminados pelo secularismo.

Segundo o modelo, de uma maneira geral, cada uma das organizações, a partir do seu contexto e característica, tem formas distintas de atuação.

Para Visacro<sup>250</sup>, a Al-Qaeda é uma organização que conta com o apoio velado, porém significativo, de diversos governos simpatizantes e opera, de forma totalmente independente, não restringindo nem as suas bases nem as suas ações aos territórios de determinados países ou a determinados regimes políticos. O seu alcance estratégico, obtido em função de uma rede instalada em todos os continentes, alcançou-se com uma posição de liderança, mesmo fora do mundo islâmico. Está instalada em mais de 50 países, atuando como organização bem servida de meios em pessoal e material para treinamento, equipamento e execução de ações terroristas transnacionais.

O Hamas, o Hezbollah e a Jihad Islâmica Palestina são organizações cujas ações de terrorismo são “(...) conduzidas em função de orientações emanadas de governos de Estados nacionais. Essas diretrizes são transmitidas de forma sigilosa, provenientes de diferentes

<sup>250</sup> VISACRO (2009: 290).

governos, visando a concretização dos mais diversificados objetivos<sup>251</sup>, quase caindo num tipo de terrorismo de estado.

#### **4.4 Movimentos extremistas no ocidente**

As “placas sísmicas” do fundamentalismo islâmico migraram para o ocidente, localizando-se o seu epicentro na cidade de Londres, mais conhecida desde a década de 1990 pelo neologismo “Londistão”.

Foi ali que se criou uma “(...) geração de líderes radicais islâmicos que almejam derrubar os governos que consideram opressivos e hereges (...)”,<sup>252</sup> através da doutrinação de grupos extremistas que o Ocidente não pode mais continuar a ver como alvos a reprimir, mas sim a combater, como se tratasse de uma guerra. Esta travar-se-á contra grupos assimétricos que vivem em segredo e na profundíssima clandestinidade que as grandes cidades lhes permitem.

Como afirma Alves: “O extremismo é uma teia de aranha cujos ovos se disseminam e eclodem em diferentes zonas do globo, sendo a Europa e os Estados Unidos os pratos mais apetecidos do menu.”<sup>253</sup>

Este é composto por uma larga variedade de “pratos” de nacionalidades, etnias, idades e profissões, que conferem às células uma amplitude e uma envergadura mortífera na prossecução dos seus objetivos. “Ligadas por mecanismos sombrios a outras redes sem nome, com tentáculos espalhados pelo mundo,”<sup>254</sup> atingem uma eficiência assustadora.

A guerra afegã foi a incubadora das células que se espalharam pelo mundo, células essas que, nas décadas de 80 e 90, eram compostas pelos voluntários provindos do “teatro de operações” que foi a campanha contra a União Soviética e que, depois se metastisaram noutras frentes: “A maioria volta aos seus países e cria novos movimentos armados, cujo

---

<sup>251</sup> VISACRO (2009: 290).

<sup>252</sup> PINTO (2004: 63).

<sup>253</sup> ALVES (2010: 92).

<sup>254</sup> VEGAR (2008: 8).

objectivo principal é combater o poder local ímpio: assim foi no Egito (...) – Médio Oriente, Jama a Islamiya e *Jihad* Islâmica, na Argélia, na Jordânia, etc.”<sup>255</sup>

As “células malignas” foram corrompendo os tecidos do mundo como na Jordânia, onde vários grupos adoptaram nomes como Exército de Maomé (1991) ou Guarda Avançada Islâmica (1992). “Outras ficaram no Afeganistão ou, com maior frequência, instalaram-se no Paquistão (cerca de 30.000 homens que vão constituir um verdadeiro manancial do terrorismo islamita internacional).”<sup>256</sup>

Outros grupos houve que se deslocaram para Caxemira, Bósnia, Tchetchénia, Tajiquistão, Iémen, e China. Mais tarde a decomposição celular atinge a Europa e os Estados Unidos, onde exploram, sabiamente, as permissividades dos sistemas democráticos do mundo ocidental. Facilidades essas que se traduzem no acesso aos “media” (um exemplo prático é a revista “Al Morabito” ser editada na Dinamarca), criação de associações, deslocções de um país para outro sem fiscalização.<sup>257</sup>

Aquando dos ataques do 11 de Setembro de 2001, foi verificado pelas entidades governamentais ocidentais que os atacantes provinham de recrutamentos realizados no ocidente, e treinados no Afeganistão. Países como a Alemanha, Espanha e Inglaterra serviram de base logística a toda a operação. “Outros elementos foram recrutados na Europa, na África, na América (...): são turcos, bengalis, franceses, americanos, somalis, filipinos, chineses, canadianos (...) que recebem uma formação completa (...) certamente como utilizar armas e explosivos, mas também técnicas de guerrilha.”<sup>258</sup>

Os ataques de 11 de Março de 2004, em Madrid, espelham bem as múltiplas origens da composição das células, dado que o grupo era composto por marroquinos residentes em Espanha. “A par desta multietnicidade celular, está a Inglaterra como santuário do

---

<sup>255</sup> BAUER; RAUFER (2003: 123).

<sup>256</sup> Id. (2003: 123).

<sup>257</sup> ALVES (2010: 93).

<sup>258</sup> BAUER; RAUFER (2003: 124).

extremismo islâmico, podendo mesmo falar-se de um centro de comando de operações extremistas transnacionais a partir das mesquitas de *Frinsbury Park* e *Brixton*. E a prova está no fato de as autoridades inglesas terem desmantelado várias células ligadas à Al-Qaeda, entre os anos de 2003 e 2004.”<sup>259</sup>

Estes revolucionários *jihadistas* defendem que a luta armada é o único caminho para afastar os inimigos de Deus. “Os “neoislamistas”, partindo do conceito *jihad fi sabeelillah*<sup>260</sup>, veem na revolução islâmica o único meio para enfrentar os inimigos de Deus (...),”<sup>261</sup> possuem como referências os Taliban e o Irão, bebendo a sua inspiração no movimento “wahabita-salafita”. Se *Wall Street* é o epicentro dos negócios mundiais, a *city* é o centro de comando do islamismo radical.

Alves<sup>262</sup> afirma que no espaço cénico da *City*, surgem personagens como Abu Hamza (nacionalidade egípcia), imã da grande Mesquita de *Finsbury Park* e Omar Bakri (origem síria), criador do Hiz ut-Tahrir. Este, por sua vez, objectiva o Califado. Estes dois atores dão azo a redes de apoio a ações extremistas a coberto de instituições de solidariedade social que recolhem fundos que depois são “lavados” em instituições financeiras islâmicas.

Londres é um centro financeiro reputadíssimo a nível mundial, o que vem facilitar ainda mais os jogos político-financeiros das instituições bancárias islâmicas. Bauer e Rauffer<sup>263</sup> afirmam que “os islamitas milaneses estão em contacto com uma rede financeira somali informal “hawala” gerando um tráfico financeiro ítalo-somali de 500 milhões de euros por ano; rede, ela própria, ligada a uma sociedade financeira do Dubai, “al-Baraqaat”, suspeita de ajudar a Al-Qaeda a transferir fundos entre o Médio Oriente e o resto do mundo.”<sup>264</sup>

A luta dos extremistas é no sentido de abarcar a outrora grandeza que foi o Islão e, para

---

<sup>259</sup> ALVES (2010: 93).

<sup>260</sup> Fazer a *jihad* contra o mal.

<sup>261</sup> PINTO (2004: 63).

<sup>262</sup> ALVES (2010: 93 - 94).

<sup>263</sup> Sistema de transferência informal de valor com base no desempenho e honra de uma enorme rede de corretores, que estão localizados principalmente no Médio Oriente, Norte da África, o Corno de África e Sul da Ásia.

<sup>264</sup> BAUER; RAUFER (2003: 157).

isso, necessita de destruir o ocidente através de ações violentas que possibilitem a reunificação da *umma* e a recriação do Califado.

Para Pinto<sup>265</sup>, o objetivo principal dos “neoislamistas” não consiste no fortalecimento da sociedade civil muçulmana no Reino Unido e na afirmação da sua identidade e cultura, mas sim na constituição de uma plataforma geral de apoio à *jihad* mobilizada para uma ação externa e global. Ou seja, os “neoislamitas” não veem a comunidade muçulmana do Reino Unido como uma oportunidade de relançar o diálogo civilizacional, mas sim como um centro de recrutamento de jovens combatentes muçulmanos - *moujahidins* - para fazer a guerra santa aos infiéis e aos apóstatas.

O Reino Unido é o *hardware* do terrorismo internacional, cujo *software* são os grupos radicais islâmicos que beneficiam de autonomia suficiente para desenvolver as suas atividades e para implementar os seus próprios centros de difusão e propaganda política radical, sem temer a intervenção do Estado.<sup>266</sup>

Para Alves,<sup>267</sup> todas as liberdades constitucionais das democracias ocidentais apenas facilitaram a implementação da atividade terrorista na Europa. E só o laxismo legislativo europeu poderia permitir a estruturação de uma teia de apoio de líderes radicais em Londres com repercussões interplanetárias. E o exemplo prático está nos atentados de Madrid, Paris (1994-1995), Londres e Nova Iorque.

Alves<sup>268</sup> comenta que os perigos dos extremistas não se centram apenas em atentados. Há algo também muito grave que é a violência urbana, que poderá despoletar a qualquer momento em qualquer cidade da Europa, assim como foram os acontecimentos na França em Outubro e Novembro de 2005: “The European political and media establishment turned a blind eye to all this, selling out women, Jews, gays, and democratic principles generally –

---

<sup>265</sup> PINTO (2004: 65 - 66).

<sup>266</sup> Id. (2004: 66).

<sup>267</sup> ALVES (2010: 94).

<sup>268</sup> Id. (2010: 94).

even criminalizing free speech – in order to pacify the radical Islamists and preserve the illusion of multicultural harmony (...) Europe’s Muslim communities are powder kegs, brimming with an alienation born of the immigrant’s deep antagonism toward an infidel society that rejects them (...).”<sup>269</sup>

Os conflitos a decorrer no ocidente são instigados por organizações radicais como a Al-Qaeda, com o recurso a práticas assimétricas que até ao momento tinham sido aplicadas em teatros de operações militares, mas que depressa passaram para a rede urbana das cidades na forma de células que aplicam as regras de um jogo de guerrilha para o qual os serviços e as forças de segurança não estavam suficientemente preparados.

As cidades europeias arriscam a transformar-se em verdadeiros campos de batalha como aconteceu em França, em 2005. Poder-se-á transportar num ápice a revolução iraniana de 1979, para as ruas de Paris ou de Londres, e não é tão impossível quanto possa parecer, dado que o Irão poderá fazer uma segunda revolução islâmica, assim que adquirir armas nucleares. Aliás, já está a colocar os preliminares em prática, com a frontalidade com que ameaça a comunidade internacional.<sup>270</sup>

Os tentáculos do polvo *ihadista* atingem proporções no ocidente a todos os níveis e em todos os quadrantes, com novas formas bélicas aliadas às diversas delinquências dos seres atuantes do extremismo e “(...) assiste-se à proliferação, quase biológica, incontável (...) de entidades perigosas complexas, muito difíceis de identificar, de compreender, de definir (...) e, mesmo às portas da própria União Europeia, a verdadeira ameaça emana das milícias e das guerrilhas mutantes, de entidades híbridas povoadas de terroristas (...) – comandados por “profetas” iluminados (...).”<sup>271</sup>

O ocidente ganhará sempre, de uma forma ou outra, as guerras, como por exemplo, no Iraque e no Afeganistão, com vitória militar no sentido tradicional do termo; mas deparar-se-á

---

<sup>269</sup> BAWE apud ALVES (2010: 95).

<sup>270</sup> ALVES (2010: 95).

<sup>271</sup> BAUER; RAUFER (2003: 170).

com os maiores desafios do século XXI, que são os atentados terroristas, que ameaçam vencer a liberdade, segurança, democracia, centros de inteligência e de defesa dos países.

E isso, os fundamentalistas islâmicos já provaram: que podem derrubar qualquer uma delas, mesmo que os Estados muçulmanos sejam pobres e frágeis quanto ao sistema militar. E o mais temido programa de aplicação nuclear do Irão, aumentará as tensões e a insegurança.

## **5. TERRORISMO FUNDAMENTALISTA ISLÂMICO: DESAFIOS E AMEAÇAS PARA O SÉCULO XXI.**

### **5.1 Nova radicalização do terrorismo**

O líder da Al-Qaeda Bin Laden, pretendeu radicalizar e mobilizar os muçulmanos; porém, no início, o apelo foi rejeitado, o que se traduziu num problema para os ativistas radicais islâmicos, nas últimas décadas.

Burke<sup>272</sup> afirma que o patrocínio dos atentados terroristas por Bin Laden, foi sempre um meio para atingir um fim, com a destruição de vidas e propriedades. A principal preocupação sempre foi mostrar que, o que está em curso é uma batalha cósmica entre o bem e o mal, e que o Islão - e, portanto, o bem e a justiça - está em grande perigo.

Uma vez que todos os muçulmanos do mundo inteiro se convençam disso, acredita-se que irão revoltar-se, retomar o verdadeiro caminho, ganhar as bênçãos de Deus e livrar-se dos grilhões a que foram sujeitos durante muitos séculos de humilhação e desprezo por parte do ocidente. Essa luta, mesmo sendo muito violenta, terá como recompensa final a vitória.<sup>273</sup>

Essa intensão de Bin Laden passou a ser a base do “sucesso” da rede terrorista Al-Qaeda ativando todas as redes de contato entre radicais, transformando pessoas comuns em heróis da nação muçulmana e aumentando a sua força como vanguarda desde movimento, garantindo “ampliação da consciência da juventude da nação Islâmica”<sup>274</sup>. Por isso, segundo

---

<sup>272</sup> BURKE (2007: 281).

<sup>273</sup> Id. (2007: 281).

<sup>274</sup> Ibid. (2007: 281).

Burke<sup>275</sup>, “aniquilar a Al-Qaeda tornou-a uma tarefa impossível.”

“Se o objetivo de Bin Laden é radicalizar e mobilizar, então podemos supor que o propósito dos que dirigem a guerra ao terror, seja opor-se a esses esforços. Mas Bin Laden está ganhando esta batalha.”<sup>276</sup>

Ainda segundo Burke<sup>277</sup>, o mundo é agora um lugar muito mais radicalizado do que foi antes do 11 de setembro. Com a ajuda de um poderoso surto de “antiamericanismo”, pelo incrível fracasso de Washington em estancar a hemorragia de apoio e simpatia, facilitada pelas modernas comunicações, a linguagem de Bin Laden e o seu conceito de luta universal espalharam-se, agora, por dezenas de milhões de pessoas, particularmente entre os jovens indignados de todo o mundo.

Essa mobilização “antiamericana” e de apoio à Al-Qaeda, pode sentir-se no mundo inteiro, onde “centenas de milhares de jovens (...) entram, diariamente, em sites *jihaditas*.”<sup>278</sup>

A ira e o ressentimento, principalmente dos jovens do mundo islâmico, eram expressos na linguagem de políticos islamitas moderados e o discurso que a Al-Qaeda vem disseminado e está sendo rapidamente usada como discurso global, dá maior enfoque à preferência islâmica.

Portanto, as camadas jovens islâmicas, de forma muito ativa, estão a envolver-se na construção do radicalismo, ao estilo da Al-Qaeda, como “moeda corrente do mundo islâmico”<sup>279</sup>, tornando-se numa ameaça global para o mundo contemporâneo, principalmente para o ocidente.

E isso tudo, tem as suas consequências: A primeira “é uma convergência ideológica entre os militantes, que se pode detectar em toda parte: organizações e indivíduos, sem interesse prévio pela “*jihad* global”, ampliaram agora muito as suas perspectivas; grupos que

---

<sup>275</sup> BURKE (2007: 281).

<sup>276</sup> Id. (2007: 281).

<sup>277</sup> Ibid. (2007: 282).

<sup>278</sup> Ibid. (2007: 282).

<sup>279</sup> Ibid. (2007: 282).

antes se concentravam em problemas locais, veem agora como alvo, o mundo inteiro”.<sup>280</sup>

Essa convergência ideológica radical, foi uma das principais razões pelas quais Bin Laden criou a “Al-Qaeda”. Essa florescente consonância ideológica ajudou-o a atingir o seu objetivo, que era, em primeiro lugar a luta contra Israel e depois contra o ocidente que o apoiava.

Também o “resultado dessa radicalização e mobilização é o quadro totalmente novo de terroristas que está sendo criado (...); embora o núcleo - a vanguarda - esteja disperso e a base destruída, o anseio que fez milhares de jovens buscarem treino de terrorismo fez a própria *jihad* crescer, como no Afeganistão. Para milhões de pessoas, a mensagem de Bin Laden faz sentido.”<sup>281</sup>

É desses milhões de pessoas que virá a nova onda de terrorismo. Burke<sup>282</sup> afirma que eles serão agentes sem conexão óbvia com qualquer grupo existente. Mesmo não tendo acesso a ligação prévia com o terrorismo da Al-Qaeda, ou até mesmo, em acesso a equipamentos, armas e explosivos sofisticados, têm a visão do mundo radical *jahadista* e estão comprometidos a encontrar os recursos necessários para lançar sua própria guerra santa.

Numa análise geral, percebe-se que, para os seguidores atuais, que compõem o movimento moderno islâmico, “é muito difícil impor uma ordem analítica à enorme variedade das pessoas envolvidas, com seus vários motivos, experiências e culturas.”<sup>283</sup>

Podemos distinguir dois grandes grupos: o primeiro, pode ser chamado de “ativistas intelectuais”: São homens capazes de justificar a sua atração pelo Islamismo radical em termos relativamente sofisticados. Compartilham muitos elementos, particularmente no que se refere a antecedentes, com os islamitas políticos mais moderados.

São pessoas que, mais frequentemente, se colocam na linha de frente da chamada

---

<sup>280</sup> BURKE (2007: 283).

<sup>281</sup> Id. (2007: 283).

<sup>282</sup> Ibid. (2007: 284).

<sup>283</sup> Ibid. (2007: 284 - 285).

mudança, mesmo que esta se justifique por um apelo retrospectivo a uma “justa” idade de ouro, nostalgicamente imaginada. São articulados, inteligentes e relativamente “mundanos”. Têm aspirações e vivem ressentimentos profundos quando se frustram. Quando as suas expectativas não podem concretizar-se, consideram-no como uma injustiça. Se não houver forma de resolver o problema, nos limites da ação política ou social sancionada pelos Estados, buscam alternativas. E a militância Islâmica é uma delas.”<sup>284</sup>

O conceito de injustiça está fortemente arraigado nesse grupo. Ao longo da história, a predominância política e cultural do ocidente deixou uma herança com perspectivas diferentes da realidade e do *status* económico característico dessas regiões, ignorando que o sentido de justiça era um sentimento muito profundo desses povos.

As aspirações aumentaram de forma sem precedentes, pelo alargamento da educação a um maior número de pessoas e pela “exposição de praticamente todos os habitantes do mundo islâmico, a imagens do ocidente, com a democracia, as liberdades sexuais e a sua evidente riqueza.”<sup>285</sup>

Nessa perspectiva, o desapontamento e a percepção de injustiça encaixa-se em milhões de universitários, vivendo imigrados nas cidades, médicos que dirigem táxis, engenheiros que ensinam aritmética. Essas ideias também se aplicam a muitas pessoas de classe média baixa e a muitos jovens pobres do mundo islâmico, em relação ao mundo globalizado ocidental, criando um dilema muito forte e reflexivo, por parte dos atingidos negativamente pelo sistema ocidental.

Ceder à tentação de fazer parte do mundo ocidentalizado, terá de se haver com o fato de que só poderá usufruir de uma versão inferior, desse modelo de sociedade, tal como é vivida em Londres ou Los Angeles. As suas roupas nunca estarão na moda, a sua pele jamais terá a cor certa, as suas oportunidades de fazer sexo pré-conjugal nunca deixarão de ser

---

<sup>284</sup> BURKE. (2007: 289).

<sup>285</sup> Id. (2007: 290).

reduzidíssimas, afirma Burke.<sup>286</sup>

Ainda para Burke<sup>287</sup>, o problema resulta de saber como lidar com a modernidade, como igualar os avanços do ocidente sem sacrificar a identidade pessoal, cultural, nacional ou religiosa, como conciliar o Islão com a era moderna. Nenhum dos processos é fácil; todos geram ódio, energia e ressentimento, assim como potenciam protestos violentos.

O segundo grupo - os “ativistas muçulmanos radicais”<sup>288</sup> - são menos instruídos, mais violentos e seguem uma forma de islamismo mais degradada e popular. São mais irrefletidamente radicais, intolerantes e fanáticos. Em vez de provirem de grupos da sociedade que tiveram as suas aspirações frustradas, são originários das “franjas” daqueles que tinham poucas expectativas para serem frustradas.<sup>289</sup>

São indivíduos que fazem os seus corpos explodir, na forma de atentados cometidos em cidades, pois são marginalizados vivendo numa comunidade marginalizada.

Segundo Burke<sup>290</sup>, a grande ameaça desse grupo para o ocidente é que, nos últimos anos, eles têm invadido algumas cidades na Europa, tomando asilos e refúgios, sendo pobres, desempregados e cheios de ódio. As autoridades, principalmente britânicas, têm aumentado a segurança encarregada de enfrentar o terrorismo islâmico, com vigilância nas mesquitas frequentadas por essas pessoas, que, aparentemente se manifestam muito ordeiras.

Com esses dois grupos - “ativistas intelectuais” e “ativistas radicais” - se pode entender como os terroristas agem: eles não são rigidamente definidos, mas atuam individualmente e, mobilizados pelos seus líderes, dão realidade aos objetivos de combater o ocidente com as suas armas - o terror.

## 5.2 Incremento do terrorismo radical

Ao falar do fundamentalismo islâmico radical, referimo-nos quase sempre aos

---

<sup>286</sup> BURKE (2007: 284).

<sup>287</sup> Id. (2007: 290).

<sup>288</sup> Ibid. (2007: 290).

<sup>289</sup> Ibid. (2007: 290).

<sup>290</sup> Ibid. (2007: 291).

extremistas muçulmanos como um grupo violento dos ativistas islâmicos, que está comprometendo as organizações políticas das sociedades ocidentais e estão a provocar a reestruturação dos sistemas de segurança.

Segundo um relatório da CIA, de 2006<sup>291</sup>, em muitas regiões, nas quais os ativistas religiosos muçulmanos tendem a atuar, também existem grandes populações jovens, formadas por um grande número de convertidos radicais, incluindo os extremistas muçulmanos, que se tornam numa ameaça ainda maior para o ocidente.

“As populações jovens são particularmente suscetíveis ao radicalismo religioso, em especial na maioria dos países da África oriental e ocidental (...), onde permanecerão por muito tempo.”<sup>292</sup>

No Médio Oriente, o crescimento do islamismo radical reflete também a alienação política e económica de muitos jovens muçulmanos, em relação à irresponsabilidade e falta de representatividade dos seus governos, bem como no que concerne ao fracasso de muitos países, predominantemente muçulmanos, em conquistar ganhos económicos.<sup>293</sup>

“Esse crescimento do islamismo tem um grande impacto global (...), colocando em conflito grupos étnicos e nacionais e criando, até mesmo, uma autoridade que transcenda as fronteiras nacionais.”<sup>294</sup>

Com o aumento da população islâmica, prevê-se que o Islamismo radical continua a atrair muitos migrantes muçulmanos em busca de prosperidade e oportunidades de trabalho no Ocidente, mas que não se sentem à vontade naquilo que percebem ser uma cultura estranha.

Também segundo a CIA<sup>295</sup>, os imigrantes muçulmanos estão sendo integrados à medida que a Europa ocidental se torna mais inclusiva, mas muitos imigrantes da segunda ou terceira geração voltam-se para o islamismo radical à medida que encontram obstáculos à integração

---

<sup>291</sup> CIA (2006: 177).

<sup>292</sup> Id. (2006: 177).

<sup>293</sup> Ibid. (2006: 177).

<sup>294</sup> Ibid. (2006: 177).

<sup>295</sup> Ibid. (2006: 179).

total e barreiras ao que consideram ser a prática religiosa normal.

Essas diferenças religiosas e étnicas “contribuirão para fomentar futuros conflitos e, se não forem abordadas, serão a causa de problemas regionais.”<sup>296</sup>

A postura política de países muçulmanos em relação ao ocidente é percebida desde o final do século XX. Governos que, logo após o período colonial, eram pró-ocidentais em suas diretrizes políticas e econômicas, com algumas exceções, deram lugar a regimes antiocidentais no Irão, Iraque, Líbano, Afeganistão, Sudão e noutros países.

Os dois aliados muçulmanos dos Estados Unidos na guerra fria – Turquia e Paquistão – estão internamente sob pressão fundamentalista islâmica, e a sua aproximação ao ocidente está sujeita a grandes tensões. De modo geral, os temas centrais de controvérsia entre o ocidente e o Islão abrangem o terrorismo, a proliferação de armas e a imigração.

Os conflitos entre o ocidente e o Islão têm definido as suas relações desde há muito tempo e a intensificação desses conflitos, a partir do final do século XX, teve como causas o ressurgimento islâmico, os esforços do ocidente para manter a sua superioridade económica e militar e para intervir no mundo muçulmano, gerando ressentimento do seu povo.

Por outro lado, a explosão demográfica entre os muçulmanos tem provocado migrações e contribui para a intolerância entre as duas sociedades.

Quappe<sup>297</sup> aponta algumas perspectivas quanto ao crescimento do Islamismo, bem como os motivos dos conflitos gerados por este contra o ocidente e que permanecerão no futuro:

1. “El crecimiento de la población musulmana ha generado una gran cantidad de jóvenes desempleados y descontentos que se convierten en adeptos a las causas islamistas, ejercen presión sobre las sociedades vecinas y emigran a occidente.
2. El resurgimiento islámico ha dado a los musulmanes una confianza renovada en el carácter y validez distintivos de su civilización y sus valores, comparados con los de

---

<sup>296</sup> CIA (2006: 179).

<sup>297</sup> QUAPPE (2004:11).

occidente.

3. Los esfuerzos simultáneos de occidente por universalizar sus valores e instituciones, mantener su superioridad militar y económica e intervenir en conflictos en el mundo musulmán, generaran un profundo resentimiento entre los musulmanes.
4. El hundimiento del consumismo acabó con un enemigo común de occidente y el Islam, convirtiendo a ambos en la principal amenaza a la vista para el otro.
5. El creciente contacto y mezcla entre musulmanes y occidentales estimula en cada uno un sentimiento nuevo de su propia identidad y de cómo ésta difiere de la del otro. La interacción y la mezcla exacerban las diferencias acerca de los derechos de los miembros de una civilización en un país dominado por miembros de la otra civilización.”

É neste contexto geral em que se encontram alguns países islâmicos, com precários níveis de governabilidade, desenvolvimento e estabilidade, como por exemplo o Afeganistão, que constituem cenário ideal para o surgimento e desenvolvimento de grupos fundamentalistas islâmicos, abertamente anti-ocidentais, que têm sido declarada, uma guerra santa aos Estados Unidos e seus aliados.

Esses grupos representam “en el mundo islámico, cuyo principal exponente es la organización Al-Qaeda, han escogido como arma principal el terrorismo, para el cual han desarrollado crecientes capacidades de coordinación, control, letalidad y efectivo uso de la propaganda.”<sup>298</sup>

Um dos grandes problemas do ocidente é o Islão, civilização cujo povo acredita na superioridade da sua cultura e não entende a inferioridade do seu poderio.

O maior problema do Islão parece ser o ocidente, pois considera que os ocidentais estão convencidos da sua superioridade e do poder das suas instituições e querem impor-se ao resto

---

<sup>298</sup> QUAPPE (2004:12).

do mundo.

“El multiculturalismo amenaza la interna de los Estados Unidos y occidente. Universalismo amenaza externa hacia el oeste y el mundo. Ambos niegan la unicidad de la cultura occidental. Los multiculturalitas nacionales quieren hacer los Estados Unidos como el mundo. América multicultural es imposible porque los EUA no-occidentales no son los Estados Unidos. Un mundo multicultural es inevitable porque el imperio global es imposible. La preservación de los Estados Unidos y occidente requiere la renovación de la identidad occidental. La seguridad del mundo requiere la aceptación del multiculturalismo global.”<sup>299</sup>

Para o futuro, o ocidente deveria tomar consciência de que é uma civilização singular, não universal e que os seus valores não são únicos e muito menos constituem uma forma definitiva da sociedade humana. Acima de tudo, deveria reconhecer que a sua intervenção nos assuntos de outras civilizações é fonte de instabilidade num mundo globalizado.

### **5.3 Perspectivas do terrorismo fundamentalista islâmico**

A partir das informações da CIA, é nos permitido antever uma perspectiva do futuro, tendo como base a história e o presente do terrorismo radical islâmico de modelo transnacional.

Os resultados desse estudo remetem para o terrorismo radical islâmico e, com bases intelectuais, científicas, investigações estratégicas e militares do governo norte-americano, através daquela central de Inteligência, inscrevem no horizonte, num futuro próximo, as principais mudanças globais relativos ao terrorismo internacional: Ao olharmos o futuro em relação ao terrorismo global, “haverá um sentimento mais profundo de insegurança, o qual pode ser baseado, tanto em percepção psicológica como em ameaças físicas.”<sup>300</sup>

Ainda segundo a CIA<sup>301</sup>, o terrorismo poderá interromper o processo de globalização ao

---

<sup>299</sup> QUAPPE (2004:13).

<sup>300</sup> CIA (2006: 186).

<sup>301</sup> Id. (2006: 186).

aumentar significativamente os custos da segurança, associados ao comércio internacional, à manutenção de fronteiras, e ao afetar, negativamente, os padrões de comércio e os mercados financeiros. O conflito entre as grandes potências criaria a insegurança mundial, bem como a proliferação de armas de destruição em massa, aumentando ainda mais a sensação de insegurança.

Os fatores chave que motivam o terrorismo transnacional “não mostram sinais de melhora nas projeções dos próximos 14 anos. Os especialistas entendem que a maioria dos grupos terroristas internacionais continuará identificar-se com o Islão radical.”<sup>302</sup> E continua afirmando que as previsões do “fortalecimento da identidade muçulmana, criará uma estrutura para a disseminação da ideologia islâmica radical, tanto dentro, como fora do Médio Oriente, incluindo regiões como a Europa Ocidental, o Sudeste e a região da Ásia Central.”<sup>303</sup>

Os especialistas da CIA <sup>304</sup> apontam algumas características futuras quanto ao fortalecimento da identidade e formas de transmutação do terrorismo fundamentalista islâmico:

1. Esse fortalecimento da identidade muçulmana tem sido acompanhado por um aprofundamento na solidariedade entre os muçulmanos envolvidos em lutas separatistas nacionais ou regionais, como na Palestina, Chechênia, Iraque, Caxemira, Mindanao ou sul da Tailândia. Especialistas ponderam que ele surgiu em resposta à repressão e à ineficiência dos respectivos governos.
2. Uma insurgência radical num país muçulmano qualquer do Médio Oriente poderia fomentar uma onda de terrorismo na região e cristalizar a ideia de que um Novo Califado não é apenas um sonho.

---

<sup>302</sup> CIA (2006: 187).

<sup>303</sup> Id. (2006: 187).

<sup>304</sup> Ibid. (2006: 187-188-190).

3. Redes informais de fundações de caridade, *madrassas*<sup>305</sup>, *hawalas*<sup>306</sup> e outros mecanismos, continuarão a proliferar e a ser explorados por elementos radicais.
4. A alienação entre os jovens desempregados, aumentará a possibilidade de serem recrutados pelas organizações e grupos terroristas..
5. A antiglobalização e a oposição às políticas norte-americanas, podem reunir um grande número de simpatizantes, financiadores e colaboradores dos terroristas.
6. Um dos conceitos que tende a continuar é o da realização de um grande número de atentados simultâneos, provavelmente em locais muito distantes uns dos outros.

A maior preocupação, no entanto, continuará a ser a de “que grupos terroristas possam adquirir agentes biológicos, ou, o menos provável, armas nucleares com potencial de destruição em massa, (...) admitindo-se que, por volta de 2020, a Al-Qaeda terá dado lugar a grupos extremistas islâmicos de inspiração semelhante, porém mais difusos.”<sup>307</sup>

A pressão do esforço contra o terrorismo global, bem como o impacto do avanço da tecnologia de informação, “fará com que a ameaça terrorista se torne cada vez menos centralizada, fazendo-a evoluir em uma arranjo eclético de grupos, células e indivíduos.”<sup>308</sup>

Ao mesmo tempo que terão a vantagem de usar campos de treino em diversas partes do mundo, os terroristas precisarão de bases para planejar e dirigir as suas operações. Os materiais de treino, direcionamento de alvos, instrução sobre manuseamento de armamentos e obtenção de fundos, tornar-se-ão cada vez mais virtuais.<sup>309</sup>

Segundo as previsões da CIA, é um tanto surpreendente que “o número de membros da Al-Qaeda provavelmente continuará a diminuir”<sup>310</sup>, mas, em compensação, “outros grupos

---

<sup>305</sup> São escolas, seminários que ensinam assuntos islâmicos principalmente levando à graduação, como um clérigo.

<sup>306</sup> Sistema de transferência informal de valor com base no desempenho e honra de uma enorme rede de corretores, que estão no localizados principalmente no Oriente Médio, Norte da África, o corno da África e Sul da Ásia.

<sup>307</sup> CIA (2006: 188).

<sup>308</sup> Id. (2006: 188).

<sup>309</sup> Ibid. (2006: 188).

<sup>310</sup> Ibid. (2006: 188).

nela inspirados, grupos regionais e indivíduos autoproclamados *jihadistas* - unidos pelo ódio aos regimes moderados e ao ocidente -, deverão assumir cada vez mais os atentados terroristas.”<sup>311</sup>

Ainda em relação ao principal grupo terrorista - Al-Qaeda - considera que os membros que foram treinados no Afeganistão, se dispersarão pelo conflito no Iraque. Esperamos que, por volta de 2020, a Al-Qaeda tenha dado lugar a grupos extremistas islâmicos de inspiração semelhante, porém mais difusos, os quais se oporão à disseminação de muitos aspectos da globalização nas sociedades islâmicas tradicionais.<sup>312</sup>

Com o crescimento indiscriminado das redes de terroristas de matriz religiosa e com a redução de membros da Al-Qaeda, os grupos *jihadistas* apontam forte crescimento a partir de: Iraque e outros possíveis conflitos que poderão fortalecer recrutas, campos de treinamentos, conhecimentos técnicos e proficiência linguística para uma nova classe de terrorista “profissionais”, para os quais a violência política se tornará um fim por si só.

Trata-se de *jihadistas* estrangeiros, pessoas prontas para combater em qualquer lugar onde muçulmanas estiverem a ser atacados por “invasores infiéis” - as quais têm cada vez mais apoio de muçulmanos que não são necessariamente partidários do terrorismo.<sup>313</sup>

Mesmo que o número de extremistas diminua, a ameaça terrorista deverá continuar. “Por meio da *internet* e de outras tecnologias da comunicação, os indivíduos mal intencionados serão capazes de arregimentar membros para sua causa, mais rapidamente, em uma amplitude maior, global e de forma obscura.”<sup>314</sup>

A rápida dispersão de biotecnologia e de outras formas letais de tecnologia, aumenta o potencial de um indivíduo não-afiliado a qualquer grupo terrorista, causar um grande número

---

<sup>311</sup> CIA (2006: 188).

<sup>312</sup> Id. (2006: 188).

<sup>313</sup> Ibid. (2006: 189).

<sup>314</sup> Ibid. (2006: 189).

de mortes.<sup>315</sup>

No passado, as organizações terroristas dependiam de patrocinadores ligados aos governos para treinamento, aquisição de armas, apoio logístico, obtenção de passaportes, além de dinheiro, para apoio às suas atividades.

Atualmente, em um mundo globalizado, grupos como o Hezbollah, serão cada vez mais autossuficientes em relação a essas necessidades, podendo agir da mesma forma que um governo para preservar uma “integralidade plausível”, suprindo outros grupos, trabalhando por meio de terceiros para atingir os seus objetivos e até podendo mesmo comprometer-se diplomaticamente com alguns governos.<sup>316</sup>

Em relação à forma de combate, os atentados terroristas “continuarão a ser executados basicamente com armas convencionais, incorporando novos meios que lhes permitam estar à frente dos agentes antiterroristas.”<sup>317</sup>

Provavelmente os terroristas serão inovadores, não apenas em relação às tecnologias ou armas que empregarão, mas principalmente no tocante aos seus conceitos originais, isto é, o planejamento e o apoio aos atentados.<sup>318</sup>

Ao mesmo tempo, “veículos carregados com explosivo continuarão a ser utilizados como armas assimétricas, ainda que os terroristas continuem a empregar novas tecnologias de explosivos, usando aviões por controle remoto.”<sup>319</sup>

O zelo religioso dos terroristas muçulmanos aumenta o seu desejo de perpetrar atentados que resultem em um número elevado de vítimas. Historicamente, terroristas motivados pelo fervor religioso são mais devastadores, pois os grupos aos quais pertencem não têm limitações quanto aos danos a causar.

A preocupação maior é a tendência e o esforço intensificado que alguns terroristas têm

---

<sup>315</sup> CIA (2006: 189).

<sup>316</sup> Id. (2006: 189).

<sup>317</sup> Ibid. (2006: 189).

<sup>318</sup> Ibid. (2006: 189).

<sup>319</sup> Ibid. (2006: 190).

dedicado “à obtenção de armas de destruição em massa. A maior preocupação é que esses grupos possam adquirir agentes biológicos ou artefactos nucleares – menos provável – capazes de provocar um grande número de mortes.”<sup>320</sup>

O uso de agentes biológicos pelos terroristas é uma tendência, que deve crescer ainda mais.

1. O bioterrorismo parece particularmente adequado aos pequenos grupos que operam com apoio da inteligência. Na verdade, o laboratório dos bio-terroristas poderá ser do tamanho de uma cozinha e a arma aí fabricada, menor que uma torradeira. O uso de agentes biológicos pelos terroristas é, portanto, uma tendência e o leque de opções deve crescer. Como normalmente há uma demora para reconhecer as doenças propagadas, em um “cenário de pesadelo”, um atentado poderia ter sucesso antes mesmo que as autoridades percebessem que estão sob ataque com agentes biológicos.

2. O uso de dispositivos de dispersão radiológica pode ser eficiente para criar pânico, por causa da concepção errônea que o público tem do poder letal desse ataques.<sup>321</sup>

Com o avanço nos projetos de armas nucleares simplificadas, os terroristas continuarão a tentar obter materiais e recursos para as fabricar.

“Pode-se esperar, também, que eles continuem tentando comprar ou até mesmo roubar armas nucleares, particularmente da Rússia ou do Paquistão.”<sup>322</sup> Porém, as possibilidades de os extremistas conseguirem adquiri-las antes de 2020 é imprevisível.

Segundo a CIA, espera-se que os terroristas também tentem desenvolver e executar atentados cibernéticos que causem danos a sistemas de computadores e que corrompam redes virtuais de informação.<sup>323</sup>

O principal alvo dos terroristas continuarão a ser os Estados Unidos da América, bem

---

<sup>320</sup> CIA (2006: 190).

<sup>321</sup> Id. (2006: 190 -191).

<sup>322</sup> Ibid. (2006: 191).

<sup>323</sup> Ibid. (2006: 191).

como seus interesses no exterior. No entanto, a Europa ocidental e países do Médio Oriente aliados dos EUA também continuarão a constar da lista dos objetivos terroristas.

## **6. POLÍTICAS E ESTRATÉGIAS INTEGRADAS DE PREVENÇÃO, DE PROTEÇÃO E DE COMBATE AO TERRORISMO ISLÂMICO.**

### **6.1 Combater o terrorismo islâmico?**

Eis a grande questão e o desafio que se coloca ao mundo contemporâneo. Embora possam ser considerados terroristas todos os que cometam atos ilegais de uso de violência com fins definidos, devemos traçar uma linha divisória entre terrorismo interno e terrorismo de origem externa.

Para Ribeiro<sup>324</sup>, o combate ao terrorismo deve abarcar ambos, pois não se pode fazer, nem ética, nem politicamente, uma distinção entre nenhum tipo de terrorismo. Importa, no entanto, ter presente que, enquanto a luta contra o terrorismo interno exige a intensificação de todas as formas de combate usadas até agora, a luta contra o terrorismo externo requer, dos serviços de informações, um empenho qualitativo e quantitativo distinto.

O combate ao terrorismo é um “conflito de longa duração, que rejeita o princípio do equilíbrio entre opositores (...).”<sup>325</sup>

Com efeito, “o terrorismo é agora protagonizado por um novo inimigo: móvel e transnacional, que abriu uma nova era polemológica, a dos conflitos assimétricos, onde a base em que se estrutura o oponente já não é mais um Estado-Nação, mas uma ideologia ou uma religião.”<sup>326</sup>

---

<sup>324</sup> RIBEIRO (2010: 5).

<sup>325</sup> Id. (2010: 5).

<sup>326</sup> Ibid. (2010: 5).

“É impossível derrotar um inimigo que não se pode ver nem compreender.”<sup>327</sup> O atual terrorismo de matriz religiosa é algo completamente novo na história deste fenómeno; tem a audácia estratégica de uma Nação-Estado, mas não tem uma localização geográfica; os seus membros estão distribuídos pelo mundo e pelo ciberespaço, mas a organização não tem uma característica identificável muito óbvia.<sup>328</sup>

No combate ao terrorismo, o inimigo organiza-se para transformar em fraqueza a maior potencialidade dos países ocidentais, nomeadamente a liberdade e a democracia. Nele procuram, principalmente, uma desproporção extraordinária entre os meios usados e os resultados conseguidos, criando um efeito psicológico de terror nas sociedades, de forma que estas pressionem os seus governos no sentido pretendido pelos terroristas.<sup>329</sup>

Ainda para Ribeiro<sup>330</sup>, decretar e travar uma guerra contra o terrorismo é conferir aos terroristas o estatuto e a dignidade de beligerantes, o que lhes garantiria uma legitimidade que é inaceitável.

A estratégia de resposta ao terrorismo, seguida pelos EUA, retratou as posições puras e duras definidas pelos neoconservadores. O combate ao terrorismo foi encarado como uma guerra - *the global war on terror* - o que deslocou as opções tomadas para a esfera do emprego da força militar.

Desde que tomou a sua expressão mais radical, ainda por cima através de uma decisão errada como a invasão do Iraque, o foco na aplicação da violência das armas, para responder aos extremistas islâmicos, foi denunciado pela maioria dos países europeus, mesmo por muitos dos que apoiaram os EUA e os países da coligação então formada.

A evolução da situação fez com que a própria administração norte-americana adoptasse medidas fora do seu tom inicial:

---

<sup>327</sup> ATWAN (2008: 281).

<sup>328</sup> Id. (2008: 281).

<sup>329</sup> RIBEIRO (2010: 5).

<sup>330</sup> Id. (2010: 6).

1. Recorrer cada vez mais aos aliados, numa atitude multilateral; lançamento de projetos de ajuda económico-social, como o plano para o grande Médio Oriente;
2. Aprofundamento das atividades de coordenação de informações com a maioria dos seus aliados em todo o mundo, como é o caso da criação, juntamente com a França, de um centro secreto contra o terrorismo, em Paris;
3. Aproximação intensa aos países africanos, em especial do norte do continente e do Sahel, mas alargando-a África negra, com o intuito de os apoiar em diferentes domínios, incluindo o militar, no combate ao terrorismo, na procura de impedir a sua transformação em estados falhados;
4. Preocupação com o combate ideológico, incentivando a comunidade islâmica americana a condenar o terrorismo, o que já foi feito com a promulgação de uma *fatwa*.

Declarar uma guerra, não é uma questão de legalidade ou semântica, pois eleva a exigência do poder militar contra inimigos bem definidos; no caso corresponde ao novo inimigo, chamado terrorismo religioso.

“Exige, em primeiro lugar e acima de tudo, paciência e determinação e para além do segredo, boas informações, sagacidade política, descrição no uso da força e que as ações cobertas permaneçam secretas.”<sup>331</sup>

## **6.2 Políticas e estratégias integradas contra o terrorismo radical islâmico**

Ao abordarmos as questões do terrorismo fundamentalista islâmico, surge de imediato a questão da violência, mortes, insegurança, atentados, etc., provocados no decorrer da história e na vida das pessoas.

O terrorismo islâmico representa um verdadeiro problema metafísico, quer dizer, tem a ver com a compreensão do ser, do universo, da vida e da existência humana.

---

<sup>331</sup> RIBEIRO (2010: 6).

Por quê esse terrorismo? Por que persiste? Por que nos ameaça? Quais os caminhos que a humanidade deve tomar para pôr fim a essa ameaça que tanto perturba a paz? E quais são as possíveis respostas pessoais, políticas, militares, sociais, etc., que podem ser dadas?

Apresentam-a algumas políticas e estratégias de combate ao terrorismo que podem constituir uma alternativa à política de dissuasão que prevalece, abordando as que poderão iluminar, questionar e indicar medidas em termos de eficácia, apontar um caminho de paz à humanidade perante a ameaça do terrorismo de matriz religiosa islâmica.

### ***6.2.1 Respostas políticas e diplomáticas***

O projeto de abrir negociação com as redes terroristas parece, de fato, remoto dado que não é possível negociar com fantasmas. Entretanto, essa hipótese não deve ser excluída. “O problema, claro, é que as exigências da Al-Qaeda são globais e não confinadas a um determinado território ou região.”<sup>332</sup>

A única saída possível de enxergar é os Estados Unidos da América “reconhecerem que a ação armada não se origina de um vazio. A da Al-Qaeda não é uma violência insensata. Trata-se de uma agressão militar contra um conjunto de objetivos e que sobrevive graças a uma mescla de apoiantes, cobertura e munição humana.”(homens-bomba).<sup>333</sup>

Para diminuir o apoio à Al-Qaeda em circunstâncias políticas, económicas e sociais, seria primeiro necessário secar as fontes de recrutamento ao atacar as causas principais do desprezo, da repulsa e do ódio que os EUA conseguiram gerar com suas intervenções militares, mas também pelo que os muçulmanos, com frequência, identificam com o um modo de vida inevitavelmente corrupto, ganancioso e imoral.<sup>334</sup>

Do ponto de vista político e diplomático no mundo árabe, os EUA atacaram os problemas principais da região procurando denunciar a corrupção e o autoritarismo e o líder

---

<sup>332</sup> ATWAN (2008: 281).

<sup>333</sup> Id. (2008: 282).

<sup>334</sup> Ibid. (2008: 282).

da Al-Qaeda teve papel preponderante para trazer esses assuntos às páginas do jornais, principalmente depois dos atentados de 11 de setembro.

“É muito provável que o apoio, explícito ou velado, dos EUA, aos regimes opressores e ditatoriais da região seja outro motivo pelo qual o país é tão odiado no mundo islâmico.”<sup>335</sup>

Mas os EUA também precisam de encarar as pesadas exigências políticas, econômicas e de segurança com que sustentam esses regimes, particularmente quando a sua própria economia enfrenta enormes problemas e dívidas colossais.

Quanto às políticas diplomáticas tomadas pelos EUA após os atentados de 11 de setembro de 2001, a antiga secretária de Estado americana Condoleezza Rice reconheceu que as sucessivas administrações americanas têm, erroneamente, baseado essas políticas na perspectiva de que a estabilidade na região árabe deve ser mantida em detrimento da democracia.

Assim, parece muito mais claro porque nem uma nem outra foi conquistada. Existe uma correlação direta entre o nível de corrupção e a repressão entre os governantes de um regime e a preferência de um extermínio islâmico que ataque os EUA e o ocidente.<sup>336</sup>

O exemplo é a Arábia Saudita, que “é o regime mais corrupto e opressor da região, e já produziu 70% dos combatentes para a Al-Qaeda, incluindo o próprio líder da organização”.<sup>337</sup>

O medo político americano, provocado pelos atentados, destruiu, efetivamente, o consenso em torno das políticas seguidas por todos os países após a guerra fria, conforme especificado pelo artigo 51 da carta da ONU.<sup>338</sup>

---

<sup>335</sup> ATWAN (2008: 282).

<sup>336</sup> BARBER (2005: 107).

<sup>337</sup> ATWAN (2008: 283).

<sup>338</sup> Carta da ONU de 14 de dezembro de 1955. **Artigo 51:** Nada na presente Carta prejudicará o direito inerente de legítima defesa individual ou coletiva, no caso de ocorrer um ataque armado contra um membro das Nações Unidas, até que o Conselho de Segurança tenha tomado as medidas necessárias para a manutenção da paz e da segurança internacionais. As medidas tomadas pelos membros no exercício desse direito de legítima defesa serão comunicadas imediatamente ao Conselho de Segurança e não deverão, de modo algum, atingir a autoridade e a responsabilidade que a presente Carta atribui ao Conselho para levar a efeito, em qualquer momento, a ação que julgar necessária à manutenção ou ao restabelecimento da paz e da segurança internacional.

Contrariando essas políticas, como forma de justificar e prolongar uma guerra preventiva, Condoleeza Rice afirmou que: “Na declaração sobre segurança nacional, a lógica da guerra preventiva tornou-se a chave para justificar o uso da força contra o Iraque.”<sup>339</sup>

Ainda nesse tempo, o então presidente George Bush declarou que, em vista dos devastadores atentados do 11 de setembro e em face da clara evidência de perigo, os Estados Unidos não estavam dispostos a esperar pela prova final e insofismável, que poderia vir como uma enorme nuvem em forma de cogumelo. Tendo todos os motivos para supor o pior e o dever categórico de impedir que o pior aconteça, os Estados Unidos não podem e não vão adotar de novo a velha abordagem de inspeção e de pressões diplomáticas e econômicas.<sup>340</sup>

Portanto, a nova doutrina política e diplomática é a resposta clara do então presidente dos Estados Unidos após os atentados e a forma de expressar publicamente, além de apresentar uma política oficial a linha dura contra o regime político de Saddam Hussein no Iraque e contra o Talibã no Afeganistão, é igualmente, uma resposta política preventiva ao terrorismo.

Essa política preventiva norte-americana seria uma nova estratégia para a segurança nacional e, no sentido literal, de “liquidar Estados que patrocinam o terrorismo”<sup>341</sup>. Porém, essa posição não era apenas para “preservar os seus interesses, mas para assumir a sua responsabilidade de defender a liberdade dos cidadãos contra a violência e a agressão.”<sup>342</sup>

“Com a nossa coragem, daremos esperança aos outros. E com nossas ações garantiremos a paz e lideraremos o mundo, rumo a dias melhores. Que Deus abençoe a América.”<sup>343</sup> Foram palavras emocionantes do seu presidente Bush.

---

<sup>339</sup> BARBER (2005: 107).

<sup>340</sup> Presidente George W. Bush in “Remarks by the president on Iraq at the Cincinnati Museum Center”, 8 de outubro de 2003, citado pelo New York Times, 9 de outubro de 2002. BARBER (2005:107).

<sup>341</sup> BARBER (2005: 108).

<sup>342</sup> Id. (2005: 108).

<sup>343</sup> Ibid. (2005: 108).

No entanto, essa liberdade política de tentativa de controlo do terrorismo, para dar proteção ao ocidente, tem rompido com os acordos entre as nações, e dado liberdade de romper tratados unilaterais entre países, como por exemplo o tratado sobre os mísseis e testes nucleares.

Essa atitude política e a presença de tropas militares, tanto no Afeganistão como no Iraque, “trouxe bastante apoio à Al-Qaeda, ou, pelo menos uma não-oposição na maior parte do mundo islâmico.”<sup>344</sup>

Enquanto se estabelecem conexões entre a política dos EUA, real ou suposta, e continua a estabilidade em grande parte do Médio Oriente, podemos esperar que a Al-Qaeda fique cada vez mais forte e poderosa, expandindo sua esfera de atividades.

### ***6.2.2 Os sistemas de informações***

A segurança é uma preocupação fundamental para os terroristas, cientes de que as forças que os combatem utilizam métodos cada vez mais sofisticados. Muitas vezes usam a contrainformação.

O fundamentalismo religioso, particularmente o fundamentalismo islâmico, é considerado a uma grande ameaça à segurança internacional.

Para Mingst<sup>345</sup>, enfrentar a atividade terrorista tornou-se cada vez mais difícil, porque a maioria dos agentes dispõe de redes e de partidários instalados nas populações residentes. Proteger populações contra atos de violência aleatórios é uma tarefa quase impossível, dada a disponibilidade de armas e explosivos no mercado internacional e a necessidade, ao menos nos Estados democráticos ocidentais, de equilibrar direitos civis e direitos humanos com legislação relativa à segurança. O mesmo indivíduo pode ser o herói numa comunidade - o terrorista pode ser defensor da liberdade - e pode ser um perigoso criminoso noutra pelas vítimas que causou.

---

<sup>344</sup> ATWAN (2008: 283).

<sup>345</sup> MINGST (2009: 216).

A nível internacional, têm-se enfrentado os terroristas com a criação de uma estrutura de regras internacionais que tratam esse tema, entre elas convenções que abordam questões como a de punições, proteção de aeroportos, diplomatas e do transporte de material nuclear, assim como o bloqueio de fluxo de recursos financeiros para as redes globais de terroristas.<sup>346</sup>

Mingst<sup>347</sup> afirma que os estados vêm tomando medidas, individualmente, para aumentar a segurança interna, como fizeram os Estados Unidos da América, dar apoio a atividades de contrainformação e promover a cooperação entre agências nacionais de cumprimento da lei, no rastreamento e captura de terroristas.

Estados apoiantes de terrorismo deverão ser sancionados por outros estados, como é o caso do Sudão, da Líbia, do Afeganistão, da Síria, do Irão e do Iraque.

As intervenções de forças de segurança, quer as planeadas e desencadeadas à ordem da sua direção central, quer as decorrentes de iniciativas dos seus núcleos. (...) em regra junto de fontes de matérias-primas, como o petróleo, têm aplicado com maior incidência, em nível pontual das mesmas ações e constituem o primeiro indício importante do alargamento efetivo do sistema de ação política e estratégica do terrorismo a áreas globais, envolvendo, fisicamente, diversos países e populações.<sup>348</sup>

Também a recente ameaça de utilização de telemóveis por todo o mundo, muito divulgados entre as populações do Médio Oriente e do continente Europeu, para a difusão da ideologia islâmica e mostrar os efeitos das ações do movimento, se enquadra no mesmo objetivo.<sup>349</sup>

Na sua oposição ao empenhamento contra-terrorista, os poderes constituídos atribuem, em regra, a sua intervenção aos escalões políticos interno e externo e ao Sistema de Segurança que os apoia, entregando, depois, a execução efetiva das ações correspondentes às suas Forças

---

<sup>346</sup> MINGST (2009: 216).

<sup>347</sup> Id. (2009: 216).

<sup>348</sup> ALVES (2010).

<sup>349</sup> Id. (2010).

de Segurança, as quais empenham na luta corpos de força especiais. As Forças Armadas são, de início e em princípio, mantidas afastadas dessa intervenção preliminar, embora possam apoiá-la e devam manter-se sempre em condições de atuação com os meios adequados, se a mesma lhes for determinada. O presente empenhamento destas Forças em áreas como o Kosovo, o Afeganistão, o Iraque, o Líbano e a Somália decorre, não diretamente do contra-terrorismo, embora esteja por certo sempre presente, mas na sequência de operações da Guerra limitada que vêm tendo lugar.<sup>350</sup>

Noutro âmbito, as potências ocidentais devem rever as suas políticas externas em relação ao Médio Oriente e a todo o mundo; a multilateralidade deve ser a baliza das relações internacionais; as nações islâmicas devem combater as organizações terroristas sediadas em seus países, bem como o fundamentalismo religioso.

O terrorismo religioso atual, só pode ser combatido com ações efetivas e não com a invasão de Nações árabes, pois se as potências do ocidente abraçarem o terrorismo de estado, o conflito atual poderá levar décadas para ter fim.

No entanto, o terrorismo religioso continuará a alimentar o desânimo e a ansiedade quase insuperável, associada à falta de segurança em muitos Estados, distinta em três factores: a percepção de incapacidade de defesa; a incerteza; e o sentimento profundo de impotência<sup>351</sup>.

Como já se refletiu, o resultado desta mistura de sentimentos é a continuação do terror. A segurança, quando sentida pela sociedade, cabe aos governos para dar respostas do combate a esse terror e, ao mesmo tempo, buscar todas as estruturas orgânicas com conhecimento necessário para combater essa ameaça. Essas forças devem ser obtidas entre as Forças de Segurança, as Forças Armadas e os Serviços de Informações.

### ***6.2.3 As forças militares e de segurança.***

A resposta militar americana deu-se logo após os ataques de 11 de setembro, em

---

<sup>350</sup> ALVES. (2010).

<sup>351</sup> RIBEIRO (2010:12).

ofensiva antiterrorista de “caça” a Osama Bin Laden, no Afeganistão e todos aqueles que, direta e indiretamente, o apoiavam.

A resposta militar ou guerra ao terrorismo pelos Estados Unidos, consistia em perseguir daqueles que julgavam ser os grandes responsáveis pelos atentados. Com a ajuda de grupos de oposição local e uma coligação internacional, liderada pela Inglaterra e pelos Estados Unidos, teve início o que viria a ser a guerra do Afeganistão. O acidentado e árido território afegão foi bombardeado e vasculhado à procura de terroristas. O governo talibã caiu e Bin Laden não foi encontrado, vivo ou morto, como desejavam os americanos<sup>352</sup>

É possível que uma resposta militar contra o terrorismo religioso islâmico tenha êxito? Para Hobsbawn<sup>353</sup>, o mundo é demasiado complexo para que se possa dominá-lo. Com a superioridade militar em armamentos de alta tecnologia, os Estados Unidos contam, principalmente, com trunfos decrescentes, ou potencialmente decrescentes, porque não há competidores no sector militar e isso torna o futuro imprevisível quanto à luta contra o terrorismo em termos militares.

Evidentemente que, a guerra ao terrorismo deve ter uma componente militar. “É fácil subestimar a simples eficácia do poder militar na obtenção de objetivos específicos imediatos, afirma Burke.”<sup>354</sup> As sociedades ocidentais, são sociedades abertas. “Blindar-nos pode ser útil no curto prazo, reconfortante no médio prazo, mas no longo prazo, é impossível.”<sup>355</sup>

E continua Burke<sup>356</sup>, “Precisamos lembrar que toda vez que se usa a força isso, fortalece mais evidências de um “choque de civilizações” e de uma “luta cósmica”, e assim ajuda os militantes em seu esforço de radicalização e mobilização. Ao fortalecer a visão distorcida do mundo, que está se tornando tão predominante, cada situação de uso de força é uma pequena vitória para Bin Laden e para outros como ele.”

---

<sup>352</sup> SUTTI; RICARDO (2003: 110).

<sup>353</sup> HOBSEBAWN (2007: 158).

<sup>354</sup> BURKE (2006: 297).

<sup>355</sup> Id. (2006: 297).

<sup>356</sup> Ibid. (2006: 297).

Se quisermos vencer a batalha contra o terrorismo, as nossas estratégias devem ser mais sofisticadas e mais amplas.

O poder militar deve ser apenas mais um instrumento, entre outros, e deve ser usado com reserva e até alguma e relutância. Atualmente, o poder militar é *default*, a arma preferida. No entanto, a melhor arma disponível é a coragem, a ciência, e a integralidade de uma ampla proporção dos 1,3 bilhões de muçulmanos no mundo. É isso que restringe a difusão da Al-Qaeda e sua a visão deturpada de mundo, e não as atividades dos especialistas em contra-terrorismo ou dos estrategistas militares.<sup>357</sup>

Como o terrorismo islâmico está a tornar-se cada vez mais fragmentado, e não existe um Estado-Nação para atacar, os sistemas militares clássicos são inadequados. Se forem usados como resposta, será difícil vencer o terrorismo em termos militares, mas é possível contê-lo e contribuir para dissipar a ideia duma guerra cósmica, duma guerra entre o bem e o mal.

As soluções militares isoladas não vão eliminar o terrorismo religioso, porque o sucesso e a sobrevivência da rede terrorista não dependem de indivíduos, nem mesmo de grupos; o próprio Bin Laden não era indispensável. Dar recursos adicionais às agências de segurança, fortalecer a capacitação humana e os sistemas jurídicos podem talvez reduzir o nível dos ataques, mas não os acaba.<sup>358</sup>

O terrorismo pode fomentar uma guerra cósmica. Porém, quanto mais cedo nos afastarmos duma linguagem bélica e voltarmos a uma linguagem de direitos humanos e da dignidade de todos os indivíduos, seria, em tese, a melhor forma de alcançar um mundo sem terrorismo, evitando o que aconteceu com os atentados terroristas e ataques bélicos no Afeganistão, onde mataram muitas vidas inocentes e o terrorismo criou mais força.

---

<sup>357</sup> BURKE (2006: 298).

<sup>358</sup> ATWAN (2008: 281).

#### ***6.2.4 Estratégia de policentralidade***

Os terroristas “pretendem desestabilizar a política e causar estragos na economia. Uma forma de imunizar um país contra um ataque terrorista, desmotivando seus agentes a tomarem-no por alvo, é descentralizar vários aspectos da sociedade.”<sup>359</sup>

Um sistema político com muitos centros de decisão diferentes, apresenta-se menos vulnerável e mais estável do que um sistema centralizado. Quando uma parte do sistema é afetada de forma negativa, uma outra parte ou várias então poderão assumir maior controle. Quanto mais centros de poder existirem num país, menor serão as consequências e estragos causados no ataque. Prevendo que não poderão causar muitos estragos numa sociedade descentralizada, os terroristas sentir-se-ão, de resto, menos incentivados para sequer planejar um ataque contra ela.<sup>360</sup>

Mas, pelo contrário, num sistema centralizado, há uma grande concentração do poder decisório respeitante à economia, à política e à sociedade num único local. Este poder central é um alvo ideal para os terroristas e, por isso, corre maior risco de ser atacado.<sup>361</sup>

A efetivação da política e da estratégia de policentralidade pode ser alargada e discutida em diversos âmbitos e setores da sociedade:

*1. Policentralidade da economia de mercado:* baseia-se numa forma extrema de descentralização, sob condições de competição, conseguindo que os fornecedores possam substituir-se perfeitamente uns aos outros. Se um deles for erradicado, devido a um ataque terrorista, os outros podem preencher o lugar vago. Estão preparados para entrarem em ação não sendo necessário que o governo articule quaisquer planos para essa substituição.<sup>362</sup>

Nessa lógica, quanto mais a economia funcionar segundo princípios do mercado, tanto menos vulnerável será aos ataques terroristas.

---

<sup>359</sup> LUECHINGGER; FREY (2006:108).

<sup>360</sup> Id. (2006:108).

<sup>361</sup> Ibid. (2006:108).

<sup>362</sup> Ibid. (2006:109).

O atentado realizado pelos terroristas islâmicos em 11 de setembro, embora tenha sido um dos mais graves, é um exemplo impressionante da adaptabilidade da economia de mercado, pois o sistema económico global foi muito pouco afetado.

Devido a “uma economia de mercado descentralizada, a situação económica dos Estados Unidos mal foi atingida; os vários outros centros de atividade económica quase não foram diretamente afectados. Mesmo em Manhattan, houve uma recuperação notavelmente veloz.”<sup>363</sup>

O importante é que, mesmo esse duro golpe, não conseguiu abalar seriamente uma economia descentralizada como a americana. Muitos dos elevados custos resultaram, de resto, da resposta política ao ataque e não das consequências do ataque em si.<sup>364</sup>

Desse ponto de vista, o ataque terrorista islâmico não foi uma vitória para os terroristas, tendo demonstrado, ao invés, a força dum sistema económico descentralizado.

2. *Descentralização política*: corresponde à poliarquia política, que pode assumir duas formas: “a de descentralização horizontal ou *separação de poderes*, e a de descentralização vertical ou *federalismo*.”<sup>365</sup>

A separação de poderes: é aquela em que a autoridade política se distribui por vários agentes políticos distintos, sendo sobretudo relevante a separação clássica dos poderes executivo, legislativo e judicial.

No federalismo: o poder político pode ser espacialmente descentralizado e dividido por vários níveis de governação.

3. *Descentralização espacial e sociedades policêntricas*: A elevada densidade populacional das grandes cidades urbanas, torna-se alvo ideal para ataques terroristas. “A descentralização espacial da população é especialmente importante nos casos em que os terroristas usam armas biológicas e químicas. Em áreas de grande densidade populacional, os

---

<sup>363</sup> LUECHINGGER; FREY (2006:109).

<sup>364</sup> Id. (2006:109).

<sup>365</sup> Ibid. (2006:109).

vírus usados pelos terroristas disseminar-se-ão rapidamente, provocando muitas vítimas num curto espaço de tempo.”<sup>366</sup>

O exemplo de centralização física foi tragicamente demonstrado, de forma negativa, pelos ataques terroristas às Torres Gêmeas de *New York* e outros, como em Madrid e Londres.

Todos partilham, como abordagem estrutural, a luta contra o terrorismo; porém políticas de descentralização espacial da população constituem um grande desafio, principalmente para os burocratas e políticos, pois as ameaças terroristas ultrapassam as suas próprias competências e capacidades.

#### ***6.2.5 Estratégia de motivações positivas***

Aproveitar as oportunidades através de motivações, pode melhorar a participação dos cidadãos na sociedade e aumentar a sua auto estima e confiança.

Usando uma terminologia própria da economia, pode dizer-se que, se aumentarmos os custos da atividade terrorista, se avançarmos com políticas concretas de antiterrorismo, então a reintegração dos terroristas na sociedade será facilitada pelo acesso às negociações políticas e pelo acolhimento dos que forem arrependidos.<sup>367</sup>

Duas medidas específicas para a reintegração de terroristas atuais e/ou potenciais podem ser:

*1. Reintegração dos terroristas, levando-os a aceder ao processo político:* uma das “motivações humanas fundamentais é a necessidade de pertença, que também se aplica aos terroristas.”<sup>368</sup>

Nesta situação, o ingresso de um indivíduo num grupo terrorista, “implica num corte radical com as relações anteriores. O seu isolamento em relação a outras entidades sociais,

---

<sup>366</sup> LUECHINGGER; FREY (2006:110).

<sup>367</sup> Id. (2006: 114).

<sup>368</sup> Ibid. (2006: 114).

permite reforçar o grupo terrorista a que pertence, visto este tornar-se o único lugar em que se alimenta um sentimento de pertença.”<sup>369</sup>

Uma maneira eficaz de contrariar o terrorismo, tem a ver, justamente, com o quebrar este isolamento, pois a interação com outros grupos tende a dissolver tal isolamento, e anular atitudes extremistas.

Caso consiga interromper o ciclo vicioso da segregação e do extremismo, é provável que diminua a disposição dos terroristas para a prática de atividades violentas. Os terroristas precisam de interiorizar que existem outros órgãos sociais capazes de lhes oferecer um sentimento de pertença, sendo que, se estes atuarem com sucesso, o poder dos líderes terroristas ressentir-se-á negativamente.<sup>370</sup>

Existem várias soluções para motivar os terroristas a aceitar uma interação com outros membros da sociedade e para a prossecução dos seus objetivos políticos por meios legais, usando a comunicação e os contatos pessoais para permitir a cooperação e a sua reintegração<sup>371</sup>:

1.1 Os terroristas, e em particular os seus apoiantes e simpatizantes, podem ser integrados no sistema político institucionalizado.

1.2 Pode permitir-se aos terroristas um envolvimento num processo de negociação, que considere os seus objectivos e reivindicações e que procure encontrar compromissos viáveis.

2. *Acolher os arrependidos*: esta alternativa oferece incentivos, tais como redução de penas ou proteção aos indivíduos envolvidos em movimentos terroristas.

Estas medidas poderiam aplicar-se a quem estivesse “disposto a deixar a organização a que pertence e a colaborar com as autoridades, dando informações sobre organizações.”<sup>372</sup>

---

<sup>369</sup> LUECHINGGER; FREY (2006: 115).

<sup>370</sup> Id. (2006: 115).

<sup>371</sup> Ibid. (2006: 115).

<sup>372</sup> Ibid. (2006: 115).

Uma política de oferta de incentivos não será propriamente ideal, mas tem importantes vantagens quando comparada com uma política de dissuasão. A interação entre os terroristas e o governo transforma-se num jogo de pontos acumulados, de que ambos os lados beneficiam. Tais ofertas facilitam o rompimento das pessoas com a sua dependência ideológica e funcional de grupos terroristas.<sup>373</sup>

De fato, uma política de dissuasão confina potenciais e atuais terroristas ao grupo a que pertence e não lhes dá outra alternativa senão a de permanecerem dentro dele.

Outro elemento importante desta estratégia é que ela “mina a coesão do grupo terrorista,”<sup>374</sup> pois os “incentivos para o seu abandono são uma ameaça com que a organização terá de lidar permanentemente.”<sup>375</sup>

Naturalmente, à medida que surgirem melhores propostas vindas do exterior do grupo terrorista, os seus líderes perderão, gradualmente, o controlo do grupo e a eficácia da organização terrorista será drasticamente reduzida.

Embora as motivações positivas possam não ser suficientes para afetar o núcleo duro da organização, pode conseguir desencorajar os simpatizantes e apoiantes de auxiliarem os terroristas.

#### ***6.2.6 Dispersão da atenção mediática***

Esta é uma outra grande política para combater o terrorismo, baseada “na redução dos efeitos marginais do terrorismo em benefício dos terroristas.”<sup>376</sup> Esta medida visa reduzir a enorme publicidade que os terroristas podem obter através da perpetração de atos violentos.

Os atos terroristas violentos têm uma imensa cobertura mediática, porque os terroristas tornaram-se muito hábeis na instrumentalização dos *media* para maximizarem a publicidade às suas causas. Acresce que os mesmos *media* partilham com os terroristas um interesse

---

<sup>373</sup> LUECHINGGER; FREY (2006: 116).

<sup>374</sup> Id. (2006: 116).

<sup>375</sup> Ibid. (2006: 116).

<sup>376</sup> Ibid. (2006: 111).

comum: o desejo de fazer notícias e de garantir a longevidade da “peça”. Os jornalistas sofrem pressões para ampliarem a cobertura de incidentes de potencial interesse para o público, o que multiplica os efeitos de um ato terrorista específico.<sup>377</sup>

Os terroristas podem ser impedidos de praticar atos de violência, se beneficiarem menos com ele. No entanto, uma das formas de fazer com que colham menos frutos do seus atos de violência pode ser uma “ação governamental que não permita atribuir a nenhum grupo terrorista em particular”<sup>378</sup>, a responsabilidade de um atentado

Assim, “os terroristas não conseguirão obter crédito por qualquer ato, nem conquistar um reconhecimento público pelas sua perpetração.”<sup>379</sup>

Os governos devem precaver-se contra a situação de um grupo terrorista específico poder monopolizar a atenção dos *media*. Deste modo, vários especialistas advogam uma censura dos *media*, com a definição de regras deontológicas estatutárias ou uma contenção voluntária. Suprimir-se-ia, com isso, toda a informação sobre a entidade responsável por um determinado ato terrorista.<sup>380</sup>

No entanto, numa sociedade ocidental, livre e aberta, é impossível sonegar este tipo de informação que o público anseia saber e os terroristas, que pretendem publicidade, podem, facilmente, divulgar as suas ações através das agências noticiosas em todo o mundo.

A primeira estratégia deve, portanto, “ser rejeitada como ineficaz e incompatível com a democracia, visto restringir seriamente a liberdade de imprensa”<sup>381</sup>; será uma “forma alternativa de dispersar a atenção dos *media*, sem desrespeitar a liberdade de imprensa.”<sup>382</sup>

No sentido em que a atenção do *media* será mais pulverizada, caso se dê ao público mais informação do que a desejada pelos autores dum ato violento específico, tal pode ser

---

<sup>377</sup> LUECHINGGER; FREY (2006: 111).

<sup>378</sup> Id. (2006: 112).

<sup>379</sup> Ibid. (2006: 112).

<sup>380</sup> Ibid. (2006: 112).

<sup>381</sup> Ibid. (2006: 112).

<sup>382</sup> Ibid. (2006: 112).

feito explicitando-se que vários grupos terroristas podem ser responsáveis por um determinado atentado. As autoridades têm de manter a atitude de que nunca sabem, com certeza absoluta, qual o grupo terrorista que pode ter cometido um determinado ato violento. Mesmo quando o grupo terrorista envolvido parece ser evidente, as autoridades nunca podem ter a certeza. Têm de coibir-se de atribuir um ato terrorista a um grupo específico sem qualquer garantia de certeza, enquanto não tiver sido apurada a verdade dos fatos.<sup>383</sup>

O desafio dos governos, através da *media*, é de realçar a dispersão e a atenção pública de todos os possíveis atos terroristas pois, reduzindo a propaganda, retiram dos terroristas o fruto esperado.

Assim, os terroristas ficam frustrados e, até certo ponto, seu ato deixa de fazer sentido. Essa frustração pode levar a duas alternativas: “desistência de futuras atividades ou a uma exposição cada vez mais arriscada aos métodos contra terroristas usados regularmente pela polícia.”<sup>384</sup>

Globalmente, o terrorismo decairá, principalmente pelas insatisfações com as condições sociopolíticas existentes, o que poderá traduzir-se de formas diversas e menos violentas.

### ***6.2.7 Garantia dos Direitos Humanos internacionais***

A Declaração dos Direitos Humanos surgiu em 10 de novembro de 1948, como uma resposta da comunidade internacional às atrocidades, violências, holocaustos e guerras do século XX.

Através dela procurava-se orientar um caminho a seguir, depois do que tinha acontecido e que provocara a segunda guerra mundial.

Partindo da configuração da mentalidade emergente do pós guerra, com as suas características fundamentais e dos principais instrumentos internacionais de proteção dos Direitos Humanos, verifica-se que o terrorismo e a luta contra o terror têm representado um

---

<sup>383</sup> LUECHINGGER; FREY (2006: 113).

<sup>384</sup> Id. (2006: 113).

grande desafio – senão o maior deles – ao Direito Internacional dos Direitos Humanos.<sup>385</sup>

A partir da carta de São Francisco, que dá origem às Nações Unidas, surge a perspectiva e a possibilidade de indicar um caminho a seguir, capaz de impedir novas ocorrências violentas, com um sentido preventivo e minimizador.

Os propósitos da Organização das Nações Unidas são os estatuídos no artigo 1º da Carta de São Francisco<sup>386</sup>:

“1. Manter a paz e a segurança internacionais e, para esse fim: tomar, colectivamente, medidas efetivas para evitar ameaças à paz e reprimir os atos de agressão ou outra qualquer ruptura da paz e chegar, por meios pacíficos e de conformidade com os princípios da justiça e do direito internacional, a um ajuste ou solução das controvérsias ou situações que possam levar a uma perturbação da paz;

2. Desenvolver relações amistosas entre as nações, baseadas no respeito ao princípio de igualdade de direitos e de autodeterminação dos povos, e tomar outras medidas apropriadas ao fortalecimento da paz universal;

3. Conseguir uma cooperação internacional para resolver os problemas internacionais de carácter económico, social, cultural ou humanitário, e para promover e estimular o respeito aos direitos humanos e às liberdades fundamentais para todos, sem distinção de raça, sexo, língua ou religião;

4. Ser um centro destinado a harmonizar a ação das nações para a consecução desses objetivos comuns.”

Em pleno século XXI, a humanidade tem testemunhado o ressurgir de um fenómeno antigo, redimensionado em suas características e proporções: o terrorismo globalizado de matriz religiosa.

Ao falar de Direitos Humanos é preciso começar por delimitar, basicamente, dois atores

---

<sup>385</sup> GUERRA (2008: 8).

<sup>386</sup> ONU (2001: art. 1).

diretamente relacionados com os movimentos de terrorismo contemporâneo: o fundamentalismo islâmico, responsável pelo terrorismo atual e, em contraponto, o ocidente, representado basicamente pelos Estados Unidos da América que, como prevenção tem respondido principalmente em forma de guerra.

Caminhando sempre na lógica do terrorismo radical de matriz religiosa, a atitude que se nos afigura é como preveni-lo e combatê-lo através de uma resposta que acolha os Direitos Humanos Internacionais.

São bastante graves para a humanidade os riscos de uma política unilateral de combate ao terrorismo, baseada na violação de Direitos Humanos, na prática da tortura, na detenção arbitrária de pessoas por tempo indeterminado, no vilipêndio à presunção de inocência, aos princípios do contraditório e da justa defesa, por vezes utilizando a mentira e a figura do inimigo objetivo como forma de dominação.<sup>387</sup>

Para tanto, é indispensável que o combate ao terrorismo se desenrole sob a égide e no mais amplo respeito pelos Direitos Humanos, e pelo princípio da não discriminação, através da adoção de uma estratégia global de combate a esse fenómeno.

Desde os atentados de 11 de setembro de 2001, que tiveram como alvo símbolos do império americano capitalista e de toda a sua ideologia, o terrorismo passou a ocupar posição de destaque no cenário internacional, deixando de ser um fenómeno local e periférico, para se tornar um fenómeno globalizado e transnacional. Todo o tipo de conduta e de represálias, passou a ser permitido na luta contra o terror e contra o terrorismo. Contra este inimigo concreto, muitas vezes com recurso à mentira, passou a admitir-se toda e qualquer atuação, mesmo que isso implicasse violação, restrição ou suspensão dos Direitos Humanos e liberdades fundamentais, arduamente construídos nos últimos sessenta anos.<sup>388</sup>

Resta o grande desafio do século XXI: Como combater o terrorismo por meio de uma

---

<sup>387</sup> GUERRA (2008: 8).

<sup>388</sup> Id. (2008: 8).

política de promoção, respeito e implementação dos Direitos Humanos?

Afinal a humanidade precisa, verdadeiramente, de experimentar a liberdade isenta de necessidades, a liberdade sem medo e a liberdade de viver na mais plena dignidade.

Embora a perspectiva de paz neste século, seja ainda bem remota, permanece o desafio essencial da abertura, da mútua compreensão e do recíproco respeito pela dignidade humana.

A globalização encurtou o mundo, mas instaurou o impacto da presença da diversidade. Esta presença, tão numerosa de outros tão diversos, é um dado característico do século XXI.

Diante desta realidade, “o que é intolerável não é a diferença, mas a indiferença”<sup>389</sup>, ou seja, a incapacidade de reagir ao “desgaste da compaixão” que cresce a cada momento.

O problema do terrorismo é que não se pode identificar o inimigo; trata-se de um inimigo invisível, covarde, traiçoeiro e odioso. Além disso, a ferramenta principal utilizada por esse inimigo invisível é o terror, desencadeado através da morte de inocentes, não importando se as crianças, mulheres ou idosos, não importando a raça, o credo religioso e a formação política. Este inimigo procura desestabilizar qualquer governo com a implantação da anarquia, utilizando-o terror.<sup>390</sup> E o mais preocupante é que, por enquanto, este “inimigo invisível” parece estar vencendo a batalha, ou seja, com seus atentados está conseguindo que o ocidente, em atitude de desespero e recorrendo ao uso da ação militar, passe a ignorar princípios e preceitos legais, alguns deles milenares, como os Direitos Humanos, para justificar o fim e vencer o terrorismo, mesmo que para isso tenha que sacrificar vidas de inocentes.

Ou a humanidade retoma a “ordem jurídica mundial” com respeito pelos Direitos Humanos e, conseqüentemente, pelos preceitos do Direito Internacional como um todo, ou assistiremos à possibilidade de um “inimigo invisível” vencer a guerra do terror.

---

<sup>389</sup> GUERRA (2008: 9).

<sup>390</sup> Id. (2008: 10).

### ***6.2.8 Construção continuada da paz***

Depois de tudo o que refletimos sobre o fundamentalismo islâmico, o terrorismo de matriz religiosa, a grande incógnita sobre o futuro das relações entre o ocidente e o mundo árabe, os cenários dramáticos que isto provoca e acerca da situação do mundo globalizado, resta apenas um próximo passo para tentar adivinhar o que o futuro nos espera e a formular última pergunta: Quais são as “chances” para a paz?

Tem-se uma realidade clara a tratar: a luta contra o terrorismo islâmico e a ofensiva do ocidente através da ação militar. Há um mundo globalizado que necessita de regras claras e duradouras de convivência; por isso, a discussão tem que convergir para ações que deverão ser efetivadas para atingir o equilíbrio global.

Haverá uma terceira guerra mundial contra grupos terroristas instalados em vários países? Que há uma guerra em curso, é uma realidade e quem tiver olhos menos catastrofistas observará que os atentados ocorridos tiveram o condão de despertar uma solidariedade universal jamais vista e uma grande coesão de estados contra o inimigo comum: o terror

A grande discussão é como usar essa confluência de esforços para criar uma nova ordem mundial e não para um “revanchismo” sem sentido que é a guerra contra o terrorismo. Aí, entra a abolição de toda forma de radicalismo tolo que sempre surge nos momentos paradoxais em que imperam discussões inúteis, a primeira das quais é esse permanente acerto de contas com os radicais islâmicos, por forma de “eliminá-los” através de ações militares. Não há nada que dificulte mais a construção do futuro, do que o permanente acerto de contas com o passado.

Antes de mais, “precisamos de superar o velho paradigma ainda dominante, cujas raízes se encontram na cultura patriarcal imposta a partir da revolução do neolítico, há dez mil anos, onde o eixo violador é a vontade de poder-dominação.”<sup>391</sup>

---

<sup>391</sup> BOFF (2009: 80).

Esse desejo de poder-dominância criou o exército, a guerra e, com ajuda do mundo globalizado, criou esse ambiente de medo, causado pelo terrorismo, que só pode ser superado pela paz. E esta só triunfará na medida em que as pessoas e as sociedade se dispuserem a cultivar, como projeto de vida, a cooperação, a solidariedade e o amor ao próximo. A cultura da paz depende da predominância desses princípios e da atenção que as pessoas e as instituições mantiverem sobre a outra dimensão, sempre presente, da rivalidade, do egoísmo e da exclusão.<sup>392</sup>

A paz constrói-se contra toda forma de discriminação. O combate à discriminação racial, étnica e cultural, é um valor universal e não uma forma de aplacar culpas. Essas culpas eternas impedem qualquer ato racional de aproximação, integração e abertura de espírito.

A paz vale também pelo momento atual. Para as vítimas do radicalismo, tanto as que celebram o atentado como uma punição aos EUA, quanto as que advogam a total liberdade para os EUA praticarem a retaliação que bem entenderem, por terem sido vítimas de atos tão sórdidos.

Momentos como esses, exigem reflexão para obter o único ganho que esses episódios permitem: lições de paz. Para a discussão ganhar um mínimo de objetividade, seria importante fixar alguns paradigmas inquestionáveis, como forma de manter a paz entre as diversas opiniões:

1. A guerra não é crime. Pode haver crimes de guerra, se não forem respeitados as “normas” do Direito de guerra e a convenção de Genebra. Mas a guerra pode ser o último recuso para a defesa dos direitos e da razão.
2. O terrorismo, qualquer que seja sua motivação, é crime contra a humanidade. Não há nada que possa justificar um ato terrorista.
3. Qualquer ataque indiscriminado a países islâmicos conferirá um novo fôlego ao

---

<sup>392</sup> BOFF (2009: 80).

terrorismo. Os terroristas que praticam o suicídio em nome de Alá não se intimidam com ataques; antes se considerarão mais predestinados a ser seus mártires.

4. Para combater o terrorismo, há que entender o que o “legítima”. Na raiz de grande parte do terrorismo político, existem conflitos políticos e regionais não resolvidos e povos injustiçados, sem “canal” para expressar as suas reivindicações. Crie-se esse “canal” e tirar-se-á ao terrorismo a “legitimidade” que procuram em algumas comunidades.
5. É impossível pensar em um mundo sem os EUA, assim como é impossível pensar na paz americana sem a paz mundial. A paz deve ensinar os americanos a assumir as suas responsabilidades nas grandes conferências mundiais, como na ONU, mas também o respeito pelos povos oprimidos ou subjugados e a não discriminar outras culturas, pois isso gera ódio e, como consequência, novos atos terroristas.
6. É hora de fortalecer ou criar novas instituições internacionais, que comecem, efetivamente, a mediar os grandes conflitos regionais e internacionais, sem que ajam, meramente, com a intenção de favorecer estados ocidentais.

A partir dessa perspectiva, é possível construir a paz?

Para Leonardo Boff<sup>393</sup>, a paz só triunfará na medida em que as pessoas e as sociedades se dispuserem a cultivar, como projeto de vida, a cooperação, a solidariedade e o amor ao próximo.

A paz somente é possível através da justiça. Nenhuma sociedade terá fruto se permanecer construída sobre uma justiça estrutural e histórica como a nossa. O fundamental da ideia da justiça é o princípio, que consiste numa verdadeira declaração de amor à humanidade: para cada um, de acordo com suas necessidades físicas, psicológicas, culturais e espirituais e de cada um, segundo suas capacidades físicas, intelectuais e morais. Nesse

---

<sup>393</sup> BOFF (2009: 80).

sentido, a justiça pressupõe a igual dignidade de todos e a busca do bem comum, definido como o conjunto das condições de vida social que favoreçam o desenvolvimento integral da personalidade humana.<sup>394</sup>

Se não houver uma reconstrução dessas relações para que sejam mais justas, igualitárias e includentes, estaremos condenados a conviver com conflitos, ataques terroristas e guerras.

Portanto, esta paz exige reparações históricas e políticas compensatórias, que os dominadores tradicionais se recusam a aceitar .

---

<sup>394</sup> BOFF (2009: 82).

## 7. CONCLUSÃO

A questão central, à volta da qual se desenvolveu o tema - o fundamentalismo islâmico e o terrorismo como sua manifestação de violência - conduziu-nos a uma análise destes dois fenómenos, desde as suas origens, passando pelas ligações entre ambos até à atual situação e avançando com possíveis modalidades de solução, para prevenir e enfrentar as ameaças que vêm provocando à segurança dos cidadãos, das sociedades e dos estados.

Como resultados do desenvolvimento das comunicações, da globalização e da expansão do islamismo, muitos muçulmanos têm recebido influências do moderno pensamento ocidental o que, em contrapartida, também tem provocado reações e suscitado, em alguns líderes religiosos, o retorno aos princípios básicos da fé islâmica e à interpretação do Corão.

Os seguidores deste movimento, conhecidos por fundamentalistas, têm, atualmente, uma grande influência em certos países como o Irão e Afeganistão. Consideram o islamismo um sistema global, que tanto envolve assuntos públicos como privados e, em todos os aspetos da vida - desde a família à política, passando pela economia, pela organização social e pela lei - devem estar presentes o Corão e a Chária. O fundamentalismo islâmico, à semelhança de todos os radicalismos, dá especial importância às escrituras e constitui, em parte, uma reação ao modernismo, pela tecnologia e pela influência do pensamento ocidental, abandonando velhos costumes, como a escravatura e a poligamia.

Para este propósito conservador, foi determinante a criação de instituições, como a “Irmandade Muçulmana (sunita)”, com o objetivo de reformar a sociedade e restabelecer os

princípios básicos da fé islâmica, tendo estendido a sua influência a grande parte dos países árabes.

O Irão, modernizado pelo regime pró-ocidental do Xá, que permitira a secularização das escolas e da lei, retrocedeu com a revolução de 1979 e com o estabelecimento de um república islâmica dirigida pelos líderes xiitas muçulmanos, constituindo-se, a partir de então, num importante fator dinamizador desde fundamentalismo religioso, que muito vem perturbando a paz, a segurança e a ordem mundial.

O desejo destes movimentos parece ser o de terminar com a humilhação de que o mundo muçulmano tem sido alvo por parte do ocidente, considerando que política do EUA em relação a questão de Israel - Palestina tem aumentado esse antagonismo intercultural.

O sonho de Osama Bin Laden, após os atentados de 11 de setembro, seria mesmo o de reconstruir o grande Califado, tendo como modelo o regime “taliban” e usando o poder nuclear do Paquistão.

O uso da violência, levada a efeito contra pessoas ou contra património, na tentativa de coagir ou intimidar governos ou sociedades para atingirem os objetivos políticos, religiosos ou ideológicos a que se propunham, passou a ser a modalidade mais comum de atuação destes movimentos. Desta forma, o terrorismo ganhou maior expressão e atingiu dimensões nunca antes experimentadas na sua longa história, particularmente no que respeita à Al-Qaeda, que elevou a capacidade de provocar o terror a nível mundial. O atentado perpetrado contra as “torres gêmeas”, em Nova Iorque, a 11 de setembro de 2001, por uma organização que não respondia perante um governo e que revelou capacidade para atuar, com extrema violência, em qualquer parte do globo, veio trazer uma nova perspectiva do terror e alertar as sociedades e os Estados para um novo tipo de ameaça.

Analisadas a natureza do terrorismo de matriz islâmica e algumas das suas causas, pode concluir-se que nenhuma delas parece inevitável e todas são suscetíveis de poder ser

influenciadas por políticas bem planeadas e adequadamente implementadas, que contrariem a sua fatalidade. Para tal, considera-se prioritário eliminar as causas do terrorismo, envolvendo e apoiando os líderes muçulmanos moderados, que revelam tendências reformistas e que sejam partidários de soluções de diálogo tolerante e pluralista, capazes de convencer o mundo islâmico de que o ocidente não é um inimigo beligerante, mas um parceiro que pode colaborar, numa atitude de mútuo respeito, na procura da prosperidade das sociedades envolvidas.

Nesta perspectiva, toda a violência, seja islâmica, seja ocidental, será injustificada e estéril, por mais esforços que se façam para tentar compreendê-la.

Por isso, o grande desafio do século XXI será o de superar as concepções fundamentalistas e abrir espaço para o diálogo intercultural, para a criação de um ambiente de paz baseado na convivência das diversidades, em busca do bem comum da humanidade.

E por que não nos esforçarmos e apresentarmos políticas e estratégias de prevenção e de combate ao terrorismo de matriz fundamentalista, com base nessa abordagem positiva, construtora da paz, das relações fraternas entre as diversas culturas e religiões, que se revelam muito mais eficazes e que não violam os valores humanos universais?

Apesar de utópico, devemos continuar a perguntar POR QUE NÃO?

## 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**ALCORÃO**. Tradução de Mansur Chalita. São Paulo: Editora ACIG ibran, 1996.

ALVES, Belmiro José. **Desafios no Século XXI: Terrorismo Islâmico e Crime Organizado**. 123 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Fernando Pessoa. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Mestrado em Relações Internacionais com o mundo Árabe e Islâmico, 2010.

ALVES, José Lopes. “**O “Novo Terrorismo” e a “Velha História” – Da Teoria Substanciada à sua Prática**”. In Revista Militar. 05/02/2009. Disponível em < <http://www.revistamilitar.pt/modules/articles/article.php?id=327>. (acesso 25 de outubro de 2010).

ANES, José Manuel. **As Teias do Terror. Novas ameaças globais. O terrorismo Religioso Contemporâneo**. Lisboa: Ésquilo, 2006.

ATWAN, Bari Abdel. **A História Secreta da AL-QAEDA**. Tradução Emanuel Mendes Rodrigues. São Paulo: Larousse do Brasil, 2008.

BACELAR, Lima.(coord). **O Fundamentalismo Islão**. Instituto de Altos Estudos Militares. Geopolítica e Geoestratégia. Lisboa: Abril, 1987.

BARBER, Benjamin R. **Jihad x McMundo. Como o Globalismo e o Tribalismo Estão Transformando o Mundo**. Tradução de Gabriela Máximo. Rio de Janeiro: Record, 2003.

\_\_\_\_\_. **O Império do Medo. Guerra, Terrorismo e Democracia**. Tradução Renato de Bittercourt. Rio de Janeiro: Record, 2005.

BAUER, Alain; RAUFER, Xavier. **A globalização do Terrorismo. O protoplasma Globalizado, os Homens**. Tradução Américo Mata. Lisboa: Prefácio, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **O Mal-Estar da Pós-Modernidade**. Tradução Mauro Gama e Cláudio M. Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1998.

BECK, Ulrich. “**O Estado Cosmopolita. Para uma Utopia Realista**”. In Eurozine. 2002. Disponível em < <http://www.eurozine.com/articles/2002-01-30-beck-pt.html> (acesso 15 de maio de 2011).

BURKE, Jason. **Al-Qaeda. A verdadeira história do radicalismo islâmico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2007.

BOFF, Leonardo. **Fundamentalismo, Terrorismo, Religião e Paz**. Desafio para o século XXI. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

CARMO, Elbson do. «**Terrorismo e Fanatismo Religioso**. In o Universo Católico. 2010. Disponível em <  
[http://www.universocatico.com.br/index2.php?option=com\\_content&do\\_pdf=1&id=11807](http://www.universocatico.com.br/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=11807).  
(acesso em 31 de outubro de 2010).

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. Tradução de Roneide Venâncio Manjer com colaboração de Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CIA, O relatório da. **Como Será o Mundo em 2020**. Apresentação Heródoto Barbeiro. Tradução de Marly Netto Peres e Cláudio Blanc. São Paulo: Ediouro, 2006.

DIÁRIO DA REPÚBLICA. **Constituição da República Portuguesa**. I Série - A. Nº 193, Art.1 - 161 de 22 de agosto de 2003.

DURKHEIM, Émile. **O Suicídio**. Os Pensadores. Tradução de Luz Cary, Margarida Garrido e J. Vasconcelos Esteves. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

**ENCICLOPÉDIA**. Verbo do Direito e do Estado. V.5. Lisboa: Polis-Portucalense, 1997.

ENTENKHABIFARD, Camelia. **O Preço da Liberdade**. Tradução de Tereza Curvelo. Alfragide-Portugal: Edições Asia, 2008.

GIDDENS, Anthony. **Mundo em Descontrole**. Tradução de Maria Luiza de Borges. Rio de Janeiro: Record, 2005.

GUERRA. Bernardo Pereira de Lucena Rodrigues. **O Terrorismo, a Luta Contra o Terror e o Direito Internacional dos Direitos Humanos**. 275 f. Tese (doutorado). Pontifícia Universidade Católica - São Paulo: Programa Doutorado em Direito, 2008.

GUNARATNA, Rohan. **No Interior da Al-Qaeda. Rede Global do Terror**. Tradução de Helena Falé Chora. Lisboa: Relógio de D'Água, 2004.

HABERMAS, Jürgen. **O Ocidente Divino**. Tradução Luciana Villas Boas. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2006.

HOBBS, Thomas. **Leviatã**. Tradução Alex Marins. São Paulo: Editora Martin Claret, 2004.

HOBSBAWM, Eric. **Globalização, Democracia e Terrorismo**. Tradução José Viegas. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LUECHINGGER, Simon; FREY, Bruno S. (coord). **Terrorismo e Relações Internacionais**. Fundação C. Gulbenkian. Lisboa: Gradiva, 2006.

MAUDUDI, Abul A'la. **Jihad in Islam**. Produced by The Holy Koran Publishing House. March. 27, 2006. Disponível em <  
[http://www.muhammadanism.org/Terrorism/jihah\\_in\\_islam/jihad\\_in\\_islam.pdf](http://www.muhammadanism.org/Terrorism/jihah_in_islam/jihad_in_islam.pdf). (acesso 10/05/2011).

MEDDED, Abdelwahab. **A Doença do Islão**. Tradução Dóris Graça Dias. Lisboa: Relógio D'Água; Antropos, 2002.

MINGST, Karen A. **Princípios de Relações Internacionais**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

ONU. Carta das Nações Unidas e Estatuto da Corte Internacional de Justiça. Junho de 2001. Disponível em < [http://unicrio.org.br/img/CartadaONU\\_VersoInternet.pdf](http://unicrio.org.br/img/CartadaONU_VersoInternet.pdf). (acesso 20/05/2011).

PEREIRA, Luis Carlos Bresser. **O Gigante Fora do Tempo: A Guerra do Iraque e o Sistema Global in Política Externa**. V. 12. N. 01. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

PINTO, Maria do Céu. **A Jihad global e o Contexto Europeu**. 2ª Ed. Lisboa: Almedina, 2004.

QUAPPE, Pesse Bosco. **El Combate al Terrorismo Internacional, Nuevos Desafios Desde el Punto de Vista de La Estrategia**. Cuaderno de Difusión N° 21. Academia de Guerra del Ejército. Santiago-Chile, 2004.

RAMOS, António Fontes. **Terrorismo Transnacional**. Instituto de Estudos Superiores Militares. Lisboa: Prefácio, 2009.

RIBEIRO, António Silva. **Os Serviços de Informações no Combate ao Terrorismo**. In material de pesquisa da biblioteca da Universidade Católica de Moçambique, 2010.

ROY, Oliver. **Globalized Islam. The Search for a new Ummah**. New York: Columbia University Press, 2004.

SANCHES, Daniel Viegas. **Terrorismo Transnacional**. Terrorismo de matriz islâmica. Instituto de Estudos Superiores Militares. Lisboa: Prefácio, 2005.

SILVA, Manuel da. **Terrorismo e Guerrilha. Das origens à Al-Qaeda**. Lisboa: Edições Sílabo, 2005.

SUGAHARA, Thiago Yoshiaki Lopes. **Terrorismo e Insegurança no mundo pós 11 de setembro**. 105 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista. Programa San Tiago Dantas de Pós-Graduação em Relações Internacionais, 2008.

SUTHERLAND, Paul. **Radical Islamic Fundamentalism**. Paper Assignment #5. Professor Kunich PRO 600A Advanced Counter Terrorism, 2011. Disponível em < <http://www.pauldoestheweb.com/terrorismfolder/islamicfundamentalism.pdf> (acesso em 15/04/2011).

SUTTI, Paulo; RICARDO, Sílvia. **As Diversas Faces do Terrorismo**. São Paulo: Harbra, 2003.

VEGAR, José. **A Célula e as Fronteiras. Terrorismo Jihadista**. 51 f. Dissertação (mestrado) – Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa – Departamento de Sociologia. Programa de Mestrado em Comunicação e Cultura, 2008.

VIOTTI, Paul R.; KAUPPI, Mark V. **International Relation Theory**. Nova York: Mcmillan, 1993.

VISACRO, Alessandro. **Guerra Irregular. Terrorismo, Guerrilha e Movimentos de Resistência ao Longo da História**. São Paulo: Contexto, 2009.